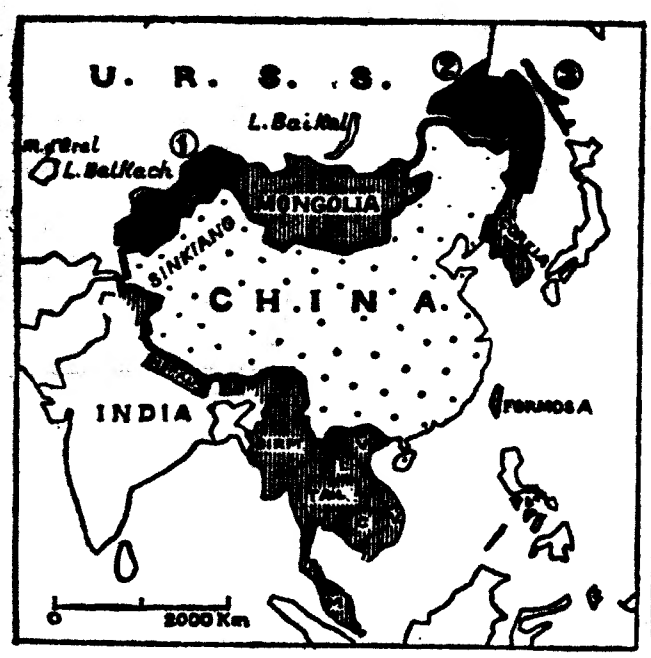
«OS PROBLEMAS DA PENETRAÇÃO DO LIVRO PORTUGUÊS NO BRASIL» (PÁG. 3)

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
TERÇA-FEIRA, 11 DE MARÇO DE 1969 N.º 16 603 ANO 48.º UM ESCUDO

VAMOS SOLTAR
A MOSCA
EM SUA CASA



A China e territórios vizinhos que parece reivindicar. Os números 1, 2 e 3 assinalam áreas soviéticas nessas condições

A FRANÇA PARALISADA

DESFILE EM PARIS

CEM MIL PESSOAS MANIFESTAM-SE NO CENTRO

PARIS, 11. (R.) — Mais de 100 000 operários em greve defilaram hoje pelo centro de Paris na maior manifestação aqui registada desde a crise em Maio do ano passado.

Os grevistas reuniram-se na Uraça da Repú blica, local tradicionalmente escolhido para as manifestações esquerdistas, e começaram a desfilar debaixo de chuva pela Avenida principal que asi daquela praça.

A Policia não tentou impedir a manifestação, não se registando incidentes.

Noutras cidades francesas realizaram-se manifestações semelhantes coincidindo com a greve geral de 24 horas organizada pelos maiores sindicatos.

Esta greve paralisou os transportes públicos, em toda a França, tendo os comboios e autocarros deixado de circular.

Camiões militares efectuaram o transporte das pessoas que moram nos arredores da capital e trabalham em Paris. Muitas, porém, tiveram que ir a pé, debaixo de chuva, para as suas ocupações.

A greve de 24 horas constitui para o presidente de Gaulle a maior crise interna desde a agitação de Maio e Junho do ano passado.

(Continua na 11.ª página)

OS CHINESES RECEIAM A AMEAÇA SOVIÉTICA NA FRONTEIRA DE SINKIANG

HONG-KONG, 11 — Os comunistas chineses mostram sinais de apreensão crescente perante a possibilidade de uma ameaça soviética à sua região fronteiriça de Sinkiang, centro de experiências nucleares e de testes com armas avançadas. Este receio, aumentado desde o choque entre tropas chinesas e russas no Rio Ussuri, reflecte séries preocupações em Pequim as quais serão, principalmente motivadas pela ideia de que Sinkiang é particularmente vulnerável ao envolvimento soviético.

A região ainda estremece sob as rivalidades partidárias desencadeadas no curso da turbulenta revolução cultural de Mao Tse Tung.

Aquela área tem sido também, por outro lado, cena de persistentes esforços soviéticos em incitar e fomentar sentimentos anti-

Por Stanley Karnow
Serviço especial do «Washington Post» em exclusivo para o «Diário de Lisboa»

-Pequim entre os Uighurs, Kazakhs e outras minorias muçulmanas ligadas a semelhantes comunidades étnicas do outro lado da fronteira soviética.

Além do mais, ficando aproximadamente a três mil milhas do principal centro industrial e bases militares chinesas, Sinkiang seria extremamente difícil de defender no caso de uma guerra.

Os observadores locais

(Continua na 10.ª página)

HOJE 28 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA

Mais livros para o novo edifício da Biblioteca Nacional de Lisboa — e entre não dos últimos, uma vez que a mudança entrou na «recta» final. O velho Convento de São Francisco ficará em breve completamente vazio, com o milhão e meio de livros que lá estão durante muito tempo. O novo edifício será inaugurado no dia 10 de Abril. (Ver na página central)

Rafael Caldera investido no cargo de presidente da Venezuela

CARACAS, 11 — (R.) — O presidente-eleito Rafael Caldera, que deverá ser investido hoje, nomeou o seu Governo, que é formado por uma senhora, um militar, sete independentes e seis membros do seu Partido Social-Cristão.

Aristides Calvani, um independente, sobraçará a pasta dos Negócios Estrangeiros e a sr.ª Haydee Castillo, social-cristã, a do Desenvolvimento.

O general Martin Garcias Villasmil, antigo vice-presidente do Conselho de Defesa Interamericano, foi nomeado ministro do Interior.

Rafael Caldera, que hoje toma posse como novo presidente da Venezuela

RECOMEÇOU A LUTA NO CANAL DE SUEZ

TEL-AVIV, 11 — (R.) — Recomeçou hoje a luta em três pontos do Canal de Suez.

Um informador militar israelita declarou que as tropas egípcias da margem ocidental do canal dispararam armas de pequeno calibre ás 8 e 30, T.M.G., de hoje.

«A GRANDE BATALHA DO SINAI»

DJEDDAH, 11 — (F. P.) — A grande batalha do Sinai pode começar de um momento para o outro», declara a Rádio saudita nas suas emissões da manhã.

Edição da noite

VAI CONTINUAR A REPRESSÃO DA ALTA DE PREÇOS

Recebemos da secretaria de Estado do Comércio a seguinte nota oficiosa:

«1. Muito embora os organismos corporativos ligados á actividade comercial e muito especialmente a Corporação do Comércio não hajam apresentado, até hoje, a esta Secretaria de Estado qualquer reclamação acerca da forma como está decorrendo a actuação da Inspecção-Geral das Actividades Económicas, têm-se verificado nos últimos dias, e, sobretudo, no Norte do País, reacções, por ora só vindas a lume na Imprensa, contra a maneira como esses serviços se esforçam por contrariar a alta injustificada dos preços.

2. Atentando em que essa actuação sempre se exerceu no âmbito em que presentemente decorre e com base em disposições legais que datam de há cerca de 12 anos, sem que contra elas se tenha esboçado a menor crítica, e considerando, ainda, que não sofreu modificação o critério que a determina, tem de concluir-se que as reacções referidas resultam essencialmente do reforço dos meios de acção da Inspecção-Geral há pouco decidido e praticado e dos quais, como se pretendia, derivou o considerável alargamento da área em que a fiscalização incide e, ainda, a possibilidade de intensificar esta em zonas de grande concentração comercial, como o Porto, até agora, pelo visto, insuficientemente inspeccionadas.

3. Perante o aumento considerável do número de autos levantados com base em especulação, não são de surpreender, antes têm de se aceitar como confirmação da eficiência do processo seguido em defesa do consumidor, o coro de protestos e as reivindicações formuladas, se bem que estas cheguem ao ponto inaceitável de se pretender nada menos do que a suspensão da fiscalização da Inspecção-Geral e a anulação de todos os autos referidos.

Sem dúvida alguma está o Governo na disposição de apreciar atentamente quaisquer reclamações devidamente fundamentadas e pode até considerar a revisão de diplomas legais que porventura se encontrem desactualizados. Para tanto, porém, é indispensável que as reclamações provenham e a revisão seja pedida por quem, na ordem estabelecida, pode pedir e reclamar.

Aliás, esse propósito do Governo nada mais significa do que o reconhecimento da indispensabilidade e do mérito de uma actividade fundamental no enquadramento económico de uma sociedade organizada, actividade essa que entre nós tem uma tradição de honestidade que não pode ser afectada pelo procedimento daqueles que dessa tradição pretendem beneficiar sem que entre comerciantes se possam incluir.

4. Entretanto e mesmo enquanto se estudem reclamações ou sugestões que eventualmente sejam apresentadas, não pode ser abandonada a defesa do consumidor, sobretudo se aquelas se basearem nas circunstâncias a seguir referidas, que se julgam plenamente consideradas e atendidas.

A Inspecção-Geral foram dadas ordens, que se mantêm e manterão, para proceder com urgência e firmeza, o que, no entanto, não é de nenhuma maneira incompatível com uma margem razoável de compreensão e tolerância que constituirá o início do regresso á normalidade.

Cumprindo essas ordens com exactidão no que respeita ao comércio de produtos cujo preço não está tabelado, mas que têm elevado grau de essencialidade, a acção de fiscalização só tem passado de preventiva a repressiva nos casos de evidente e irrefutável especulação.

Não se desejando, numa antecipação do julgamento dos tribunais competentes, dar conhecimento dos prevaricadores limitar-se-á agora o esclarecimento a relacionar, exemplificativamente, as margens de lucro líquido que em geral se verificaram, na venda daqueles produtos, todas muito para além do limite consentido pelo art.º 24.º do Decreto-Lei n.º 41 204, de 24-7-1957, e que, por consequência, plenamente justificaram a autuação:

Artefactos de malha, de 43 % a 86 %; Artigos eléctricos, de 63.3 %; Artigos de óptica, de 87.5% a 450%; Artigos ortopédicos de 62.5 % a 71.4 %; Calçado, de 50 % a 94 %; Camisas, de 42.4 % a 141 %; Casacos para homem de 43% a 83%; Roupa de senhora, de 50 % a 67% Gabardinas, de 45% a 210 %; Guardas-chuva de 50% a 52,9%; Lanifícios, de 45% a 89%; Louças, de 43% a 82.7%; Meias, de 52.8%; Pijamas, de 50% a 59,5%; Produtos de higiene, de 93% Pastas escolares de 94.4% a 147.6%; Roupa para criança, de 66.6% a 87%; Roupa para homem, de 49% a 136.7%; Papéis de desenho e pautado, de 90%; Queijo, de 81.9%; Fogões a petróleo, de 53%; Ferros de engomar, de 46% a 96%; Colchas de 52.7%; Cobertores, de 45.3%; Cintos, de 107.3% a 132%; Malas, de 56% a 162%

Citadas estas percentagens, que dizem respeito a centenas de casos em cada artigo, ter-se-á uma ideia do presente surto de especulação e sem prejuízo de algum acerto na legislação vigente, que, como se vê, longe de ser aplicada com rigor, está, preventivamente a ser usada com brandura imposta até pelo número de clamorosas circunstâncias que exigem intervenção imediata concluir-se-á que longe de suspender a meritória fiscalização da Inspecção-Geral das Actividades Económicas e de anular os autos levantados, terá aquela de ser intensificada e estes de ser quanto antes remetidos aos tribunais.»

Uma reunião na União de Grémios de Lojistas de Coimbra

COIMBRA, 11 — A União de Grémios de Lojistas de Coimbra vem desenvolvendo a sua actividade junto dos organismos congéneres de Lisboa e Porto e também, especialmente junto da Corporação do Comércio e da Delegação da Zona Centro da Inspecção-Geral das Actividades Económicas, com o objectivo de encontrar solução adequada para o momentoso problema da fiscalização de preços no comércio retalhista. Assim houve, na sede esta manhã, uma reunião na qual estiveram presentes os srs. Manuel Alberto Andrade e Sousa, presidente da Corporação do Comércio; dr. Enes Ferreira, inspector superior da I. G. A. E.; capitão Jorge Ferreira, inspector-adjunto; dr. Tatto Marinho, juiz da I. G. A. E.; dr. Francisco dos Santos, economista da Inspecção, José Miguel, inspector secretário; António Miranda Veloso, presidente da União de Grémios de Lojistas de Coimbra; e ainda os presidentes dos doze grémios e componentes das direcções dos Grémios de Comércio da Figueira da Foz, Aveiro, Viseu e Lamego e a direcção do Grémio de Retalhistas de Mercearia de Coimbra.

Ao abrir a sessão, o sr. António Miranda Veloso dirigiu saudações á assembleia e manifestou a sua satisfação pela presença das entidades referidas, salientando que estes contactos são sempre de grande utilidade, pois permitem esclarecer ideias e formular sugestões, que — disse — mais alimentarão a mútua confiança que deve existir entre os que pugnam pelo cumprimento da lei e dos que lhe devem obediência.

Prosseguindo, disse o que tem sido a actividade da União de Grémios no sentido de corresponder com adequadas medidas para suster o aumento do custo de vida, e da melhor boa vontade para o efeito. Acrescentou esperar que da parte da Inspecção-Geral das Actividades Económicas exista a melhor compreensão, certo de que uma diligente acção persuasiva e uma mais equilibrada percentagem no domínio das despesas gerais contribuirão para a desejada normalização da política dos preços.

Seguiu-se uma longa troca de impressões, que se prolongou pela tarde.

NEVE EM NEWCASTLE PARA O VITÓRIA DE SETÚBAL

NEWCASTLE, 11 — (R.) — A neve, que hoje começou a cair nesta cidade, veio aumentar as esperanças da equipa local de vencer o Vitória de Setubal no jogo de amanhã, a contar para a «Taça das Cidades com Feira».

Joe Harvey, o responsável técnico do Newcastle, declarou, hoje, aos jornalistas:

— *As condições do terreno são-nos favoráveis, pois a neve está a cair muito macia e o jogo será disputado num terreno pesado. Não existe o perigo de um adiamento, pois o árbitro sueco Curt Ledberg já examinou o campo e considerou-o em condições para o desafio.*

Por seu turno, Fernando Vaz, o treinador do V Setubal, mostrou-se pouco entusiasmado com a neve, e disse:

— *Nós temos esperanças e estamos dispostos a jogar ao ataque, mas não nos agradam a neve e o frio.*

Segundo disse, muitos dos jogadores do Vitória de Setubal nunca até hoje actuaram num campo coberto de neve.

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

Artes plásticas

Armando Anjos expõe na S. N. B. A.

Armando Anjos apresenta neste momento, em duas saletas de entrada da S. N. B. A., uma série de paisagens e retratos. Nas paisagens avultam os recantos da cidade, com Alfama em relevo, e aqueles aspectos de cidades e campos do Canadá, sobretudo de Montreal.

Firmeza de traço, sentido da cor, harmonia, são características da arte de Armando Anjos, que vemos pela primeira vez. Domina a arte do pastel com segurança, e estamos, sem dúvida, em face de um artista que poderá ir longe. O desenho sólido, os planos fundos e a forma como resolveu problemas difíceis em algumas das suas obras dão-nos a medida das suas possibilidades. O retrato de senhora, que se acha na primeira sala, poderia ser assinado por autor consagrado.

Estamos em face de um artista de escola, talvez não se tendo libertado ainda dos liames que a escolaridade traz sempre, mas não há dúvida que o saber para conseguir horizontes largos ele o tem.—R.

O aguarelista José Rodrigues apresenta-se em Setúbal

José Rodrigues, aguarelista que ainda há bem poucas semanas conseguiu êxito assinalado no Palácio Foz, apresenta-se, a partir de sábado, numa sala do Museu de Setúbal.

O conhecido artista, que na península de Setúbal vive, em face ao mar, dá-nos na exposição umas dezenas de quadros da região. Desde Sesimbra, á Costa da Caparica, ao Monte, á cidade do Sado e á Arrábida de poetas e místicos, José Rodrigues apresenta obras diversas, realizadas nos últimos tempos.

A exposição é inaugurada no sábado, á tarde.

O Dia Nacional da Dinamarca lembrado no Rotary Clube

Na sessão semanal do Rotary Clube de Lisboa, a que presidiu o dr. Eduardo Elmer Ujpetery, e com a presença do embaixador da Dinamarca e de outras personalidades, foi lembrado o Dia Nacional da Dinamarca.

O secretário do clube, dr. António Manuel Nunes de Oliveira, deu conta do expediente e anunciou que, na última reunião, após a visita ao Centro Helen Keller, foi feita uma «quete» para aquela instituição, que rendeu 22 700$00, e que o clube tinha, também, resolvido apadrinhar duas crianças da Aldeia S. O. S., organização a favor das crianças abandonadas, que já tem ramificações em todo o Mundo, e que foi criada pelo rotário austríaco dr. Hermann Gmeiner. Por fim lembrou, também, que a Conferência do Distrito tem lugar em 25, 26 e 27 de Abril em Viana do Castelo.

Na altura própria, o presidente dr. Eduardo Elemer Ujpétery deu a palavra a madame Bodil Begtrup, que proferiu uma brilhante alocução alusiva á Data Nacional da Dinamarca.

MISSA POR MOTIVO DO SISMO

A Câmara Municipal de Lisboa manda celebrar, na sexta-feira, ás 18 horas, na igreja de S. Vicente de Fora missa de acção de Graças, por motivo de não se terem registado desastres pessoais na cidade, aquando do sismo de 28 de Fevereiro.

PALESTRAS DE INICIAÇÃO ARTÍSTICA

Prossegue amanhã, às 18 e 30, no Museu Nacional de Arte Antiga, a sétima palestra da série intitulada «Para uma compreensão do século XX», especialmente orientada para a juventude pelo dr. Rio-Carvalho.

O tema da palestra será: «Pintura abstracta» (geométrica e expressionista). A entrada é livre, pela Rua das Janelas Verdes.

Passaram de mão em mão 4500 contos da «taluda»

LEIRIA, 11 — Está provado que o destino prima muitas vezes por ser caprichoso: o caso que se passou nesta cidade, na última semana, assim o confirma. Desta feita foi um bilhete da lotaria da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa que serviu de instrumento aos desígnios da sorte.

Um agente de jornais e lotarias recebeu de Lisboa, entre outros, o bilhete com o n.º 37 949 (que viria a ser premiado com 5000 contos). Ali esteve o jogo por vender e, não aparecendo quem se interessasse por ele, deambulou pelas ruas da cidade. Com bastante jogo por vender, o primeiro comprador conseguiu que um outro ardina, o sr. Augusto Bernardino Gaspar, vendedor do nosso jornal, lhe ficasse com o bilhete.

Mas a sorte não *andava*, e o sr. Augusto Gaspar, sentindo aproximar-se a hora crucial e porque apenas conseguira vender uma fracção, viria a dispensar o mesmo número a outro cauteleiro, o sr. Ernesto dos Santos, de Monte Real (que já em tempos vendera a sorte grande). Este homem, alargando o seu raio de acção, afastou-se um pouco do centro da cidade onde quase sempre o bilhete estivera, e começou a *trabalhar* a coisa. Depois de muitas recusas e negas, acabaria por encontrar a pessoa que a sorte iria contemplar, compadecendo-se do cauteleiro que estava na iminência de ficar com o jogo por vender.

Não há dúvida de que o sr. Hermenegildo Marques Roldão, industrial nesta cidade teve dedo para adivinhar: as fracções que ninguém queria renderam-lhe 4500 contos. Mas para isso foi necessário haver dois cauteleiros aflitos e um terceiro mais empreendedor. A sorte andou realmente de mão em mão

O INTERCÂMBIO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO

OS PROBLEMAS DA PENETRAÇÃO DO LIVRO PORTUGUÊS NO BRASIL

Por MARIA LÚCIA LEPECKI

A dr.ª Maria Lúcia Lepecki, assistente da cadeira de Literatura Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, tem desenvolvido notória acção na divulgação da literatura portuguesa contemporânea no Brasil. Numerosos estudos, artigos e ensaios sobre autores portugueses têm sido publicados na Imprensa do Brasil pela dr.ª Maria Lúcia Lepecki, que é hoje justamente considerada autoridade na matéria, no seu país. No artigo que hoje publicamos, e no que se lhe seguirá, a nossa colaboradora analisa desassombradamente uma série de actualíssimos problemas relacionados com a expansão da cultura portuguesa no Brasil.

O ELOS CLUBE DE LISBOA realizou, há dias, uma mesa-redonda sobre a «Mútua Influência Cultural Luso-Brasileira». De tal discussão esperam-se, como é óbvio, sugestões de medidas a serem tomadas para a mais real aproximação dos dois países. É de se desejar, por outro lado, que assunto de tal importância não se limite a ciclos mais ou menos fechados e que, pelo contrário, venham a público com frequência, e tratados com a seriedade passível de despertar interesse real em todo o nível de indivíduos cujas actividades, nos mais diversos ramos, se prendam, de alguma forma, ao intercâmbio cultural luso-brasileiro.

Dentro desse campo, o que mais fàcilmente salta à vista é o problema da pouca penetração de livros portugueses no Brasil, e vice-versa. Seja em Literatura, em Ensaísmo, em Ciência ou em Tecnologia, os dois países vêem-se, realmente, a braços com enormes dificuldades na troca de livros. A insuficiente penetração do livro, de graves consequências culturais, merece uma análise que, ainda que sucinta, tente estabelecer os motivos do facto.

No que diz respeito à Literatura, quais os motivos que impedem, ou, pelo menos, dificultam, a expansão do livro português no Brasil? Na mesa-redonda do Elos Clube tentou-se estabelecer as causas, ou a causa, do facto. De todas as explicações a que se aludiu, uma apresenta particular interesse, pelo que parece implicar de distorção do problema: sugeriu-se que a literatura portuguesa não penetra no Brasil porque, realmente, a sua *temática* não desperta interesse. Parece-nos ser isto afirmativa temerária, na medida, inclusive, em que coloca a Literatura Portuguesa em nível secundário em relação às outras literaturas. De facto, se no Brasil se lêem, tão fàcilmente, franceses, americanos, polacos ou italianos, por qual motivo não se lerão os portugueses? Serão os problemas abordados por esses autores mais interessantes, mais actuais ou mais prementes que os colocados por portugueses? Não parece ser o caso. Na ficção, por exemplo, atraem tanto um Vergílio Ferreira, uma Agustina Bessa Luís e um Fernando Namora como podem atrair quaisquer dos escritores estrangeiros traduzidos no Brasil. Não nos parece que os escritores portugueses sejam em nada inferiores aos estrangeiros: pelo contrário, apresentam certa força quase telúrica, que, em muitos meios talvez mais civilizados — o que, muitas vezes, significa apenas mais sofisticados —, já se perdeu totalmente.

As dificuldades de comunicação com o leitor brasileiro

Muitas vezes notamos que o leitor médio brasileiro pode perfeitamente apaixonar-se por um livro português discuti-lo, vivê-lo, como o faz com obras de qualquer outra proveniência — desde que — e isto é o problema — tenha acesso ao dito livro. Ao nível, por exemplo, da nossa experiência de ensino de Literatura Portuguesa em Faculdade já por mais de uma vez nos ocorreu ver alunos que, inclinados, a princípio, por especialização em literatura francesa ou inglesa, voltaram-se para a portuguesa, sobretudo após o estudo de autores contemporâneos — pormenor que é importante frisar, visto como é prova cabal de que os escritores portugueses não só não estão desactualizados, como, ainda, são capazes de interessar a uma juventude profundamente consciente dos problemas do mundo contemporâneo.

A que outro nível, então, se poderá colocar o problema? Talvez — e foi aventada a hipótese na mesa-redonda a que nos referimos — ao nível da diferenciação linguística entre os dois países. Hipótese não de todo destituída de fundamento, como, por experiência própria, podemos afirmar. De facto, verifica-se uma dificuldade de *comunicação* entre o leitor brasileiro e o livro — sobretudo o romance — português. Dizemos *comunicação* e não *compreensão:* ao nível lógico, é evidente que se percebe tudo, ou quase tudo. É, principalmente, ao nível do *sugerido* que se coloca a dificuldade, na medida em que as sugestões que a palavra provoca são, muitas vezes diferentes no leitor brasileiro e no leitor português. Mas não se localiza ainda aí o fundamental do problema de comunicação. Esta se torna particularmente deficiente para o brasileiro quando se trata de *diálogo* de personagens de romance. É aí que está o problema: o leitor brasileiro quase se recusa a aceitar como *normal* um diálogo em que a sintaxe e a regência são respeitadas, em que a estrutura frásica é mais rígida, em que as interjeições são outras. Já nos ocorreu ouvir, de alunos universitários que tiveram, de uma forma ou de outra, contacto com portugueses de certo nível, o comentário: «Mas eles falam, realmente, como nos livros...» Neste ponto, o romance português leva desvantagem para os que são traduzidos para «brasileiro»; nesses últimos, tudo, obviamente, soa mais natural.

(Continua na página seguinte)

Nota do dia

NÓS, OS REINCIDENTES...

VAI EM PERTO DE QUATRO MESES levantou-se aqui, «in abstracto», o problema do uso, para fins particulares, dos automóveis do Estado postos ao serviço de funcionários. «Claro que há uma lei», escrevíamos, sem que na altura se tornasse necessário ou possível citá-la, porque não tínhamos a ficha e porque, em boa verdade, não tínhamos também algum caso concreto que nos empenhássemos em ver se sim ou não cabia na forma legal. E exemplificava-se com as hipóteses possíveis de levar os meninos ao colégio ou ir à praça mercar as compras do dia. Que pensar de tal, se tal verificasse?

O que nos determinava era, pois, um simples enunciado de regras morais de aplicação prática e corrente, que se pretende naturalmente estejam em permanência no espírito de todos. É o mínimo que se pode esperar, mas é também o mínimo que se pode exigir. E tanto mais se há-de exigir quanto mais alto na escala social estiver o sujeito da acção: ao capitão mais que ao sargento, ao juiz mais que ao escrivão, ao ministro mais que ao seu motorista. Como sempre se sabe dizer, sem que seja preciso repeti-lo, o exemplo vem de cima.

Houvemos necessidade, dias depois, de voltar ao assunto, tantas e tão variadas foram as missivas que nos remeteram a propósito da questão levantada. De todos esses ecos suscitados por tão mole e pachorrento desabafo, apenas se reteve o que, por assim dizer, constituía o seu complemento, que era a informação do regime legal (Decreto-Lei n.º 26 526, de 17-4-936) aplicável. E aí se passava do abstracto ao concreto, porque a lei não é uma abstracção, é uma realidade que há-de estar à vista de todos, tanto como de alta que está a todos ela deve igualmente contemplar.

De novo chamam a nossa atenção para o mesmo problema. Fazemos naturalmente o que está ao nosso alcance e se espera de nós: que chamemos nós a atenção de quem pode fazer alguma coisa. Não nos parece difícil nem impertinente. Bastaria que em cada ministério o respectivo titular lembrasse o que está escrito na lei. E qualquer ministro, mesmo em termos brandos e discretos, o poderia fazer: «Tenham paciência, mas é a lei. E a lei nem ao ministro autoriza...» Efectivamente, lá está escrito (art. 20.º) que «os automóveis atribuídos a qualquer autoridade ou funcionário só podem ser utilizados pelos membros da respectiva família quando na companhia dessa autoridade ou em representação oficial». Única excepção: os carros afectos à Presidência da República.

«A MINHA TERRA»

Não são muitos os naturais de Lisboa. Até os que nela nasceram falam da terra de seus pais como se fosse a deles. Parece que Lisboa é para nela viver e não para nela nascer. Ainda há semanas vimos o actual Presidente do Conselho ir à região de Arganil e Castanheira de Pêra onde nasceram seus pais e ser recebido como dela natural, ele que em Lisboa nasceu.

E se são poucos os de Lisboa, menos ainda são os naturais do Chiado. E os do Rossio? Um jornalista conhecemos nós que se orgulha de miguelista de nascença porque começou a gritar às barbas de D. Pedro IV desde que viu a luz do dia, num quarto andar da praça. «Avis rara», sem dúvida. Infelizmente ainda mais rara por ser natural do Rossio do que pelas ideias...

Os naturais do Chiado! Faleceu há semanas, a sr.ª D. Angélica Barreto da Cruz Bordallo Pinheiro, irmã do jornalista e diplomata Luís Barreto da Cruz, que foi chefe do Protocolo, e era viúva do artista Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, falecido em 1920.

Ora, os Bordallo Pinheiro são naturais de Lisboa. O patriarca da família, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, pai do Rafael, do Columbano, do Tomás e de D. Maria Augusta, vivia na Rua da Fé onde lhe nasceram os filhos, menos o Columbano, que foi nascer a Cacilhas porque tinham posto o Tejo entre a família e a febre-amarela a grassar em Lisboa, em tempos de El-Rei D. Pedro V.

Rafael Bordallo Pinheiro viveu no Largo da Abegoaria, em frente ao Casino Lisbonense. O Largo chama-se hoje de Bordallo Pinheiro e no Casino onde se realizaram as conferências de Antero do Quental, Adolfo Coelho, Eça de Queirós, Augusto Soromenho, encontra-se instalada uma casa de móveis e tecidos. Nesse largo pacato, a cinquenta metros do Chiado, nasceram os filhos do grande caricaturista. Entre eles o Manuel Gustavo, artista como o pai e seu colaborador na «Paródia» e noutros jornais.

Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro, nascido em 20 de Julho de 1867, com três anos, anduria por ali a brincar às escondidas com os outros fedelhos da sua idade, quando o Antero, o Eça e seus pares agitaram o meio pascácio e provocaram as iras do marquês de Ávila e Bolama.

Depois fez-se cidadão do Chiado e passava a vida naquele mundo que vai da Rua de São Roque ao Carmo e ao Chiado, pouco botando até o Loreto ou a São Roque. O seu pouso era o Tavares onde desenhava, comia e bebia. Mas um dia casou com D. Angélica Barreto da Cruz e como ela tinha uma moradia ao Campo Pequeno foram viver para lá.

Era o cabo do mundo e, fora de todo o convívio, Manuel Gustavo sentiu-se esmorecer. Nem os desenhos lhe saíam em termos e era como se lhe faltasse a seiva. Entristara. Como Anteu, precisava de sentir sob os pés o solo onde brotara.

Passaram tempos e a moradia do Campo Pequeno foi vendida, indo o casal procurar morada em andar de prédio colado ao Tavares. Preparos de partida, barafunda, carroças com mobílias e o nosso amigo Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro a sair para a rua de bengalão ao ombro e com um saco de roupa na ponta. Do alto de uma janela grita-lhe a esposa, açodada:

— Ó Manuel Gustavo! Não vês a figura em que vais?

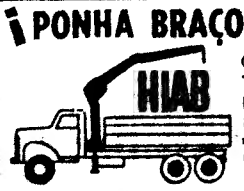
E ele sem se voltar, muito animado, como se se tivesse reencontrado:

— Ó mulher, deixa lá! Então não vês que eu vou para a minha terra?

RAUL REGO

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

TAPETES
Carpélio
Dist. Exclus.
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO—LISBOA
CARPETES

¡PONHA BRAÇOS HIAB NO SEU CAMION!


O CARREGADOR HIAB ELEVA TUDO: ATÉ OS SEUS LUCROS! DEFENDA-SE, COMPRANDO BRAÇOS A PREÇOS FIXOS!
ROLIM COMERCIAL, S. A. R. L.
R. Vitorino Damásio, 3 - Tel. 66 81 73 - Lisboa
R. Passos Manuel, 51 - Tel. 3 44 33 - Porto

UM ESFORÇO INTENSO DE REORGANIZAÇÃO POLÍTICA PREPARA O PRÓXIMO CONGRESSO DO P. C. CHINÊS

TÓQUIO, MARÇO — O IX Congresso do Partido Comunista Chinês irá reunir-se para resolver os problemas do regime nascente ou deverá esperar que as questões fundamentais se tenham regulado primeiramente? Neste último caso, cumpriria esperar pacientemente, durante vários trimestres, sem, aliás, ter a certeza de ter tudo devidamente esclarecido. A maioria é de opinião de que a convocação do congresso está «próxima» como dizem os textos, isto é, de que dentro de poucos meses se dará.

Dos dez a vinte milhões de membros que o novo partido deve comportar, devemos destacar sete a quinze milhões de camponeses, que não podem distrair-se dos trabalhos dos campos durante o período muito agitado dos labores de Primavera: Abril ou Maio, consoante as regiões. De facto, a designação dos mil delegados exige um tempo considerável e muitos esforços, a todos os níveis. É concebível que o congresso venha a ter lugar no Verão, mas supõe-se que Pequim tem a intenção de se adiantar à reunião dos partidos comunistas, em Moscovo, a qual está prevista para o mês de Maio. Será possível que se dêem alguns passos no sentido da constituição de uma nova Internacional, por altura da chegada à capital chinesa de delegações de todos os pequenos partidos irmãos, encarregados de animar as guerrilhas no Sudeste Asiático ou em qualquer outro lado.

No entanto, uma próxima reunião do Congresso, há tanto tempo esperada, viria cair em meio a tantas incertezas e após um período de preparação tão tão curto que toda a expectativa se impõe. É certo que as comissões estão a trabalhar já há vários meses, e que a publicação, no estrangeiro, de um *Projecto de Estatutos*, novos do partido, constitui prova tangível desse trabalho. Mas não se deixa de ficar surpreendido com o tom vago e delicado do documento.

Poucas coisas dá a conhecer sobre as intenções dos dirigentes. O objectivo geral é o de impedir a degradação qualitativa da organização, a perda do moral e da moral dos militantes. Para isso conta-se com um «contrôle» mais apertado da direcção, pelos membros da base, com um recurso mais fácil a exercer junto dos chefes supremos.

Mas isso, que outrora não conseguiu impedir o afrouxamento consecutivo ao Grande Salto, não poderia bastar para o futuro. A resposta arranjada para o imediato foi a constituição de uma equipa dirigente, saída da antiga, após a depuração, e cuja qualidade e mérito não podem, por agora, ser ainda garantidos. Lin Piao, sucessor curiosamente designado de presidente Mao, parece constituir esta caução de fidelidade ao ideal colectivista.

Apesar da recente referência — na discussão com os Estados Unidos sobre os encontros de embaixadores de Varsóvia — ao ideal de coexistência pacífica, a menção deste último, explícito nos antigos estatutos, desapareceu do novo texto em benefício de uma declaração de guerra em duas frentes, a do imperialismo e a do revisionismo, declaração que temos todas as razões para tomar a sério. Tanto mais que vem acompanhada de uma afirmação sem equívoco da vocação internacionalista do partido.

A BASE DIVIDIDA DO PARTIDO

Do pequeno texto, curto e sem especificações, do *Projecto de estatuto* retira-se, ainda, a impressão de que as garantias clássicas da democracia tradicional, o voto secreto, o próprio recurso às eleições para designação dos escalões superiores, estarão ausentes. A tonalidade fortemente marcada do antigo texto, que, pouco depois do vigésimo Congresso do P. C. da União Soviética, apontava todas as consequências dos malefícios recentemente denunciados do culto da personalidade, deixou lugar à previsível afirmação de que o pensamento de Mao-Tse-Tung constituía a linha directiva do regime e a sua teoria.

Não se pode esperar que este documento diga muito mais que isto, até porque ele não é, talvez, mais que um projecto entre outros e que será verosimilmente emendado antes da adopção definitiva. A preocupação do legalismo e do respeito pelos textos parece, além disso, muito limitada na China contemporânea, e o clima do futuro congresso depende, antes do mais, dos resultados obtidos nas lutas actuais. As declarações que se adoptarem por altura dessa grande cerimónia sem real eficácia terão um valor bastante restrito.

Os meses presentes são, pois, decisivos. São assinalados por um intenso esforço de reorganização geral, pela escolha política pessoal dos quadros intimados, neste período crucial, a escolher os seus campos, e pela depuração de todos os elementos considerados irrecuperáveis ou inúteis. Trata-se de fixar as bases do regime e de designar os seus responsáveis a todos os escalões locais onde quotidianamente se processa a vida do partido: mais de meio milhão de células dispersas por umas setenta e cinco mil comunas camponesas e urbanas, para nos ficarmos pelos escalões de base. No total, uma população militante, há pouco orçada em dezoito milhões de indivíduos, que tem de se exprimir e votar para manutenção da nova linha.

Uma etapa importante, já passada por várias províncias, é a reunião de congressos dos diferentes escalões locais, cantões, bairros e prefeituras, quando a situação foi já regulada na fábrica, na cooperativa, no escritório, na escola e na rua, assim como na caserna. Ninguém duvida de que os «comités» revolucionários, durante muito tempo apresentados como provisórios, se tornaram, com o decurso das múltiplas peripécias dos últimos anos, os verdadeiros fundamentos do regime e o colégio eleitoral dos delegados ao congresso.

O facto, contudo, é que a unidade de base só lentamente continua a progredir. Se os «comités» revolucionários estão criados um pouco por toda a parte, não têm atrás de si a totalidade dos que se consideram revolucionários, especialmente dos jovens, que não apreciam plenamente o papel preponderante atribuído aos operários no plano ideológico. Os seus impulsos de entusiasmo susceptível, violento e turbulento, dificilmente encontra meio de se exprimir pela via da disciplina e do bom-senso que os novos chefes, acabados de chegar das fábricas, lhes prescrevem.

O papel anormalmente importante que o Exército continua a ter à cabeça dos «comités» revolucionários das províncias e das pequenas localidades mostra que, apesar do primado teòricamente atribuído aos operários, estes sempre necessitaram de um enquadramento e de um serviço de ordem exteriores às suas fileiras. É que a unidade está longe de se fazer sobre aquilo que o partido devia ser, sobre o programa desejável e realizável, sem falarmos da política de recrutamento intensivo lançada recentemente e do julgamento de que foram objecto as personalidades discutidas.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Contudo, subsiste ainda um núcleo substancial do antigo Partido, núcleo que facilita a transição de um regime para outro. É impossível cifrar a sua importância real. Nos organismos centrais, Governo ou «Comité» Central, podemos considerar que metade dos efectivos permanecem no seu posto. Nos escalões inferiores, a proporção varia, bem entendido, com as regiões e os sectores, mas não há razões para pensar que as depurações aí tenham sido mais severas. Os responsáveis locais, que podem sempre pôr-se a coberto, invocando as ordens recebidas de cima, mais fàcilmente se fazem reabilitar que as personagens de primeira plana, de quem se não aceitam autocríticas feitas só por metade.

PURGA OU PERDÃO

As purgas operadas nos Ministérios e comissões do partido foram severas, mas é abusivo afirmar, como alguns fazem, que a organização foi dizimada. A editorial de 1 de Janeiro insistia na necessidade de uma política compreensiva para com os que haviam errado e censurava os acusadores por extorquirem as confissões de modo, por vezes, violento. Uma vez que os responsáveis tenham reconhecido os seus erros, se, na verdade, tiverem a consciência de que erraram, *«cumpre libertá-los sem delongas... Cumpre que se reduzam as dimensões do objectivo visado e que se auxilie um grande número de pessoas por meio da educação... Purificando as fileiras, devemos praticar a política definida pelo presidente Mao, incluindo a política proletária de «arranjar uma via de saída»*.

Encontraremos, portanto, muitas figuras antigas no próximo congresso. Mas os novos membros, os que provaram o seu activismo no decurso dos três anos de revolução, serão, provàvelmente, representados mais que proporcionalmente. É significativo que nesta fase decisiva se tenha suprimido a antiga obrigação do período probatório de um ano, a qual teria tornado impossível a participação dos novos revolucionários nos «comités» locais e, eventualmente, no congresso. Alguns camponeses pobres e operários puderam, assim, ser promovidos à direcção dos comités revolucionários provinciais, com uma nova autoridade que eles podem fazer valer em face dos antigos burocratas e eventualmente dos militares.

Estas transformações parciais do aparelho não se processem sem choques. A acreditarmos numa recente instrução do Comité Central, o Exército merece, de tempos a tempos, ser chamado à ordem e á disciplina perante os civis. É-lhe recordado que não tem um papel político próprio a desempenhar, que a sua tarefa é a de proceder à educação política e a de se pôr ao serviço dos comités revolucionários e facilitar a execução das suas decisões.

Tais ordens podem surpreender, se nos lembrar-

(Continua na 7.ª página)

O INTERCÂMBIO CULTURAL LUSO-BRASILEIRO

(Continuação da pág. anterior)

Não nos parece, entretanto, que tal diferenciação de língua seja a causa fundamental da pouca penetração do livro português no Brasil: o esforço de compreensão do livro português ao nível da linguagem não pode ser — e efectivamente não é — maior que o esforço que se faz para penetrar, por exemplo, a mensagem e a forma de Cortazar.

Ao que tudo indica, a causa do problema deve ser procurada em outro nível, não já literário, mas prático e mesmo comercial.

O alargamento da distribuição do livro português

O facto é que alguns, muito poucos, escritores portugueses, sobretudo romancistas, têm público certo no Brasil. São, principalmente, Ferreira de Castro e Fernando Namora, entre os vivos. Deixando de parte o mérito das respectivas obras, a que se deverá tal penetração? É evidente que se deve principalmente à eficiente distribuição dos livros, muitos deles, para os dois autores citados, com edições brasileiras. O comprador de livros encontra, então, normalmente, nas livrarias maiores, ao lado de obras brasileiras e estrangeiras, também o livro português. E compra-o, naturalmente. Parece que é por aí que se deve atacar o problema: eficiência na distribuição, variedade de títulos e de autores, publicidade bem montada, e todos os níveis: seja através da crítica especializada, seja através de notas de leitura ou da periódica apresentação dos últimos lançamentos portugueses no Brasil. Com esse tipo de organização e com a preparação do mercado, nenhum motivo haverá para que a literatura portuguesa não penetre no Brasil.

A literatura técnica e científica

No campo da ciência e da tecnologia, por outro lado, o problema é análogo: desconhecem-se no Brasil, como em Portugal, os grandes nomes e as grandes obras nesses campos, facto também a ser ponderado para que se verifique um verdadeiro intercâmbio. Todas as circunstâncias deveriam levar os dois países a colaborarem no campo científico e tecnológico, sem dúvida o mais importante para a real aproximação dos povos, no tipo de civilização em que vivemos. As facilidades decorrentes de se falar a mesma língua, as afinidades provenientes de estarem os dois países em vias de desenvolvimento da pesquisa científica e da formação de uma tecnologia nacional, a presença de grupos de cientistas e técnicos a trabalharem nos mais diversos assuntos — da genética à geologia, da física experimental à engenharia — tudo isto deveria provocar um fecundo intercâmbio. O que, como é sabido, não ocorre. Portugal e Brasil acham-se polarizados, na ciência, com países desenvolvidos, quando é da colaboração entre países *em desenvolvimento*, e, portanto, com o mesmo tipo de problemas que podem surgir soluções apropriadas, na medida em que a insuficiência de verbas dedicadas à ciência e a falta de pessoal de alto nível em número satisfatório colocam o pessoal científico de lá e de cá diante da necessidade de criação de soluções diversas das dos países desenvolvidos. Ainda que baseando-se na ciência e na tecnologia americana, alemã ou francesa, o caminho de Portugal e do Brasil, nesse ponto, é mais *criador* que adaptador. Não é sem razão que no Brasil já se notou, em muitos campos, que a cooperação com a França é mais profícua, na ciência, que a com os E. U. A., dada a abissal diferença de recursos técnicos e humanos de que dispõem brasileiros e americanos, diferença que é bem menor em relação aos franceses.

Parecem-nos esses dois pontos fundamentais para a aproximação real entre Brasil e Portugal: livros portugueses e brasileiros a invadir, realmente, as livrarias dos dois países, para chegarem ao consumidor comum. E troca, a sério, de cientistas e técnicos, para pesquisa, ensino e trabalho prático nos dois lados do Atlântico.

MARIA LÚCIA LEPECKI

Ajuda a suprimir a preocupação das folgas dos
Dentes postiços
Não se preocupe mais nem se apoquente com a dentadura postiça solta. DENTOFIX, um pó alcalino especial (não ácido) para golvilhar as suas placas, fixa as mesmas firmemente de modo que lhe proporcione maior conforto. Acalma e refresca as gengivas causticadas pelo ácido excessivo na boca. Evita aborrecimentos ocasionados pelas placas folgadas. Peça hoje mesmo Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Grupo de «Majas» chegando a Barajas, a caminho de Saragoça, por ocasião do concurso de «Maja Internacional — 1967». Na foto, da esquerda para a direita, as representantes dos Estados Unidos da América do Norte, Marrocos, França, Espanha, Irlanda e Inglaterra

NOTÍCIAS DOS ESTÚDIOS

■ *«Repugnante» para uns, «uma obra-prima» para outros: estas são algumas das opiniões expressas a propósito do filme de Pietro Germi, «Senhoras e Senhores», opiniões referidas num artigo de crítica publicado no «Komsomolskaia Pravda», de Moscovo.*

■ *O realizador Martin Ritt, que acabou de rodar «The Molly Maguires» com os actores Samantha Eggar e Richard Harris, proferiu na Universidade de Ohio uma série de conferências sobre esta película, que relata a história de um grupo de mineiros irlandeses que emigraram para os Estados Unidos há um século.*

■ *O realizador Jean Gerault vai rodar uma película intitulada «Le Gendarme à la Retraite», na qual o actor Louis de Funès volta a envergar o uniforme de agente.*

■ *O actor negro Jim Brown e George Kennedy são os principais intérpretes da película intitulada «Tick, Tick, Tick», que narra a eleição de um xerife negro em substituição de um xerife branco. Realizador: Ralph Nelson.*

■ *«A Promessas, uma comédia do russo Alexei Arbusov, que já subiu à cena na Itália, representada pela companhia de Franco Zeffirelli, vai ser transposta para a tela. A realização está a cargo de Michael Hayes e Ian McKellen. Os actores John Castle e Sussan Macready, que interpretaram esta comédia num teatro de Londres, serão os protagonistas do filme.*

SERÁ ELEITA ESTA SEMANA (POR UM PROCESSO INÉDITO) A «MAJA DE PORTUGAL-1969»

Concluiu-se ontem a recepção dos cupões de inscrição das candidatas ao título de «Maja de Portugal — 1969»: certame organizado pela Associação Goya Internacional, com o apoio da Ibéria (Linhas Aéreas de Espanha), através das colunas do nosso jornal.

Ultrapassou, largamente, as duas centenas o número de concorrentes: o que bateu todos os «records» de interesse até hoje registados em torno desta iniciativa.

O juri prévio vai, hoje, apurar as candidatas finalistas que, ainda esta semana, serão homenageadas com um «cocktail» no Hotel Fénix, onde se procederá á eleição da «Maja de Portugal - 1969». Aliás, o processo de eleição — totalmente inédito — será amanhã divulgado no «Diário de Lisboa».

VIDA MUSICAL

O compositor Joly Braga Santos fala sobre música contemporânea

O compositor Joly Braga Santos dissertará sobre «As influências da Escola de Viena nos compositores da geração do após-guerra» numa conferência que decorrerá no Auditório da Fundação Gulbenkian, na quinta-feira, ás 18 e 30. Esta conferência integra-se no III Curso de Iniciação á Música Contemporânea promovido pela Fundação.

Serão dados exemplos de música gravada, extraídos da obra «As Vitimas de Hiroshima» de Penderecki. Além disso, ouvir-se-ão os «Episódios para quarteto de cordas» de Jorge Peixinho, na interpretação dos violinistas Anna Lysy e Ernst Nöth, violetista Oscar Lysy e violoncelista Elias Arizcuren, membros da Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Êxito de Paula Hinton em «História de amor»

A crítica referiu-se em termos elogiosos á actuação de Paula Hinton no novo bailado de Walter Gore «História de Amor», que hoje, ás 21 e 30 será apresentado no Politeama em despedida.

O publico apreciador da arte da dança não deve perder esta oportunidade de ver uma das melhores criações daquela que o publico de «The Times», de Londres, considerou «a mais admirável bailarina dramática da Europa» e que tem sido a primeira figura das principais companhias de bailado e teatros de ópera europeus, ao lado de Anton Dolin, Jean Babilée, John Gilpin, Milorad Miskovitch, etc.

A completar o programa serão apresentados os bailados «Danças de Boyce», de William Boyce - Walter Gore, e «Encruzilhada», de Joly Braga Santos-Francis Graça, este ultimo protagonizado por Isabel Santa Rosa e Carlos Caldas.

Conferência-concerto no Instituto Italiano

Hoje, ás 18 horas e 30, no Instituto Italiano de Cultura (Rua do Sacramento, 146) o maestro Sérgio Magnani, fará a quinta e ultima conferência-concerto dedicada á história da musica italiana: «A literatura do teclado».

Esta conferência - concerto trata do «Contributo para a

(Continua na pág. seguinte)

A «Aida» no Coliseu

Amanhã, á noite, no Coliseu dos Recreios, decorre a récita popular da ópera «Aida», de Verdi, pelo mesmo elenco que a cantou em S. Carlos. O espectáculo começa ás 21 e 15.

«Os Puritanos» em São Carlos

A temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos prossegue na sexta-feira, ás 21 e 15, com «Os Puritanos», de Bellini. Reaparecerá ao publico a nossa compatriota Zulelka Saque, integrada num grande elenco internacional.

ATRÁS DO REPOSTEIRO

- *Realiza-se esta semana uma importante reunião no Sindicato dos Artistas Teatrais.*
- *Tem sentido ligeiras melhoras o actor Barreto Poeira.*
- *A artista Yola deve participar na revista «Ri-te... ri-te», cuja estreia está em principio marcada para o sábado de Aleluia.*
- *Continua por completar o elenco da companhia que a actriz Laura Alves tenciona fazer deslocar ao Ultramar.*
- *No Teatro Vasco Santana vai ser apresentada a peça «Anatomia de uma história de amor».*
- *A actriz Eunice Muñoz vai representar brevemente a peça «Cartas na mesa», que será encenada por Fernando Gusmão.*
- *A companhia de Amélia Rey Colaço estreia no próximo dia 14 a peça «Os Visigodos».*

TEATRO
MONUMENTAL
HOJE, não há espectáculo. Descanso oficial da Companhia
AMANHÃ, ás 21.45 h.
QUANDO ELA SE DESPIU
(Adultos)

TRINDADE
— F. N. A. T. —
HOJE, às 21.45 (17 anos)
O T.N.P., subs. pelo Fundo do Teatro, apresenta
SABINA FREIRE
de M. Teixeira Gomes
com Lourdes Norberto
na protagonista
SABADO, tarde às 16 h.

RESTAURANTE TÍPICO
A SEVERA
FECHA A 5.ª FEIRA
PARA DESCANSO DO SEU PESSOAL E ARTÍSTICO

NOVO CASINO ESTORIL
apresenta
Karen Kay
VEDETA DA CANÇÃO E DA TV INGLESA
THE KAMAL'S
ORIGINAIS ACROBATAS E FANTASISTAS
ANA HORTENSE
PARIS JAZZ BALLET
UM "COCKTAIL" DE COREOGRAFIA MODERNA
JIRINA'S COMBO OS "SHEIKS"
JORGE COSTA PINTO E SUA ORQUESTRA
no grande salão restaurante às 23.30h m/17 anos
no wonder bar à 1.00h m/21 anos
No CINEMA ás 17 e 21.30 h. (M. 17 anos)
TODAS AS NOITES ÀS NOVE

O TEATRO VISTO PELOS ACTORES

A REVISTA SEGUNDO JOSÉ VIANA

COISA ENGRAÇADA: *a estreia duma revista é, entre nós, o grande acontecimento que preocupa todos os que se interessam pelo Teatro!*

Muitos indicam caminhos novos, apontam erros, acusam os autores de antiquados, afirmam que os actores não têm graça, mas vão ver os espectáculos e discutem-nos. Querem prova mais cabal da vitalidade do género?

As pessoas que gostam de se exibir e mostrar que são modernas e cultas criticam a revista como se se tratasse de um género nobre, como se a revista fosse um espectáculo de arte. Ora, a verdade é que a revista pertence ao chamado teatro ligeiro. Trata-se de um divertimento para o povo, sem pretensões de maior e se, apesar de tudo, algumas grandes criações artísticas tem gerado, não é o seu objectivo primordial criar arte, mas ganhar dinheiro. Trata-se de teatro comercial.

Postas as coisas nos seus devidos termos e com toda a franqueza, sinto-me à vontade para falar dos aspectos positivos que a revista também oferece. Quantas sátiras contundentes, quantas melodias inspiradas, quantos momentos plásticos de extraordinária beleza tem a revista apresentado? Tantos que seria impossível enumerá-los todos!

«Deixem o povo rir»

Nos breves minutos que dura uma «rábula» deve o artista definir totalmente uma personagem. Tem que atingir o climax teatral e obter o máximo efeito num mínimo de tempo. Isto exige um poder de comunicação com o público e uma técnica especial que não estão ao alcance de qualquer. Que o digam grandes artistas especializados em comédia, que são os primeiros a reconhecer as dificuldades do género e a render homenagem àqueles que o conseguem.

Depois a revista tem evoluído e tem-se renovado através dos tempos. Basta ler os textos mais antigos e compará-los com os das últimas décadas, para se verificar que, de uma forma geral, a sua qualidade literária tem melhorado extraordinàriamente.

Para além disto, a revista é também um divertimento frívolo, às vezes com pretensões eróticas. Porém estes são quanto a mim, os seus defeitos e não as suas qualidade, embora alguns dos seus falsos defensores assim o julguem e apregoem.

Deixem o povo rir. Alivia-lhe a alma, faz-lhe bem. Só quem merece ser alvo da sua troça teme as suas gargalhadas...

No entanto, esses que mascarados de modernos e de evoluídos andam para aí a propor que a revista seja traída e adulterada, fazem-no porquê? Por maldade? Prefiro acreditar que não. Acuso-os sim, de inconscientes, irresponsáveis e cabotinos. Sim, são eles os cabotinos que pontificam nos grupinhos de café, nas «boites» nocturnas onde se reunem «exibindo as guedelhas e as suas frustrações, nas farmácias onde compram os estimulantes, nas covas fundas onde verdadeiramente se sentem ambientados, frente a um «balde de três» emborcando em busca duma inspiração que, afinal, só conseguem nas revistas estrangeiras de onde copiam os figurinos. Figurinos que apresentam como fruto do seu trabalho para recolher os aplausos dos amigalhaços lá do grupo. Os aplausos e os proventos, que eles não trabalham de «borla»...

José Viana fala da revista: «Sou contra o cabotismo, o vedetismo à base da publicidade, o individualismo a fazer o jogo dos grupelhos...»

«Só há um caminho: a honestidade de processos»

Essas pessoas são, repito, irresponsáveis. Não se lembram sequer de que há centenas de trabalhadores que honestamente vivem das receitas obtidas no teatro de revista através da bilheteira. Esquecem-se de que, sem êxito comercial, as empresas não poderiam pagar-lhes e teriam que desistir da montagem de espectáculos.

Entretanto, deve dizer-se que a revista tem trazido à memória do público grandes figuras da nossa história, tem comentado acontecimentos, tem, através da sua forma irreverente, criticado e, portanto, ajudado a formar uma opinião; tem também sido uma espécie de bobo da nossa época.

De qualquer modo não se depreenda, pelo que atrás fica exposto, que eu sou um «contentinho» e que, qual «Pangloss» da revista, acho que tudo vai pelo melhor no melhor dos mundos... Sou actor há uma porção de anos autor relativamente recente e antes de tudo fiz «maquetes» para cenários. Tenho, portanto, sentido no sangue, e no bolso, várias flutuações da aceitação que a revista tem tido por parte do público. Interrogo-me e devo responder a mim mesmo: Só há um caminho certo — a honestidade de processos.

Sou, portanto contra o cabotinismo, o vedetismo conseguido à base de publicidade, o individualismo que sobrepõe a um trabalho de colaboração os mesquinhos intersses de «grupelhos» interessados em afastar quem, honestamente, queira ingressar no teatr-

JOSÉ VIANA

VIDA MUSICAL

(Continuação da pág. anterior)

literatura do nosso século» e terá execuções ao piano pelo próprio maestro com músicas dos seguintes autores: I. Pizzetti, R. P. Mangiagalli, G. F. Malipiero, A. Casella, M. Bontempelli, G. F. Ghedini, L. Dalla Piccola e G. Petrassi.

O maestro Sérgio Magnani executará, também, pela primeira vez em Portugal, duas composições suas: «Tre invenzioni» e «Suite brasiliana». A entrada é livre.

O maestro David Zinman no próximo concerto da Orquestra de Camara Gulbenkian

Dirigirá a Orquestra de Camara Gulbenkian no concerto que decorre amanhã, ás 18 e 30, no Cinema Tivoli, o maestro David Zinman, artista bem conhecido do nosso publico.

David Zinman foi assistente de Pierre Monteux durante largo tempo e desde 1964 que exerce o cargo de maestro titular da Orquestra de Camara da Holanda, tendo realizado, com êxito, «tournées» na Holanda, Alemanha, Portugal, América do Sul e noutros países.

O maestro David Zinman tem dirigido as mais célebres orquestras e de maior reputação internacional e obteve, em 1966, o Grande Prémio do Disco Charles Cros pela gravação efectuada com o extraordinário pianista russo Vladimir Ashkenasy.

A Orquestra de Camara Gulbenkian, neste concerto, interpretará a «Sinfonia Lucio Silla», de Mozart; «Apollon Musagéte», de Stravinsky; «Cromonofia», de Alvaro Cassuto e a «Sinfonia», n.º 88, em sol maior, de Haydn.

A venda de bilhetes avulso para a segunda série de concertos que integram a presente temporada da Orquestra de Camara Gulbenkian efectua-se nas bilheteiras do Cinema Tivoli.

«MADAME» PISANTI NA PASSAGEM DE MODELOS NO CASINO ESTORIL

Um dos grandes nomes da costura parisiense, «madame» Pisanti, desloca-se a Lisboa para assistir, na próxima quinta-feira, á passagem de modelos no Casino Estoril, cujo produto reverte a favor da nova escola em Cascais das «Filhas de Maria Auxiliadora».

Vão ali ser exibidos, por dez manequins, oitenta fatos da «boutique» de Harriet Hubbard Ayer, casa que apresentará também os novos penteados e a nova «maquillage» para a Primavera.

A passagem de modelos, patrocinada pela Rainha da Bulgária, iniciar-se-á ás 16 horas.

ABC
ELAS É QUE SABEM
HOJE, às 20.45 e 23 h.
(ADULTOS)

AGUARDENTE VELHA
Nicepoort
a prova dão as provas

TEATRO
GIL VICENTE
CASCAIS
Telefone 28 09 19
Com o patrocínio da Junta de Turismo da Costa do Sol
HOJE E TODAS AS NOITES às 21.45 horas
MARIA STUART
de SCHILLER
Tradução de Manuel Bandeira
pela Companhia do Teatro Experimental de Cascais
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro e Fundação Calouste Gulbenkian
Adultos

TEATRO
CAPITÓLIO
Tel. 320879
HOJE, AS 21.45 H.
O sensacional êxito do momento
«TANGO»
de Slawomir Mrozek
Últimas representações
M/ 17 anos

TEATRO
LAURA ALVES
— T. 864756 —
Às 21.45 h. (ADULTOS)
EM ÚLTIMAS REPRESENTAÇÕES
VASCO MORGADO
apresenta
O êxito que Lisboa aplaude
O JOVEM MENTIROSO
Magnífico triunfo de um elenco de consagrados e jovens lado a lado

RESTAURANTE TÍPICO
A SEVERA
FECHA A 5.ª FEIRA
PARA DESCANSO DO SEU PESSOAL E ARTÍSTICO

M. 17 ANOS
HOJE E TODAS AS 3.as FEIRAS
NO «PORÃO DA NAU»
PRESENTE O CONJUNTO DA ACTUALIDADE
Telef. 5 05 29-5 15 01
QUINTETO ACADÉMICO + 2
FREQUENTE SEMPRE «O CONVÉS» RESTAURANTE, SNACK, PASTELARIA
RUA PINHEIRO CHAGAS, N.º 1

VASCO MORGADO apresenta
TEATRO VILLARET
ADULTOS
HOJE: 2 sessões, às 21 e 23 h.
EM 4.º MÊS
UM ÊXITO POPULAR
APLAUDIDA PELO PÚBLICO, ELOGIADA PELA CRÍTICA
A PREGUIÇA
com RAUL SOLNADO
ALINA VAZ
MÁRIO JACQUES
ANTÓNIO MONTEZ
DAVID SILVA
FERNANDA BORSATTI
(o mãezinha)
UMA COMÉDIA
(Nunca dormem preguiça?)

Manhã na praça

O MERCADO DE ALVALADE

O mercado de Alvalade tem merecido, por diversas vezes, nesta secção, referências elogiosas. É amplo, arejado, de um só piso, numa concepção moderna muito agradável. Frio, com certeza; a situação das portas permite o encanamento de correntes de ar; estes inconvenientes, porém, tornam-se perceptíveis em especial pela reduzida frequência. Quando as

Uma frase divertida da vendedeira vence tantas vezes a indecisão da dona de casa

donas de casa afluírem no número em proporção do qual foi concebido, estamos certa de que desaparecerão os citados inconvenientes.

Verificámos hoje um outro que, se não forem tomadas providências, aumentará em vez de diminuir. Trata-se do mau cheiro que se desprende do Matadouro da Criação e empesta a atmosfera — do lugar de fruta, em frente. Às onze horas, quando o empregado já andava, de mangueira na mão, a proceder à limpeza dessa secção era impossível, sem repugnância, passar junto do gradeamento escancarado. Não haverá forma de eliminar esse cheiro? De evitar, pelo menos, a sua propagação no mercado? Uma porta fechada não resolveria o problema?

PREÇO DOS PRODUTOS

A hortaliça aumenta de preço. Ficámos atemorizada com o preço pedido por uma couve lombarda: 17$50.

— Não se admire! — observou-nos a vendedeira. — A dúzia custou-me duzentos e quarenta escudos!

17$50 por uma couve que não era nem muito grande nem muito boa. Ainda há dias ouvimos, no restaurante, um homem que se dizia produtor afirmar ser de facto uma pouca vergonha a lombarda custar 7$00, mas... No mas estavam incluídos os motivos desse preço. Se ele tivesse de justificar o custo de 17$50, teria de alinhavar um *mas* muito mais longo e não cremos numa explicação aceitável.

Vejamos, porém, os preços da hortaliça, que teremos de deixar de comer se o preço não baixar: o molho dos espinafres estava a 6$00; dos grelos, a 5$00 e 7$00; das nabiças, 7$00 e 7$50; dos bróculos, 20$00, 17$50 e 10$00; da couve-nabo a 6$00; dos agriões, a 1$50 e 1$70; a couve portuguesa, a 1$50 e 4$00; e a couve-flor, a 9$00. Vimos a alface a 3$00; a cabeça de nabo, a 1$50, 1$00 e $70; o alho francês, a 1$50; o molho da beterraba, a 6$00; o quilo da cenoura, a 3$00 e 5$00; da abóbora, a 4$00; da ervilha-de-grão, a 8$00; dos rabanetes, a 2$70; da azeitona, a 7$00 e 13$00; do tomate, a 19$00; e da fava, a 9$00.

PEIXE

O quilo da pescada branca estava a 25$00, 25$80, 29$80 e 31$00; da pescadinha de rabo na boca, a 17$00 e 20$00; do tamboril, a 12$30; da enxó, a 32$00; do peixe-espada, a 12$00 e 15$00; do chicharro, a 8$60; da xaputa, a 8$00; do berbigão, a 5$00; da ameijoa, a 32$00; do camarão, a 40$00; dos chocos, a 9$00; da conquilha, a 12$00; da pescada negra, a 16$00; do pargo, a 18$00; do carapau, a 18$00 e 20$00; das lulas, a 32$00; da caldeirada, a 13$00; do gorás, a 19$90 e 21$00; do polvo, a 11$90; das cartas, a 16$80; da faneca, a 14$00; da garoupa, a 28$30; da azevia, a 36$; dos rabos de pargo, a 15$70; do linguado, a 38$00 e 46$00; do cachucho, a 15$00; do sável, a 27$00; da pescada congelada, a 16$00; da cantaril, a 13$70; do cabaço, a 13$10; do alum, a 18$00; da sardinha, a 10$00; e da sarda, a 10$40.

FRUTA

O quilo da banana vendia-se a 11$50 e 12$00; da laranja, a 5$20, 6$00 e 7$80; da maçã reineta, a 9$80 e 10$40; da tangerina, a 6$00, 7$20 e 9$10; das pêras, a 13$00; dos pêros, a 13$00; do ananás, a 22$00; do pêro golden, a 13$00; e do limão, a 7$80.

CRIAÇÃO E OVOS

A dúzia dos ovos estava marcada a 12$20, 14$00, 14$60, 14$80 e 15$00.

O quilo dos frangos limpos estava a 28$00; do coelho limpo, a 34$00; da galinha, a 26$00; e do cabrito, a 34$00 e 36$00.

DONA DE CASA

Um esforço intenso de reorganização política prepara o próximo congresso do P. C. chinês

(Continuação da 4.ª página)

mos do lugar preponderante tomado pelos militares à cabeça dos comités. Dão a entender que o papel, a representação e a autoridade do Exército são progressivamente reduzidos em benefício das forças revolucionárias pròpriamente ditas. Estas modificações de equilíbrio no seio do comando não se processam sem tensões, porque, manifestamente, a capital decidiu concluir o estabelecimento do aparelho, o mais depressa possível, e não dispõe de muito tempo até à convocação do congresso.

O MEDO DA RESTAURAÇÃO

É, no entanto, indispensável levar a cabo, com a maior atenção, a actual operação de reconstrução. Se os alicerces do partido não são saudáveis pouco tempo será necessário para ressurgirem os demónios que tanto custaram a exorcizar. Bastará que se conte mais com o entusiasmo, com a disciplina quotidianamente aceite, que com a rebelião de individualidades impacientes. Hão-de querer arranjar, em poucas semanas, no estrangeiro os apetrechamentos indispensáveis, cujo fabrico exigiria anos na China. Hão-de desejar satisfazer as aspirações do povo e dar-lhe-ão os objectos de consumo que lhe faltam. Desde o começo deste ano, já vários artigos da Imprensa evocaram, com um receio mal dissimulado, a possibilidade de um regresso sub-repticio das atitudes de há bem pouco tempo. Como irá reconhecer-se o inimigo sob a sua face sorridente, amigável e bonacheirona?

Os editoriais de 1969 sugerem alguns meios de impedir esta restauração de uma ordem pouco antiga e na qual todos participem. A receita principal, que pode parecer uma espécie de quadratura de círculo, é um reforço simultâneo da democracia e da ditadura.

O partido lembra-se do que se passou no Estado e na organização após o período da legalização (1954-1956) do regime. «*Outros tempos, outros problemas*», dizia-se, e acrescentava-se: «*Outros problemas, outros métodos.*» A democracia dos guerrilheiros em pouco tempo tornava-se um sistema, com as suas ordens, a sua administração, as suas autoridades, os seus graus. As recriminações das Cem Flores mostraram, a partir de 1967, a amplidão do problema, a amplidão da desilusão. O final infeliz do Grande Salto reforçou o campo dos organizadores prudentes e das repartições publicas.

Pretende-se agora voltar ao tempo da resistência, quando a população ajudava e apoiava o partido, quando laços naturais se atavam espontâneamente na luta contra os japoneses e o Kuomintang. A revolução cultural alimenta-se de sonhos desta época heróica, mantém-nos e ensina-os à nova geração. Mas está-se em paz e não é assim tão fácil estar no seio de um povo como «peixe na água». Só um idealismo sem limites, um espírito de sacrifício incondicional podem permitir manter uma tensão capaz de lembrar a do tempo de guerra e atrair — talvez — a simpatia do povo.

Convém reforçar a ditadura. Porque o povo serve-se, mas não é obedecido. Ataca-se violentamente Liu-Shao-Shi por ter proferido estas palavras impias: «*Façam o que as massas querem e como elas o querem... É necessário e fundamental apoiarmo-nos sobre o movimento espontâneo das massas.*» Não, asseguram os militares de Xangai: «*A democracia proletária é a democracia guiada pelo centralismo. Isso não significa obedecer em tudo às massas. Não se trata de irmos atrás das massas. O centralismo proletário concentra em si as ideias correctas das massas.*»

Será, é exigida, uma rigorosa disciplina aos membros do partido. Como antes. «*O individuo está subordinado à organização, a minoria à maioria, os escalões inferiores aos escalões superiores, e o conjunto dos membros ao «comité» central.*» A obediência concilia-se com a democracia e a liberdade por uma sorte de prestidigitação que não deixa de fazer lembrar as de Rousseau no «Contrato Social»: esta subordinação tem «*como pré-condição uma linha política correcta: A linha política é chave do êxito e do malogro da revolução. Quando a linha política é má, tudo é mau.*»

Quem ajuiza do carácter correcto da linha? Enquanto for vivo, o presidente Mao e o «quartel-general proletário». Por morte de Mao, a autoridade suprema caberá ao marechal vice-presidente Lin Piao. Podemos satisfazer-nos com um sistema em que juiz e parte se confundem? Mas que outro sistema propormos? A questão é tão velha como os regimes comunistas.

Uma democracia popular rejuvenescida está a nascer na China. O programa político e económico não está traçado, mas o modo de governo está explicado sem rodeios: fazer, não o que as massas querem, mas o que elas devem querer: educá-las sem cessar para que elas queiram realmente o que devem querer; se resistirem, sublinhar mais a propaganda; se se opuserem, é porque estão enganadas e a imposição pode ser temporàriamente necessária.

Mas de qualquer maneira, acrescenta-se em Pequim, para concluirmos com um discreto e inconsciente matiz confuciano, o que mais conta é a qualidade e o valor do chefe do partido. Pouco importam os estatutos de organização. Como dizia o velho sage chinês: «Um grande homem assemelha-se ao vento, enquanto as pessoas humildes são à imagem da erva. A erva deita-se quando o vento passa por ela.»

UM FILME PERFEITO!

Em cada cena, momento a momento, MULLIGAN vai construindo uma obra-prima com um final verdadeiramente arrebatador!

Ninguém escapa à

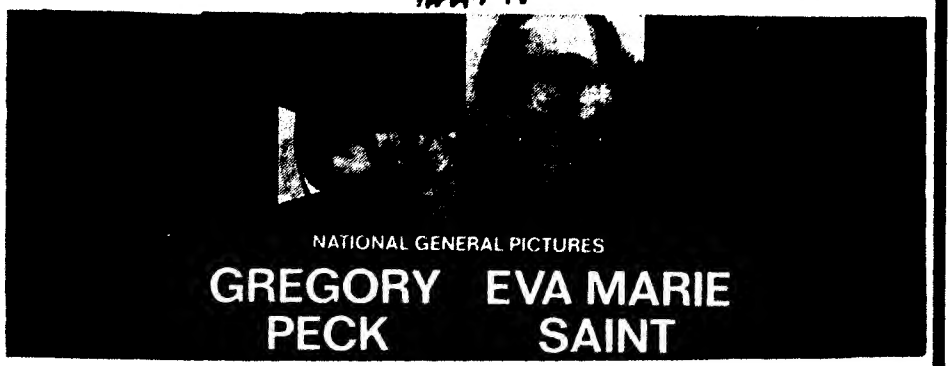
EMBOSCADA NA SOMBRA

(THE STALKING MOON)

MAIORES DE 12 ANOS

Prod. ALAN PAKULA
Real. ROBERT MULLIGAN

Technicolor/Panavision



NATIONAL GENERAL PICTURES

GREGORY PECK EVA MARIE SAINT

DOIS GRANDES ACTORES, DIRIGIDOS POR UM GRANDE REALIZADOR, NUM FILME DE INVULGAR CRAVEIRA

HOJE, ÀS 21.30 H. GRANDIOSA ESTREIA no MONUMENTAL

Em complemento, o documentário colorido «O PAO, ESSE DESCONHECIDO», produzido e realizado por Fialho Lopes

CIÊNCIA

GRANDE DESCOBERTA MÉDICA:

UM MÉTODO PREVENTIVO PERMITE SUPRIMIR OS EFEITOS NAS CRIANÇAS DA INCOMPATIBILÍDADE RHÉSUS

LOGO À NASCENÇA e em graus diversos, a doença hemolítica Rh, outrora denominada de icterícia grave familiar, atinge mortalmente milhares de crianças. Anemia mais ou menos intensa, edema maciço, icterícia acompanhada por enorme crescimento do fígado e do baço, constituem os sintomas desta afecção que atinge, em todo o mundo, um recém-nascido em cada dez e que, mesmo quando curada, pode deixar lesões cerebrais irremediáveis para toda a vida.

Até 1939, a Medicina encontrava-se completamente desarmada perante estes dramas cuja causa se ignorava e se atribuía a alguma tara hereditária, na medida em que atingiam, com gravidade proporcional ao número de gravidezes, todas as crianças (excepto a primeira) de determinados casais.

A recente descoberta dum método notàvelmente original e eficaz, permitindo ultrapassar estes acidentes, põe fim a uma incapacidade terapêutica ou profiláctica secular e desesperante que atingia 15% da população.

Deverá conduzir, em breve, a uma eliminação total do que foi, durante tanto tempo, a incompatibilidade Rhésus e que surge, sem dúvida alguma, como a mais importante aquisição profiláctica dos últimos 20 anos.

O método que foi desenvolvido como preventivo da doença hemolítica Rh, consiste em a mãe não ser imunizada, ou se se quiser «vacinada», pelo seu primeiro filho Rh positivo.

Para a aplicação deste método preventivo, em larga escala, é necessário porém dispor de grandes quantidades de gamaglobulina. A relativa discrição que envolveu durante uns anos esta notável descoberta, cujo benefício estava reservado a alguns privilegiados, não tem razão de ser. As quantidades de anti-Rh produzidas por diversos países permitem encarar, actualmente, uma profilaxia sistemática obedecendo a um programa de aplicação nacional. Impõe-se uma campanha informativa e esclarecedora tão vasta quanto possível dos seus benefícios.

Um médico britânico, o professor C. A. Clarke, coleccionador de borboletas, convencido de que não podia haver uma terapêutica racional da doença hemolítica esforçou-se, no seu laboratório de Liverpool, em descobrir a sua profilaxia.

Anuncia, em 1960, com cinco dos seus colegas, entre os quais o obstetra Finn, que encontrou essa possibilidade; mas o método descrito é tão singular, provém de uma tentativa intelectual tão paradoxal, que choca com um certo cepticismo, para não dizer uma certa desconfiança. Predizem-se acidentes e o mau êxito é anunciado, o que não impede Clarke e os seus colaboradores de continuarem imperturbàvelmente os seus ensaios fundamentados num conhecimento profundo da genética das borboletas.

Clarke dedicava-se ao estudo destes insectos, tendo conseguido obter a sua reprodução em cativeiro. Os que eram dotados de poder mimético, atraiam-no especialmente: eles ou antes elas (pois só as fêmeas possuem esse poder), transformavam-se em insectos detestáveis, por uma simples modificação da cor das asas, quando encontravam uma ave comedora da espécie a que pertenciam realmente.

Um único grupo de genes controla este mimetismo, este polimospismo, e Clarke pôde verificar que esta organização hereditária particular era semelhante à que regia, no homem, a repartição dos grupos sanguíneos e que o mecanismo de interacção existente na borboleta, entre o sexo e o mimetismo, devia ser semelhante ao observado entre os grupos sanguíneos, na altura de formação de anticorpos.

Com efeito, sabia-se que em cerca de 20 por cento de casais Rhésus incompatíveis, a formação, na mãe, de anticorpos nocivos para a criança não se produziam «graças à intervenção de um mecanismo protector resultante da interação genética com os outros grupos sanguíneos».

Assim, quando o sangue da mãe pertence ao grupo O, contém conjuntamente anticorpos contra os sangues dos «grupos maiores» A e B: se o pai pertence a um destes grupos e se o bebé Rh positivo é, por exemplo, do tipo A, os anticorpos materno anti-A destruirão imediatamente todos os glóbulos vermelhos da criança que poderiam no momento do parto passar para a sua circulação e esta destruição é tão rápida que o processo de fabrico dos perigosos anticorpos Rhésus não tem tempo de se dar. Apesar de uma incompatibilidade Rhésus, os filhos destes casais, ditos «ABO» incompatíveis, serão normais e só os dos casais ABO compatíveis serão vítimas da reacção de imunização da mãe.

O ANTICORPO ANTI-RHESUS

O problema torna-se então para Clarke em conceber um dispositivo protector e preventivo semelhante ao que a natureza fornece espontâneamente aos casais ABO incompatíveis.

Após muitos meses de vãs reflexões, sua mulher sugeriu-lhe o utilizar, com este fim, anticorpos anti-Rh; injectados nas horas seguintes ao parto, estes anticorpos deviam (tal como no caso de incompatibilidade ABO) destruir, imediatamente, os glóbulos Rh+ da criança, e portanto impedir o desencadeamento do processo de imunização da mãe.

O processo segundo o qual o fornecimento preventivo de armas defensivas dispensa um organismo de as fabricar encontrou, sem dúvida, a sua verificação no domínio da estratégia económica ou militar, mas não tinha exemplo em medicina ou em biologia e nenhum precedente favorável podia apoiar as primeiras experiências da equipa britânica.

O anticorpo anti-Rhésus foi obtido em voluntários Rhesus negativo, aos quais se tinha injectado glóbulos vermelhos Rh+; em seguida, foi injectado a outros voluntários e pôde-se, depois de vários incidentes demonstrar o fundamento da audaciosa hipótese de Clarke, a saber que as injecções de soro preveniam, na maior parte dos casos, impedindo, a produção natural de anti-Rhésus.

Em Dezembro de 1961, uma equipa da Universidade de Columbia **(Sloane Hospital for Woman)** dirigida por Freda, obtinha os mesmos resultados em «voluntários» escolhidos entre os prisioneiros de Sing-Sing; chegou pràticamente ao mesmo tempo que os investigadores de Liverpool, ao conceito de anti-Rh e utilizou, em vez de soro, gamaglobulinas retiradas do sangue dos voluntários imunizados e que continham o anticorpo Rh.

A concordância dos resultados obtidos independentemente pelas duas equipas de renome, demonstrou a validade da concepção e, sobretudo, permitiu a sua aplicação clínica imediata. As experiências realizadas em maternidades americanas, britânicas, suíças e francesas, em milhões de mães ameaçadas foram mais do que concludentes. A injecção, com dose fraca de anticorpos anti-Rhésus, em mães nas 72 horas seguintes ao primeiro parto, precavia-as com efeito, totalmente contra os acidentes, outrora fatais, que deveriam enlutar as gravidezes seguintes. Nenhum acidente, nenhum efeito secundário foi, até hoje, assinalado, que possa sombrear as perspectivas abertas por esta «vacinação» de género novo.

Perspectivas de que não se duvida hoje que venham a consistir na irradiação total da mais grave e mais frequente causa de mortalidade e de morbidade pré ou neonatal que conhece a raça branca: a doença hemolítica do recém-nascido.

Erradicação permitida por um método sem equivalente em algum outro domínio da profilaxia e do qual se poderá esperar outras aplicações eventuais, no futuro.

de, «Um método preventivo permite suprimir os efeitos nas crianças da incompatibilidade Rhésus, do dr. Escoffier-Lambiotte.

Le Monde, 27-2-69

Constituição do sangue

O SANGUE de um animal vertebrado não é um simples liquido vermelho. É formado por um certo número de constituintes muito complexos, de duas categorias: os que se dissolvem na água, para formar um liquido amarelo-claro, o plasma *e as células vivas microscópicas, ou corpúsculos, existentes no plasma. As células são de dois tipos:* glóbulos vermelhos *(hemácias)* e glóbulos brancos *(leucócitos). Os glóbulos vermelhos, que são em maior número que os brancos, contêm um pigmento chamado hemaglobina, substância muito importante, por ser a transportadora de oxigénio às diferentes partes do corpo.*

Os glóbulos brancos fazem parte de um sistema que protege o corpo contra as infecções. As restantes partículas sólidas do sangue são as plaquetas sanguíneas *que, fazendo parte do mecanismo de coagulação, evitam excessivas perdas de sangue.*

A parte liquida do sangue, constituída principalmente por água, contém as proteínas do plasma. Estas, em geral, conservam constantemente o volume do sangue e transportam, entre outras substâncias, hormonas e enzimas. As protaínas do plasma estão continuamente a ser destruídas e substituídas, de tal maneira que devem desempenhar papel importante na nutrição do organismo. São moléculas muito complicadas, que podem ser divididas em três grupos principais: fibrinogénio, albuminas e globulinas.

São as globulinas que transportam as substâncias que nos protegem contra as infecções. Estas substâncias chamam-se anticorpos. *Se um animal tiver uma doença e sobreviver à infecção, torna-se especialmente resistente a outra infecção causada pela mesma doença. Diz-se, então, que o animal ficou* imunizado. *A substácia de um soro imune capaz de reagir contra as bactérias invasoras é um anticorpo, e a substância estranha que dá origem à formação do anticorpo (substância protectora) é um* antigeno.

Pode forçar-se a formação de anticorpos de imunização introduzindo no organismo pequenas doses de substância antigénica própria — por exemplo, vírus de determinada doença, tornados prèviamente inofensivos. Os próprios glóbulos vermelhos contêm, em determinadas condições, substâncias com propriedades antigénicas. Os antigenos dos glóbulos vermelhos estão sob a dependência dos factores hereditários ou genes, recebi-

(Continua na pág. seguinte)

PARA ANULAR a doença hemolítica é necessário tratar todas as mulheres Rh negativo que dêem à luz uma criança Rh positivo, com gamaglobulinas anti-Rh (ou anti-D) que se podem obter em mulheres em menopausa que sofreram vários acidentes hemolíticos ou em dadores voluntários Rh negativo, aos quais se injecta glóbulos vermelhos Rh+ e que portanto fabricam o precioso anticorpo.

É evidente que o número destas mulheres portadoras de anti-Rh irá diminuindo, até desaparecer, à medida que se desenvolva o programa de erradicação. Por outro lado, calcula-se que sejam necessários 15 dadores voluntários para assegurar a prevenção de uma população de um milhão de habitantes.

O que é a incompatibilidade de Rhésus

EM 1939 dois americanos, Levine e Stetson, sugeriram que a «icterícia grave familiar» não era uma afecção hereditária mas o indicativo de uma imunização, de uma «reacção de rejeição» da mãe em relação ao filho.

Menos de um ano depois, dois outros americanos, os drs. Landsteiner e Wiener, confirmaram esta hipótese e, pela descoberta do factor Rhésus deram-lhe um limite científico preciso. Com efeito, demonstraram que além dos quatro grupos clássicos (A, B, AB, O), existia um sistema sanguíneo Rhésus (Rh) que define a singularidade do sangue na raça branca. Descobriram que se injectasse em coelhos sangue de macacos Rhésus, aqueles ficavam imunizados contra um factor do sangue do macaco e produziam um anticorpo. Este anticorpo aglutinava não só os glóbulos vermelhos do macaco, mas também os glóbulos de 15 por cento de amostras conhecidas de sangue humano. Estas amostras tinham sido tiradas na América a indivíduos brancos, e o número verificado foi suficientemente grande para ser estatisticamente correcto e para que as amostras pudessem ser consideradas como representativas de toda a população branca. Ao anticorpo do soro do coelho utilizado chamou-se anti-Rhésus. Os indivíduos cujos glóbulos vermelhos eram aglutinados por ele foram designados por Rhésus positivos e por Rhésus negativos aqueles cujos glóbulos vermelhos não eram aglutinados.

Os drs. Wiener e Peters demonstraram que o anticorpo encontrado no soro de alguns indivíduos, que mostravam reacções depois das transfusões de sangue do grupo ABO, era o mesmo que o anticorpo anti-Rhésus do Coelho.

(Continua na pág. seguinte)

CONFERÊNCIA

O doutor Carlo Maccagni, da Domus Galilaena de Pisa, responsável pela exposição organizada pela Unesco em Paris, aquando do centenário de Galileu, profere, no Instituto Italiano de Cultura, em Lisboa, no dia 17 de Março, às 18 e 30, uma conferência subordinada ao tema «Galileu e o pensamento científico italiano no século XVII».

A ASSEMBLEIA NACIONAL TERMINOU A ANÁLISE DAS CONTAS GERAIS DO ESTADO (1967)

A Assembleia Nacional, sob a presidência do sr. dr. Soares da Fonseca e secretariado pelos srs. drs. Cid Proença e Serras Pereira, prosseguiu hoje os seus trabalhos, já a menos de duas semanas do fim da presente legislatura. Na ordem do dia, a análise das Contas Gerais do Estado de 1967, que hoje deve concluir-se, conforme decisão tomada oportunamente pelo vice-presidente em exercício.

Usando da palavra na ordem do dia, o deputado pelo Funchal, dr. Alberto de Araujo, teve palavras de louvor para o relator do parecer da Comissão de Contas da Assembleia, eng.º Araujo Correia, analisando depois, desenvolvidamente, a posição da balança de pagamentos e aludiu aos saldos desfavoráveis da balança comercial.

O orador referiu-se com elogio á acção desenvolvida pelo Fundo de Fomento de Exportação e formulou o voto de, quando se efectuar a sua reforma, prevista no III Plano de Fomento, seja aumentada a sua dotação a qual, nos ultimos anos, não corresponde a metade da cobrança da taxa criada para constituir receita do Fundo. Formulou também o voto de que o corrente ano traga benefícios e resultados concretos em matéria de crédito á exportação e que, mercê de uma íntima colaboração entre o Governo, a banca comercial e as empresas seguradoras, se torne efectiva a criação do Instituto de Seguro de Créditos, conforme o que está previsto no Decreto n.º 47 908 de 7 de Setembro de 1967.

Deu o seu aplauso ao disposto no art.º 8.º da Lei de Autorização das Receitas e Despesas para 1969, segundo o qual, no decurso do corrente ano, se iniciará o estudo de nova estruturação e classificação das receitas e despesas publicas, em função da natureza económica dos respectivos agrupamentos.

Aumento de salários e aumento de produtividade

Na ultima parte do seu trabalho, aquele deputado referiu a necessidade de se desenvolver no nosso País uma política económica e uma política social harmónicas e do aumento de salários e remunerações ser acompanhado de um correlativo aumento de produtividade.

Dado o grande volume das receitas da Previdência, que excedem em muito o total da cobrança das receitas ordinárias do Estado, preconizou também a vantagem de ser organizado o Orçamento Social da Nação.

Afirmou a certa altura o dr. Alberto de Araujo, que o comércio não navega em mar de rosas, acrescentando:

«O numero de letras protestadas subiu, de 66 579 em 1966, para 80 019 em 1967. O valor das letras protestadas subiu de 468 789 contos em 1966, para 806 406 contos em 1967. Pelos resultados provisórios apurados relativamente a 1968 pode dizer-se que, no ano ultimo, o numero e o montante das letras protestadas devem manter-se em níveis idênticos aos de 1967. Estes numeros são bastante expressivos e demonstram a necessidade de se usar da maior cautela quando estão em jogo interesses fundamentais de um importante sector da economia nacional.»

As despesas com a defesa

Já a concluir, disse aquele deputado:

«Em 1967 o excedente das receitas ordinárias sobre as despesas ordinárias foi da ordem de 6800 milhares de contos. Com esse excedente se fez face ás despesas com a defesa da integridade territorial da Nação de cerca de 5750 milhares de contos, obtendo-se um saldo superior a um milhão de contos, o maior registado até então, ao qual se deu uma aplicação reprodutiva. Também é de assinalar que a execução do Plano Intercalar de Fomento revela que no decurso do triénio 1965-1967 os investimentos realizados por via orçamental atingiram cerca de 7 milhões de contos, excedendo largamente as previsões do Plano.

«Tudo isto foi realizado com diminuição do ritmo de crescimento da dívida pública, o qual tendo se processado a uma alta cadência no período de 1963 1966 (3245 milhões de contos em 1963 e 1801 milhões de contos em 1966) foi apenas de 724 mil contos em 1967. Neste ano se registou também uma melhoria sensível no aumento do produto nacional bruto relativamente a 1966 e obteve-se, como já referi, o mais elevado saldo positivo na balança de pagamentos da zona do escudo. Fortaleceu-se a solvabilidade externa da moeda e melhorou-se a composição qualitativa das reservas do Banco Central.»

O orador destacou a importância e a delicadeza das tarefas que recaiem sobre a administração financeira, ou sejam a de assegurar a cobertura dos gastos militares com as receitas ordinárias e a de seleccionar a aplicação das receitas extraordinárias em empreendimentos de maior reprodutividade.

«Torna-se necessário — disse — consecencionalizar a Nação da gravidade da hora que vivemos e dos sacrifícios que uma guerra dura e pesada impõe em todos os domínios de ensejos e aspirações.

E terminou com palavras de fé e de confiança no futuro.

*

Estão ainda inscritos para falar na ordem do dia os deputados Proença Duarte, Jerónimo Jorge, Barros Duarte e Pinto Bull.

CENTRO ESCOLAR REPUBLICANO «ALMIRANTE REIS»

Foram eleitos os novos corpos gerentes do Centro Escolar Republicano «Almirante Reis», que ficaram assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, dr. Alfredo Pedro Guisado; vice-presidente, dr. Armando Adão e Silva; 1.º secretário, Pedro de Oliveira Lapa; 2.º secretário, Carlos Trabão; 1.º vice-secretário, Carlos Augusto dos Santos, e 2.º vice-secretário, Firmino Rodrigues.

Direcção — presidente, Mário Pinha; vice-presidente, António Neves Fernandes; 1.º secretário, António Lonelino; 2.º secretário, Armando Purificação Ferreira; tesoureiro, Avelino Antunes da Silva; vogais, Raimundo Esteves Pereira e Mário Sá; suplentes, António Moura, Manuel Afonso e Carlos Ferreira.

Conselho fiscal — efectivos, Jaime Mascarenhas Fernandes, Domingos António Rebelo e José Gomes; suplentes, Raul Jaime Pires da Silva, Joaquim Martins da Costa e Emílio Augusto Monteiro.

CONFERÊNCIA EM REGUENGOS DE MONSARAZ

REGUENGOS DE MONSARAZ, 11 — No salão de festas da Sociedade Artística Reguenguense, perante numerosa assistência, foi proferida, pelo médico e arqueólogo dr. José Pires Gonçalves, uma conferência versando o tema «A Ermida Romanica (século XIII) de Santa Catarina de Monsaraz».

Presidiu á sessão o advogado dr. Bustorff Silva que, no final fez o elogio do conferente e do trabalho apresentado.

ora diga-nos...

— Usa relógio?

Desde que vive à face da Terra, sempre o homem se preocupou com o tempo que passa, procurando estabelecer-lhe medidas, dividi-lo — tudo na vã esperança de domá-lo. (O certo é que uma pessoa tem que andar na vida a horas). Agora, que quase tudo anda pela hora da morte, resolvemos perguntar: — Usa relógio?

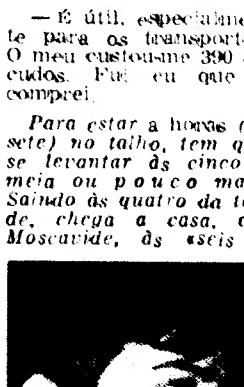
● *O jovem Manuel José Mendes Biscoito, de 16 anos, empregado num talho da Rua da Rosa, usa relógio desde o Verão:*

— É útil, especialmente para os transportes. O meu custou-me 390 escudos. Fui eu que o comprei.

Para estar a horas (às sete) no talho, tem que se levantar às cinco e meia ou pouco mais. Saindo às quatro da tarde, chega a casa, em Moscavide, às «seis e vinte, seis e vinte e cinco».

— E à noite, para saber a que hora deve regressar?

— É raro sair à noite...



● *Quatro relógios teve já o estudante Carlos Alberto Nogueira, de 16 anos, aluno do 4.º ano do Liceu Passos Manuel:*

— Uso relógio desde os 11 anos. O primeiro estraguei-o depois de um exame, na bricadeira. Os outros estragaram-se...

— Todos eles foram comprados pelo meu pai. *Este pai (pensou o repórter) não ganha para relógios...*

● *O último a responder foi outro jovem: Carlos Alberto Gaspar, de 17 anos, que há oito meses se alistou voluntàriamente na Armada:*

— Tenho relógio há uns oito ou nove anos. Sempre faz jeito, especialmente quando estou de serviço.

— Foi o meu pai quem mo ofereceu.

A supressão dos efeitos da incompatibilidade Rhésus

(Continuação da pág. anterior)

dos dos pais no momento da concepção. São diferentes nas várias espécies animais, podendo, mesmo, em certos casos, haver diferenças entre indivíduos da mesma espécie. As espécies podem dividir-se assim em vários grupos sanguíneos.

Uma criança nasce com um certo número dos anticorpos da mãe, que lhe foram fornecidos através da placenta. Pode, também, receber anticorpos através do leite, quando amamentada pela mãe. Esta «imunização passiva» não dura muito tempo, de maneira que pode ser necessário fazer mais tarde uma imunização activa, como, por exemplo, a que se faz contra a difteria.

Além destes anticorpos de imunização, que se formam como resultado da introdução de substâncias antigénicas, outros há (incluindo alguns dos grupos sanguíneos) que se formam naturalmente, e são hereditários. Se se dá sangue que contém um grupo sanguíneo antigénico a uma pessoa que tem o anticorpo correspondente, as consequências da reacção entre o anticorpo e o antigeno podem ser violentas. Quando tal reacção se dá, diz-se que o sangue que contém o antigeno nos glóbulos vermelhos é incompatível com o sangue cujo soro contém o respectivo anticorpo. A reacção antigeno-anticorpo toma várias formas, a mais importante das quais é a hemólise, ou destruição dos glóbulos vermelhos introduzidos, com lesão dos tecidos do organismo e aglutinação desses glóbulos vermelhos.

Em 1901, Landsteiner explicou as razões da incompatibilidade surgida em transfusões sanguíneas, e, chamando A e B aos antigenos de um indivíduo que reagiram com os anticorpos naturais de outros indivíduos, formulou o clássico sistema sanguíneo ABO. Os anticorpos deste sistema formam-se naturalmente. A classificação original ABO permite dividir a espécie humana em quatro grupos: A, B, AB, O (o grupo A pode, ainda, subdividir-se). O sangue de um indivíduo contém o antigeno A, ou B, ou ambos, ou nenhum.

Experiências posteriores demonstraram que o homem tem mais sistemas de grupos sanguíneos bem definidos, além do ABO.

(De «Os Grupos Sanguíneos e a Hereditariedade», de Sylvia e L. J. Lawler — Colecção Natureza)

O que é a incompatibilidade de Rhésus

(Continuação da pág. anterior)

Em 1941, o dr. Levine e os seus colaboradores puderam demonstrar que a doença hemolítica do recém-nascido era provocada pela presença de um anticorpo no soro da mãe, facto que se dava por vezes quando a mãe era Rhésus negativa e a criança Rhésus positiva.

Sabe-se hoje que os sintomas da doença hemolítica são causados pelos efeitos ulteriores à passagem, através da placenta, do anticorpo Rh da mãe para a circulação sanguínea do feto.

Deve notar-se que o anticorpo Rh não se forma naturalmente no soro e que, portanto, se existe, é forçosamente o resultado de uma imunização. Pode encontrar-se no soro de algumas mulheres Rh-negativas que tenham dado à luz crianças Rh-positivas e também no sangue de pessoas de ambos os sexos Rh-negativas a quem tenham sido feitas transfusões de sangue Rh-positivo (transfusões incompatíveis).

Se todas as crianças Rh-positivas nascidas de mães Rh-negativas fossem afectadas, a percentagem seria de um em cada dez nascimentos; na realidade, todavia, a percentagem é apenas de um em cada 200 nascimentos. Vulgarmente, nas mães Rh-negativas só se dá o aparecimento do anticorpo depois do nascimento de dois ou mais filhos Rh-positivos.

Se os dois progenitores tiverem o factor Rh-positivo, não haverá perigo para a criança; o mesmo acontecerá se ambos forem Rh-negativos ou se a mãe for Rh-positivo e o pai Rh-negativo. Mas se o pai for Rh-positivo, o filho também Rh-positivo e a mãe for Rh-negativo, então haverá perigo.

O conhecimento preciso da acção do factor Rhésus levou a uma terapêutica paliativa da doença hemolítica: uma transfusão logo à nascença (de sangue Rh-negativo). O emprego de transfusões (a primeira das quais se efectuou em 1950) permitiu baixar a taxa de mortalidade.

A partir de 1954 passou-se a antecipar artificialmente o parto, com o fim de subtrair a criança aos anticorpos da mãe e de proceder o mais ràpidamente possível à transfusão massiva salvadora.

Uma etapa notável foi franqueada em 1964 quando o neozelandês Liley anuncia a realização de uma verdadeira cirurgia pré-natal e a concretização de uma transfusão, a uma criança ameaçada no próprio seio do útero.

Actualidade internacional

A CHINA ENFRENTA DUPLA AMEAÇA:

TURBULÊNCIA INTERNA E SUBVERSÃO SOVIÉTICA

(Continuação da 1.ª página)

acreditam, por isso mesmo, que os chineses consideram a sua fronteira Noroeste bem mais insegura do que a zona da Manchúria onde as suas tropas chocaram com os guardas soviéticos no passado dia 20.

O perigo potencial para Sinkiang foi evocado este fim-de-semana em discursos de «leaders» locais no que foi descrito pela agência «Nova China» como «a maior manifestação jamais vista» em Urumchi capital da região.

«Provocações» de Moscovo

Dirigindo-se a cerca de 200 mil manifestantes, militares e civis, no sábado, o vice-presidente do Comité Regional, Saifundin, disse que «Moscovo tem mantido provocações no longo da fronteira de Sinkiang em muitas ocasiões.»

Saifundin, um nativo Uighur que acumula ainda as funções de comandante militar da região, acusou ainda os russos de sabotagem, e actividades subversivas e agressivas, «numa vã tentativa para separar Sinkiang do amplexo da mãe-pátria».

Na mesma manifestação, um comissário político local, Pei-Chou-Yu, disse ser urgente que as tropas se reforçassem para combater àrduamente de modo a «rechaçar em qualquer altura um inimigo que ameaça invadir o nosso país».

Estas exortações, ecoando avisos similares por outro «leader» de Sinkiang, recentemente, são as últimas de uma série de declarações anti-soviéticas que aumentaram com a maior sensibilidade chinesa junto às fronteiras com a U. R. S. S.

Sublinhando esta sensibilidade é convicção partilhada pelos chineses de todas as tendências políticas que Sinkiang é uma área que tem sido tradicionalmente invejada pelos russos desde o tempo dos «czares» aos nossos dias.

Região autónoma

Tècnicamente designada como «região fronteiriça autónoma», Sinkiang é largamente um deserto, a sua população de sete milhões composta por uma mistura de muçulmanos indígenas, jovens chineses e exilados políticos e soldados forçados ou voluntàriamente enviados como pioneiros para aquela área.

A região é rica em petróleo, ferro, estanho, carvão, urânio e outros minerais, e estes recursos tentam os russos pelo menos desde metade do século passado, quando eles anexaram o vale do rio Ili, apesar dos protestos do decadente Império Manchu.

Na década de trinta, embora nominalmente sob a soberania chinesa, Sinwiang foi um satélite soviético. Depois da Segunda Guerra Mundial, quando Chian-Kai-Shek e as suas forças nacionalistas tentaram dominar a região, os soviéticos armaram rebeldes muçulmanos que se opuseram às forças nacionalistas e estabeleceram uma «República dos Povos do Turquestão Oriental».

Em 1950, quando os comunistas chineses tomaram o Poder, Moscovo e Pequim concordaram em unir esforços para explorar os recursos da região e desenvolver aquela área.

Mas os funcionários chineses foram tão influenciados pelos russos que os habitantes da região não podiam tomar decisões sem primeiro consultar os soviéticos.

O general Wang-En-Mao foi quem tomou conta do Poder na região. Aparentemente, Moscovo não levantou objecções aos movimentos de Wang para neutralizar os muçulmanos, até que em 1961 com o princípio dos atritos sino-soviéticos, eles viram uma oportunidade de virar as minorias contra a política de Pequim.

Encorajados por funcionários soviéticos, cerca de setenta mil muçulmanos atravessaram a fronteira antes que ela fosse fechada em Maio de 1962. Os muçulmanos que não conseguiram fugir provocaram violentos distúrbios em Kuldja e outras cidades de Sinkiang, obrigando Pequim a guarnecer a zona com tropas frescas.

Depois disso, o general Wang transformou Sinkiang num autoritário estado militar. E assim permaneceu até 1967, quando os Guardas Vermelhos e outros activistas foram lançados na «rebelião revolucionária», pela Revolução Cultural de Mao.

Apesar dos apelos do primeiro-ministro Chu-En Lai para manter Sinkiang calmo, «por motivos de segurança nacional», os maoistas flagelaram a área e maldizendo Wang «por ter alli criado um reino independente».

Nesse entretanto, Moscovo, tomando partido da turbulência, aumentou a sua propaganda e lançou apelos aos desafectos muçulmanos, muitos dos quais foram aterrorizados pelos Guardas Vermelhos.

Ao mesmo tempo, segundo fontes bem informadas, Moscovo começou a aumentar gradualmente as suas forças ao longo da fronteira, ao mesmo tempo que guerrilhas baseadas em território soviético faziam «raids» contra postos chineses.

Círculos bem informados calculam que cerca de um milhão de soldados soviéticos poderão estar agora na fronteira

Evidentemente alarmados pelos movimentos de Moscovo, Pequim tentou de novo estabilizar Sinkiang em Setembro passado, formando um Comité Revolucionário Provincial chefiado por um indivíduo neutral na questão, o general Lung-Shu-Chin.

No processo, Wang foi demitido tornando-se um dos nove vice-presidentes apesar de continuar como comissário político para o exército da zona. Este compromisso não satisfez, aparentemente, nem os amigos de Wang nem os seus adversários.

Wang assistiu a uma recepção em Pequim na qual compareceu o próprio Mao Tsé Tung, presimivelmente para mostrar aos seus partidários e adversários que ele continuava uma figura proeminente.

Desde então, contudo, a posição de Wang fortaleceu-se, e supõe-se que os seus seguidores poderão reagir contra as autoridades locais.

Pequim encara frequentemente a dupla ameaça de perturbações internas e de actos adversos externos — uma situação muito parecida com as que causaram a queda de dinastias chinesas ao longo da História.

As massas chinesas convertem a sua indignação em esforço produtivo

HONG KONG, 11 — (F. P.) — A Rádio Pequim afirmou ontem que os camponeses, os operários e as massas revolucionárias chinesas converteram a sua indignação contra a U. R. S. S. num grande esforço de produção, destinado a contrabalançar os intuitos dos «novos czares» soviéticos.

A Rádio acrescentou que a situação das vendas, das compras e dos abastecimentos era satisfatória na totalidade do território chinês: a produção do aço, do carvão, do ferro fundido, dos automóveis e dos produtos de consumo corrente progrediram largamente. A produção de algodão aumentou 48,2 por cento e a dos produtos alimentares 9,5 por cento, de 1967 para 1968.

Só em Pequim, os técnicos fizeram mais de 10 000 inventos e descobertas, quanto a novos produtos e processos de fabrico. Em Tien Tsin, os operários fizeram 20 000 inventos durante a Revolução Cultural. Finalmente, a Rádio revela que nesta última cidade, os 100 000 operários metalúrgicos decidiram «utilizar os seus altos fornos na luta contra o imperialismo e o revisionismo».

Protesto chinês contra as manifestações em Moscovo

HONG-KONG, 11. — (R.) — A China entregou uma nota de protesto á União Soviética por causa das manifestações que ocorreram defronte da sua Embaixada em Moscovo, segundo anunciu hoje Rádio Pequim.

A nota foi entregue no Ministério dos Negócios Estrangeiros russo na sexta-feira, no primeiro dia das manifestações que se seguiram aos recontros fronteiriços sino-soviéticos na Manchuria, há uma semana.

PESSOAL APEDREJADO

A Rádio oficial chinesa disse que a nota continha um enérgico protesto e declarava: «Após engendrarem grave provocação armada na ilha de Chon Poa, as autoridades soviéticas, que não reconheceram a sua derrota, organizaram em 7 de Março uma desprezivel manifestação anti-chinesa defronte da Embaixada da Republica Popular da China. Reuniram rufias para fazerem ataques difamatórios indiscriminados contra o chefe chinês, presidente Mao, e contra o povo chinês e causaram estragos no edifício da Embaixada chinesa».

A nota dizia ainda que o pessoal da Embaixada chinesa fora apedrejado.

Na mesma emissão, Rádio Pequim citou ainda um artigo do «Diário do Povo», o órgão do Partido, que declarava que as autoridades soviéticas tinham posto em movimento as suas máquinas de propaganda ao realizarem uma conferencia de Imprensa ao mesmo tempo que organizavam manifestações contra a China.

O mesmo artigo acrescentava que alguns dos manifestantes tinham sido obrigados a participar na manifestação, e que uma profunda amizade existia realmente entre os povos russo e chinês.

ORDEM DE LIN PIAO

Entretanto, um jornal desta cidade, o «Hong-Kong Star» anunciou hoje, que o marechal Lin Piao, ministro da Defesa chinês, deu ordem ás tropas que se encontram junto á fronteira soviética, para não provocarem qualsquer incidentes.

O jornal, citando as suas próprias fontes de informação no interior da China afirma que Pequim recebeu informações dos seus serviços secretos indicando que Moscovo «ripostará á menor provocação».

PROSSEGUEM AS MANIFESTAÇÕES NA U. R. S. S.

MOSCOVO, 11. — (F. P.) — As manifestações anti-chinesas, embora tenham abrandado, prosseguem em todo o país, agora nas fábricas, administrações, etc., indica a Agência Tass. Moscovo, Leninegrado, Tbilisi, Kuibichev, Brest, etc., assistem a essas manifestações, subordinadas ao «slogan» de «Fora com as patas da nossa pátria sagrada». Na Universidade Técnica de Moscovo e na Universidade de Moscovo eminentes professores condenaram o ataque chinês.

O JULGAMENTO DE RAY FOI UMA OPERAÇÃO DE DISFARCE DE UMA CONSPIRAÇÃO

— SEGUNDO O «DAILY NEWS»

NOVA YORK, 11 — (F. P.) — James Earl Ray confessou ter assassinado o pastor Luther King, pelo que foi condenado ontem. A condenação é noticiada na primeira página dos dois grandes órgãos nova-iorquinos, o «New York Times» e o «Daily News». Dedicam-se sobretudo a explicar o processo norte-americano, complicado, que permite a acusação e a defesa pôrem-se de acordo, num processo, para a aceleração da sentença. Um advogado interrogado pela TV acerca da condenação, a 99 anos de prisão, disse sarcàsticamente que era de esperar que Ray não morresse de cancro, na sua cela, dentro de alguns meses.

JAMES EARL RAY

Segundo o «Daily News» o julgamento «não passou de uma escandalosa operação de disfarce e de amordaçamento de um homem que teria podido denunciar os membros de uma conspiração histórica».

O julgamento, realizado ontem em Memphis (Tennesse) foi antecipado de um mês, e durou apenas três horas e meia. Ray renunciou á sua defesa, aceitou os 99 anos sem possibilidade de recurso.

Como para o assassínio do presidente John Kennedy, as questões que a opinião publica põe ficam sem resposta. Ray actuou sózinho, como pretende a tese oficial? O facto é que ele decidiu levantar-se do seu banco no tribunal para dizer que não estava de acordo com a teoria de que não tinha havido conspiração. Mas o processo acelerado, seguiu o seu curso, como se ele não tivesse dito nada. E vários factos surgidos durante o inquérito pareciam depor a favor da tese da conspiração.

Hué bombardeada pela F. N. L.

SAIGÃO, 11. — (F. P.) — A F. N. L. bombardeou Hué na terça-feira de manhã. Caíram na antiga cidade imperial cinco foguetões de fabrico soviético. Ficaram feridos seis civis neste «bombardeamento indiscriminado», conforme foi classificado pelos americanos. Segundo estes, Hué é uma das três grandes cidades do Vietnam do Sul compreendidas num acordo tácito concluido entre Washington e Hanói, e que motivou a suspensão total dos bombardeamentos ao Vietnam do Norte. As outras duas cidades seriam Saigão e Da Nang. Ora Saigão foi bombardeada quatro vezes desde o começo da ofensiva, em 23 de Fevereiro, e as instalações militares e navais do complexo da base de Da Nang pelo menos três vezes.

O bombardeamento de Hué é considerado em Saigão um autêntico desafio, depois das declarações feitas pelo presidente Thieu e pelo secretário da Defesa americano, Melvin Laird, avisando os comunistas de que seriam «castigados» pelos seus bombardeamentos.

A GUINÉ EQUATORIAL AFUNDA-SE NO CAOS

— dizem jornalistas que visitaram aquele território

MADRID, 11 — (F. P.) — Depois de duas semanas de crise com a Espanha, a Guiné Equatorial está a afundar-se no caos — julgam os jornalistas que regressaram a noite passada de Bata, onde passaram cinco dias a convite do presidente Francisco Macias

A vida económica está em ponto morto, os serviços publicos param uns após outros e começam a faltar os mantimentos e produtos de primeira necessidade — disseram os correspondentes á sua chegada a Madrid, a bordo de um DC-8 que transportava 265 refugiados.

Cinco dos doze correspondentes estrangeiros que seguiram na quarta-feira de Madrid para a Guiné Equatorial ficaram em Bata de sua livre vontade. Os sete correspondentes regressados agora assistiram anteontem ao linchamento de um negro, mesmo á porta do palácio presidencial de Bata. Segundo o que puderam compreender, o homem seria cumplice do chefe do golpe de Estado falhado da semana passada, Atanasio Dongo, ministro dos Negócios Estrangeiros.

O Egipto continua a preparar-se para uma longa guerra contra Israel. E tal guerra, como o disse ultimamente o director do jornal «Al Ahram», e como os recentes acontecimentos o comprovam, não poderá ser ferida de acordo com os modelos clássicos Compreendendo a necessidade de uma nova definição estratégica e táctica, Nasser criou recentemente o «Exército Popular de Defesa», integrado pela população activa — estudantes, camponeses e operários. Na fotografia, um «popular», entrincheirado num telhado de Ismaília, aponta uma metralhadora para o Canal de Suez

Os E. U. A. poderão efectuar três alunagens este ano

HOUSTON (Texas), 11 — (R.) — Os Estados Unidos esperam colocar por três vezes homens na Lua este ano, se a primeira tentativa, em Julho, decorrer sem qualquer dificuldade — segundo afirmaram a noite passada funcionários da N.A.S.A.

Esses funcionários disseram ainda que os actuais planos previam mais duas missões tripuladas a seguir á da «Apolo 11», que deverá iniciar-se em 15 de Julho próximo.

Essas missões seriam as da «Apolo 12», em Setembro, e da «Apolo 13» em Dezembro.

Mais dois desembarques lunares no primeiro semestre de 1970 estavam, também, planeados — revelaram os funcionários.

«Todos esses planos baseiam-se no êxito da missão da «Apolo 11» — observou um dos funcionários.

Existe, também, a possibilidade — considerada remota pela maioria dos funcionários — de que a missão da «Apolo 10», em Maio próximo, possa ser eliminada e substituída pela da «Apolo 11». O plano de voo da «Apolo 10» prevê que dois astronautas se desloquem na sua nave de desembarque lunar até uma distância de cerca de 15 000 metros da superfície da Lua, mas sem lá alunarem.

Contudo, se for cancelado esse voo, é improvável que o foguetão «Saturno» e a cápsula espacial «Apolo 11», ainda no processo de serem montados, possam estar prontos para lançamento antes de Junho.

O tenente-general Samuel Phillips, administrador do programa «Apolo», afirmou no fim-de-semana que uma decisão seria tomada em fins deste mês, mas acrescentou que, na sua opinião pessoal, a missão da «Apolo 10» deveria efectuar-se em Maio, como estava planeado.

MAU TEMPO NO ATLÂNTICO ONDE DEVE DESCER A «APOLO 9» NO DIA 13

HAUSTON (Texas), 11. — (R.) — Os astronautas da «Apolo 9» passam hoje o seu nono dia em órbita, enquanto os técnicos em Terra vigiam ansiosamente tempo borrascoso no Atlântico, onde a nave espacial deverá descer na quinta-feira.

Navios estacionados, desde a área principal de recuperação a Sudoeste das Bermudas até uma zona de prevenção ao largo da costa Noroeste de África, comunicaram mar tempestuoso e vento com uma velocidade de rajada de até 60 nós.

O director do voo, Eugene Kranz, declarou a noite passada que era ainda demasiado cedo para fazer conjecturas acerca da descida da nave antes do tempo previsto.

Kranz notou que navios na área de recuperação no Pacífico anunciaram bom tempo, prosseguindo: «Temos muitas opções. Podemos mudar as áreas de recuperação».

Informações recentes sobre todas as manobras necessárias que seriam precisas para uma descida de emergência noutros locais estavam a ser transmitidas constantemente aos três astronautas — continuou Kranz.

Hoje, James McDivitt, David Scott e Russell Schweickart tiram mais fotografias de áreas escolhidas da Terra.

Cientistas esperam que essas fotografias os ajudarão a compilar um mapa exacto dos recursos naturais e a detectar os primeiros indícios de estiagem ou doenças afectando campos de cereais.

O EXÉRCITO EGÍPCIO ESTÁ DE PREVENÇÃO

CAIRO, 11 — (R.) — As Forças Armadas do Egipto encontravam-se hoje de prevenção permanente, no meio de avisos á população para aguardar novos combates ao longo do Canal de Suez

O autorizado jornal cairota «Al Ahram», que reflete a opinião oficial egípcia, informou que o Exército se encontrava no estado de máxima prevenção, para defrontar qualquer nova ameaça.

O aviso foi feito quando os egípcios estavam ainda de luto pelo chefe do estado-maior do país, general Abdel Moneim Riad, morto no domingo por uma granada israelita, quando foi travado pelo segundo dia consecutivo um violento duelo de artilharia entre tropas egípcias e israelitas.

Não foram anunciados ontem quaisquer incidentes ao longo do canal, quando dezenas de milhar de egípcios encheram as ruas do Cairo para prestarem a última homenagem ao general Riad, numa das cenas mais emocionantes já observadas na capital egípcia nos últimos anos.

«Al Ahram» disse ainda que os israelitas foram observados a reconstruir posições destruídas durante os duelos de artilharia em consequência dos quais, segundo proclama o Egipto, foram mortos ou feridos cerca de 100 soldados israelitas e destruídos 40 tanques e várias rampas de foguetões.

Ministros de países da Liga Árabe, no Cairo para três dias de conversações, escutaram a noite passada outro apelo para mais íntima cooperação árabe nas próximas fases da luta.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da Jordânia, Abdel Moneim Rifai, declarou que Israel estava a negar as possibilidades de uma solução pacífica e acrescentou que os Estados árabes devem estar preparados para tomar as decisões necessárias que a actual situação exige.

OS DUELOS DE ARTILHARIA FORAM INICIADOS PELO EGIPTO

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 11 — (R.) — O principal observador da O.N.U. no Médio Oriente, general Odd Bull, comunicou a noite passada a U Thant que ambos os grandes duelos de artilharia através do Canal de Suez entre forças egípcias e israelitas, durante o fim de semana, foram iniciados pelo Egipto.

Israel anunciou que três dos seus soldados morreram na batalha de dois dias e mais 18 ficaram feridos.

Não foi recebida qualquer informação acerca das baixas sofridas pelo Egipto.

O general Bull informou ainda U Thant que vários postos da O.N.U. em ambos os lados do canal foram atingidos e danificados.

ACUSAÇÃO ISRAELITA

Entretanto, Israel afirmou que forças militares regulares da Jordânia estavam a colaborar com grupos de guerrilheiros árabes atacando alvos em territórios ocupados pelos israelitas.

«As vítimas dos seus ataques são na maioria civis», declarou numa carta, ao secretário-geral da O. N. U. o embaixador israelita Yosef Tekoah.

Tekoah rejeitou acusações feitas recentemente pela Jordânia de que Israel estava a desencadear uma série de ataques com foguetões, mísseis e bombas de «napalm» contra cidades e aldeias jordanas.

A FRANÇA PARALISADA

(Continuação da 1.ª página)

Em muitas fábricas a greve foi total e noutras, onde alguns empregados compareceram, não puderam trabalhar, por falta de electricidade.

Nas principais cidades francesas a falta de electricidade também afectou o trânsito, registando-se grandes engarrafamentos nos cruzamentos onde não funcionavam os sinais luminosos.

O Metropolitano de Paris continuou a funcionar embora com um número reduzido de comboios, e, na maior parte deles, os passageiros viajavam sem pagar bilhete, devido á greve dos cobradores.

O presidente de Gaulle fala, hoje, ás 20 horas de Lisboa, á nação, pela Rádio e Televisão. O seu discurso deverá referir-se, em princípio, ao plebiscito do próximo mês sobre a reforma do Senado e da Administração Regional. Mas os observadores políticos pensam que, em virtude da situação causada pela greve, o chefe do Estado deverá ocupar-se da agitação social.

Em Grenoble, os estudantes marcharam, esta manhã, pelas ruas agitando bandeiras vermelhas e gritando estribilhos contra o Governo. A Polícia prendeu dez manifestantes, que estavam armados com cacetes.

Nos subúrbios parisienses de Boulogne, o corte da electricidade começou ás cinco da manhã, e, até ao princípio da tarde, o fornecimento de energia ainda não tinha sido restabelecido.

GOLDA MEIR FOI ENCARREGADA DE FORMAR GOVERNO

JERUSALÉM, 11. — (F. P.). — Golda Meir foi encarregada de formar o novo Governo israelita pelo presidente Shazar.

Entretanto, uma centena de árabes suspeitos de pertencerem á Frente Popular de Libertação da Palestina foram presos ultimamente no sector oriental de Jerusalém.

Uma importante quantidade de explosivos e de granadas foi igualmente descoberta pela Polícia israelita.

Golda Meir

JERUSALÉM, 11. — (F. P.) — A sr.ª Golda Meir será o 4.º primeiro-ministro desde a criação do Estado de Israel. Terá o maior apoio parlamentar registado até agora: 106 dos 120 lugares do Parlamento são ocupados pela coligação que a apoia.

O «UNIVERSE PORTUGAL» BAPTIZADO PELA FILHA DO PRESIDENTE PORTUGUÊS

NAGASAKI, Japão, 11 — (R.) — Um dos maiores barcos do Mundo, o «Universe Portugal», foi baptizado hoje por Maria Natália, Thomaz filha do Presidente da República Portuguesa, almirante Américo Thomaz

O petroleiro, de 326 000 toneladas passará a pertencer á frota da Gulf Oil Corporation dos Estados Unidos.

O armador do navio, construído nos estaleiros de Nagasaki das Indústrias Pesadas Mitsubishi, é a U S 84 National Bulk Carriers

Maria Natália Thomaz, que veio especialmente de avião ao Japão para baptizar o petroleiro, encontrava-se acompanhada pelo ministro da Marinha portuguesa almirante Manuel Crespo

Quando cortou a corda cerimonial com o tradicional machado de prata, foi queimado fogo de artifício, soaram sereias e gigantescos balões de papel, suspensos sobre as cabeças rebentaram, saíndo deles pombos e flâmulas coloridas

Num discurso, que pronunciou, o almirante Manuel Crespo afirmou que nos séculos XIV e XV, os portugueses deram novas dimensões aos transportes marítimos, criando tipos diferentes de navios e inventando novas técnicas de navegação

Foi de acordo com essas tradições que o Presidente da República de Portugal, ele próprio um marinheiro ilustre, concordou que sua filha fosse a madrinha deste belo barco» — acrescentou o ministro português.

NIXON VISITARÁ A JUGOSLÁVIA?

BELGRADO, 11 — Soube-se de fonte geralmente bem informada que durante a entrevista que teve com Miso Pavicevitch, secretário interino jugoslavo para os Negócios Estrangeiros, o embaixador dos Estados Unidos em Belgrado terá-lhe-ia entregue «calorosa mensagem» do presidente Nixon aceitando um convite para visitar oficialmente a Jugoslávia. Ainda não foi fixada a data desta visita oficial

Prosseguindo na divulgação da Literatura Brasileira
LIVROS DO BRASIL
apresenta
OTTO LARA RESENDE:

O RETRATO NA GAVETA

Narrativas tecidas de episódios humanos fazem sentir a dramática e apaixonante aventura de viver.

40$00

A venda nas Livrarias ou contra-reembolso postal para
LIVROS DO BRASIL
R Caetanos, 22 — LISBOA

ECOS

TAL como hoje se está verificando, o movimento de resistência grego no século XIX nasceu ou tomou corpo nas comunidades helénicas do estrangeiro — em Viena, em Odessa, em São Petersburgo, em Marselha, em Paris. Os jornais, o renascimento literário, os grupos patrióticos surgiram nesses círculos antes de atingirem a Grécia dominada pelos turcos. A revolta grega provou que era impossível prever uma política susceptível de responder a todas as eventualidades. Mettermich ficou perplexo. A primeira guerra revolucionária rebentava na Europa ao revés da lógica diplomática e a ideia de legitimidade da autoridade era mais uma vez posta em causa, românticamente, após o grande abalo emocional de 1789.

★

A UNIAO do estudo e do trabalho produtivo estão na ordem do dia nos países industriais adiantados. O acesso dos trabalhadores ao nível profissional exigido pelo actual desenvolvimento da ciência e da técnica só se torna possível com o fomento paralelo do ensino e do trabalho produtivo. É claro que essa interpenetração entre a educação e o labor prático, pragmático nem sempre se antolha tarefa fácil de realizar. **Mas é forçoso** aproximar a escola da vida, quer por meio da introdução nos estabelecimentos de ensino de disciplinas que assegurem conhecimentos de base em matéria de produção, quer através de experiências extra-escolares como os campos de trabalho.

★

A ACTUALIZAÇÃO das remunerações dos professores do ensino oficial — primário, liceal e técnico — torna ainda mais necessária do que já o era a normalização dos vencimentos no ensino particular. Em boa hora chama a atenção para esta exigência, com a maior cordura e ponderação, o jornal «Mar Alto», da Figueira da Foz. É bom não esquecer que muitos adultos, por circunstâncias de tempo da sua vida profissional, recorrem de preferência ao ensino particular. E a qualidade deste dependerá lógicamente em parte das possibilidades monetárias oferecidas aos seus quadros docentes. Ora educação permanente, de que a recuperação e a valorização dos adultos é tão-só um aspecto, deve colocar-se entre os factores decisivos de avanço de uma nação.

O novo edifício da Biblioteca Nacional vai ser inaugurado no dia 10 de Abril

Desta vez, parece que as dúvidas acabaram: o novo edifício da Biblioteca Nacional de Lisboa, ao Campo Grande, vai ser, finalmente, inaugurado no próximo dia 10 de Abril.

Ontem à tarde, os ministros das Obras Públicas e da Educação, eng.º Rui Sanches e dr. José Hermano Saraiva, respectivamente, foram recebidos pelo sr. Presidente da República, a quem convidaram para presidir à cerimónia. Uma vez que o sr. almirante Américo Thomaz aceitou o convite, fica, desde já e em princípio assente: a nova Biblioteca é inaugurada em 10 de Abril.

Os mais incrédulos ficam de pé atrás e até funcionários da mesma Biblioteca sabiam apenas que a inauguração estava prevista para Abril. De qualquer modo, vai terminar em breve uma situação verdadeiramente aflitiva e prejudicial para milhares de pessoas, nomeadamente estudantes universitários e professores: a «falta» de uma biblioteca com as possibilidades que a Nacional oferece. Entre os primeiros, devem referir-se os licenciados da Faculdade de Letras a braços com a investigação indispensável para as dissertações de licenciaturas, necessàriamente um atraso nesta altura do ano, porque muitas das fontes de consulta (colecções de jornais antigos, por exemplo) se encontram apenas na Biblioteca Nacional.

Cinco meses a transportar livros

A mudança dos livros do velho edifício do Largo da Biblioteca Pública começou no dia 14 de Outubro do ano passado. De então para cá, verificou-se apenas um intervalo de cerca de um mês, por alturas do Natal e Ano-Novo.

Neste momento, a mudança está, praticamente, no fim, assim como as obras no edifício, que está a receber os últimos retoques.

A mudança tem, contudo, uma história: começou a ser preparada dois anos antes, e teve de ser adiada, por falta de verba, como na devida altura se noticiou. Previa-se, então, que demorasse seis meses.

A inauguração chegou a estar prevista por várias vezes, inclusivamente para o mês de Dezembro de 1966, sendo a cerimónia integrada numa exposição bibliográfica relacionada com a comemoração do 40.º aniversário do movimento de 28 de Maio de 1926.

Finalmente, a mudança começou em 14 de Outubro passado, e, durante estes meses, nada menos que 1 500 000 livros atravessaram as ruas de Lisboa entre o Chiado e o Campo Grande, devidamente acondicionados em camioneta equipada para o efeito.

A mudança foi feita com a rapidez e a segurança previstas, e implicou, naturalmente, um grande acréscimo de trabalho. Mas — como nos disse, esta manhã, um funcionário — não se faz todos os dias a mudança de uma biblioteca nacional.

Horário contínuo das 9 às 23 horas?

Não nos foi possível saber qual o dia exacto em que o novo edifício da Biblioteca Nacional será aberto ao público. No entanto, e apesar de muita gente dizer que entrará em funcionamento antes da inauguração, é lógico que, pelo menos, as suas portas sejam abertas logo a seguir. O grande impedimento que poderia surgir, a falta de funcionários (mais cerca de 150 do que no edifício antigo) está a ser convenientemente encarado.

Perguntar-se-á, ainda: e os horários? De concreto, nada há ainda, ou, se há, não nos disseram. Um funcionário informou, contudo, que «consta que será adoptado um horário contínuo, das 9 ou 10 horas até às 23, com dois turnos para o pessoal.

Efectivamente, esta parece ser a solução mais adequada aos interesses do público, uma vez que, se muitos estudantes e professores dispõem das manhãs ou das tardes livres, há quem tenha apenas a noite para o estudo, ou, até, para investigações.

A propósito dos estudantes e professores, recorda-se, ainda, que, em Julho de 1956, quando se falou na construção deste novo edifício, o Senado Universitário tomou posição sobre o assunto, e entre as suas afirmações então vindas a público salientava-se a de que «*o novo edifício da Biblioteca Nacional não pode dispensar a criação da Biblioteca Geral da Universidade de Lisboa*».

A partir do dia 10 de Abril, o público terá uma «nova» Biblioteca Nacional. Quantas viagens fez esta camioneta entre o Largo da Biblioteca Pública e o Campo Grande, a transportar livros?

A Siderurgia Nacional deu início aos ensaios de laminagem de carris destinados à renovação da via férrea

A Siderurgia Nacional já deu início à produção de carris destinados à renovação das vias férreas do País.

Como se sabe, em Novembro de 1968 a C. P. adjudicou à Siderurgia Nacional o fornecimento de cerca de 100 000 toneladas de carris, e das respectivas «éclisses». Quase ao mesmo tempo, o consórcio empreiteiro da obra entregou também à empresa siderurgica a encomenda das barras e do varão para as travessas mistas a empregar (travessas constituidas cada uma por 2 blocos de betão armado ligados por uma barra metálica neles embebida), bem como dos parafusos de fixação. O aço utilizado nos tirafundos (feitos pela própria C. P.) já há anos que vem sendo de produção nacional e vai continuar a sê-lo.

Nos meios interessados sublinha-se que a Siderurgia Nacional não beneficiou, para obter estas encomendas, de qualquer tratamento de excepção, relativamente ao das outras industrias nacionais que participam nos fornecimentos para a obra em causa; antes teve de limitar os seus preços segundo condições estabelecidas e proporcionou mesmo, em alguns materiais, soluções particularmente económicas.

Segundo informações obtidas na fábrica do Seixal, o primeiro ensaio de laminagem de carris decorreu de modo muito satisfatório, sobretudo tendo em conta que se trata de um dos artigos siderurgicos de mais difícil e delicada produção. De facto, logo neste primeiro ensaio foram obtidos carris muito próximos das rigorosas especificações e tolerancias a respeitar, carris susceptiveis mesmo de serem aplicados nas vias da própria fábrica. A Siderurgia conta ter esta produção completamente afinada dentro de poucas semanas, antecipando-se assim de alguns meses, como é prudente, em relação à data do início dos fornecimentos à Companhia dos Caminhos-de-Ferro Portugueses, que, contratualmente, deverá verificar-se em Julho próximo.

A actual fase de expansão do complexo siderúrgico custará cerca de 1 850 000 contos

Vem a propósito recordar que o fabrico de carris e perfis pesados integra-se no programa de expansão do complexo siderurgico do Seixal de 1968-1969. Deste programa constam ainda: uma nova central de oxigénio (que produzirá também azoto e árgon), aumento da aciaria existente e uma instalação de laminagem de chapas a frio — nuas e revestidas a zinco (galvanizadas), a estanho (folha de Flandres) e a crómio.

Está já em marcha a nova central de oxigénio do Seixal onde começará ainda este ano a produção de chapas a frio

Em conjunto, os laminados tal qual e trabalhados, a fornecer sob responsabilidade directa da Siderurgia Nacional, para a obra em causa, proporcionam ao País uma economia de divisas sensivelmente superior a 400 000 contos, até porque a grande maioria dos artigos exige qualidades especiais, de alta resistência e com especificações dificultosas, o que torna o seu valor mais elevado. Acresce que a disponibilidade de produção siderurgica nacional proporcionou uma maior intervenção de actividades transformadoras do aço.

Os contratos firmados pela C. P. e pelo seu empreiteiro geral com as industrias portuguesas, de base e transformadoras, são vultosos e constituem exemplo das possibilidades de integração dos recursos nacionais no desenvolvimento do País.

A nova central de oxigénio, tal como a instalação de carris e perfis pesados, está já em marcha; os trabalhos da aciaria completar-se-ão dentro de algumas semanas; a produção das chapas a frio iniciar-se-á no ultimo trimestre deste ano.

Nos empreendimentos desta fase de expansão é investida uma soma de cerca de 1 850 000 contos, da qual um mínimo de 1 000 000 de contos corresponde a fornecimentos nacionais de serviços e bens, facultados à técnica e à industria portuguesas num período de dois anos.

Mediante estas realizações, a poupança anual de divisas proporcionada pela Siderurgia Nacional ao País, que em 1969 já deverá ultrapassar o nível dos 600 000 contos, atingirá 1 000 000 de contos dentro de dois anos.

Economia de divisas prevista para 1974: três milhões de contos

Uma vez que se concretize a nova fase de expansão da unidade siderúrgica, projectada e planeada pela empresa para o período de 1970-1973, aquela mesma poupança de divisas ultrapassará, em 1974, os 3 000 000 de contos (perto de um terço do actual «deficit» no nosso comércio externo). E este resultado não conta com os efeitos do aproveitamento dos minérios de Moncorvo, em cujos estudos a Siderurgia Nacional já dispendeu ou comprometeu uma boa dúzia de milhares de contos, depois de ter proporcionado, à custa de grandes responsabilidades, a posse nacional de um grupo importante das respectivas concessões mineiras.

Esta fase de expansão, que é a terceira, implica, só no campo puramente siderúrgico, investimentos da ordem de 3 800 000 contos, dos quais caberão dois e meio milhões (mais de 600 000 por ano) aos serviços e às produções nacionais.

Os valores em causa, a que se devem juntar os efeitos indirectos característicos desta indústria básica, levam a crer que tudo se fará para que os projectos estruturados, e de realização à vista (até por força dos créditos que o empreendimento e a empresa mereceram aos meios financeiros externos), passem dos papéis e das negociações para os terrenos do Seixal.

FIL GRÁFICA
■ UM GRANDE SALÃO INTERNACIONAL DE EDIÇÕES E MATERIAL GRÁFICO
■ UMA DEMONSTRAÇÃO DE UTILIDADE PARA OS TÉCNICOS
■ UMA EXPRESSIVA EXIBIÇÃO PARA O PÚBLICO
HORÁRIO | de hoje e amanhã das 16 às 23 horas
NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

LISBOA DEVIA PAGAR O TRIBUTO DE GRATIDÃO A ARTUR PORTELA

Amanhã, ao meio-dia, haverá, como anunciámos, a romagem ao túmulo de Artur Portela, erguido no cemitério dos Prazeres, em homenagem à memória do grande jornalista, avivando uma persistente saudade ao passar o décimo aniversário da sua morte.

Uma das maiores figuras do jornalismo e nome proeminente, inesquecível na admirável falange dos que, com garra e talento, em ardorosos entusiasmos de uma juventude estuante e generosa, rodeando, desde o princípio, o seu saudoso fundador dr. Joaquim Manso, ergueram o «Diário de Lisboa» ao seu prestígio, dando-lhe larga projecção, Artur Portela — que, além dos méritos excepcionais de jornalista, revelava uma invulgar personalidade de escritor — tem lugar de relevo na História da Imprensa em Portugal, sobressaindo o mestre da reportagem e da crónica cintilante, emotiva, tocada, por vezes, de sonho e poesia.

São páginas extraordinárias de jornalismo, impressionantes e belas essas reportagens, escritas em crispações de nervos, por vezes com sangue e lágrimas, e as crónicas, embebidas de tintas rutilantes ou de palpitante emoção quando nos enleiam numa espécie de réverie. nas aflições de uma alma no mar da desarradora angústia, no drama da gente humilde, ignorada, ao desamparo. Foi com todo o seu talento e vibrátil sensibilidade de que ele, apaixonado pelo burgo, escreveu sobre Lisboa. Ele descreveu os seus dramas, as suas alegrias, a efervescência cintilante da cidade volúvel, a existência do povo anónimo, a epopeia da cidade do trabalho, fremente de vida, exaltando-a no sofrimento e na sua gloriosa plenitude. Merecia ele que a urbe lhe tributasse o preito de reconhecimento — homenagem justa, que poderia traduzir-se dando o nome de Artur Portela a uma das suas ruas.

Lisboa é, no entanto, distraída e ingrata, tantas vezes, para com aqueles que amorosamente lhe querem e lhe celebram os encantos; e não se verifica a ingratidão apenas em relação ao grande jornalista. Lembramo-nos, por exemplo, de M. Teixeira-Gomes (sem falar do eminente estadista), do seu embevecido enlevo na cidade, dos valores artísticos que lhe doou, das páginas lapidares que o incomparável estilista lhe consagrou. Portela tinha por ele alto apreço, e, mais de uma vez, sugeriu que Lisboa lhe pagasse a sua dívida de gratidão.

Talvez agora a edilidade pense em reparar esses seus injustos esquecimentos.

Defensor esforçado dos valores e dos interesses da classe, actuando e pugnando sempre pelas suas reivindicações, trabalhando para o seu prestígio, devese-ao inolvidável Artur Portela uma obra notável de solidariedade e compreensiva e dignificadora benemerência na Caixa de Previdência de Profissionais da Imprensa de Lisboa (Casa da Imprensa), de cujo edifício-sede foi estruturador e realizador. Por isso, também, a classe não o esquece e honra-lhe a memória.

Entre as comemorações do 10.º aniversário da sua morte, inclui-se a atribuição, pela família, do «Prémio de Reportagem Artur Portela», para distinguir a melhor reportagem publicada em cada ano por jornalistas que exerçam a profissão em jornais diários, e cuja atribuição será da responsabilidade da Casa da Imprensa, que nomeou um júri de cinco componentes. O prémio deverá ser, como também dissemos, atribuído ainda durante este mês, no âmbito das referidas celebrações.

DIÁLOGO TRANSITIVO

por Alberto Ferreira

PROVISÒRIAMENTE comecemos por admitir que entre o cérebro e a pedra há diferença abissal. Em seguida, meditemos no provérbio popular: «tem cabeça dura como pedra». Dura por dentro. Pois assim se desabafa quando o sujeito não entende nada do que se lhe diz, ou não quer entender, e, então, é «teimoso como burro». Jerico, casmurro, cabeçudo, etc., são expressões populares e coloquiais que encerram experiências seculares da comunidade. Os intelectuais de forte compleição doutrinária e de profunda formação verbal e cognitiva enjeitam este estilo, aborrecem tal linguagem a que chamam, depreciativamente, comum. Não a enjeito eu. E não a enjeito por gostar dela em especial, nem por motivos de divulgação e acessibilidade ao espírito das grandes massas, mas porque me serve a mim para compreender certos fenómenos concretos que a todos inquietam ou massacram. A analogia entre cérebro e pedra que comecei por rejeitar categòricamente, surge-me agora em pleno esplendor depois de reflectir por que razão o povo aproxima a estupidez e a casmurrice da dureza da rocha.

É absolutamente urgente pensar nisto: as nossas crianças têm um cérebro que contém um legado genético. Quer dizer: nascem aptas a pensar, são dotadas para o pensamento. Sabemos que um filósofo, chamado Pascal, que, por coincidência, era «católico» jansenista, sábio e inventor, deixou dito para a posteridade que «pensar faz a grandeza do homem». Que todas as seitas filosóficas e científicas estão de acordo quanto a esta importante conclusão que gregos, sumérios e chineses já tinham, outrora, extraído da sua prática social de seres viventes e pensantes. Muito bem: creio que todas as seitas actuais estão, mais ou menos, de acordo que a escola, os métodos de ensino, os professores, as matérias, e outras questões centradas na escola, determinam, desde início, se o cérebro da criança virá a encaminhar-se para a dureza do fóssil ou se, pelo contrário, irá destinar-se à terra natal do pensamento — terra essa nada misteriosa, bastante clara, de excelente clima, pacífica, com franca tendência para o diálogo ameno e vivo, suficientemente animosa para lutar, no duro, pela justiça e pela verdade. Com efeito, pensar inclui a civilidade e a intransigência. Tal como dialogar, que é um modo de pensar em comum. Vejamos pois: se o cérebro dos nossos filhos pode correr o risco de se transformar em pedra, que nos cumpre e compete a nós, seus progenitores? Lutar por uma pedagogia saudável. Animar a escola a progredir na direcção mais justa. Todos sabemos que não possuímos poder para mudar a estrutura do ensino de tal sorte que onde está preto passe a ser branco. Mas deveremos lembrar que alguma coisa está em nossas mãos: o destino dos nossos filhos. A educação das nossas crianças.

A estrutura da escola não é boa. Todos o reconhecem. Todos pretendemos que a escola não transforme as crianças em criaturinhas dessimuladas e rebeldes, cobardes e inautênticas, preguiçosas e ignorantes. Todos, mais ou menos, temos um mínimo de consciência *daquilo que não desejamos que ocorra nos cérebros de nossos filhos*. Vamos percebendo que a psicologia da «tunda» deu o que tinha a dar. O castigo e prémio são condições muito faliveis. A aplicação rectilínea da lei é perigosíssima. A instrução obedece a normas psicológicas sem as quais a informação nem chega a verificar-se. Entre aluno e professor tem de se estabelecer uma corrente de empatia sem a qual não há comunicação mas sim invasão .. Entre o chamado «conhecimento» verbal e o «conhecimento» cognitivo a diferença é tão acentuada que se torna quase criminoso confundir o que se decora com o que se *aprende*. E para encurtar razões vamos ao fundo: o que hoje constitui manifesto perigo para a criança é a existência do professor obsoleto e o sistema decadente que o empurra para este ou para aquele descaminho.

Não é possível separar da educação o problema moral e estético. Nem é possível sequer pensar em educação sem o sentido profundo de família e comunidade. Torna-se notório que a educação é sempre relação de exemplaridade. Exemplo de cima para baixo (embora a recíproca seja fecunda e mais complexa): o professor, o educador está de cima — e mais alto, é mais velho, mais experiente, mais sábio (por definição), mais forte, mais poderoso. Estes sinais de mais ou se transformam em forças altamente positivas ou, refluindo na subjectividade da criança em recalque e revolta, se transmudam, alteradas, em negação e traumatismo. A situação não é brilhante. Pelo contrário, é angustiante. Reconhecido o facto pelas esferas responsáveis. Aceite por dirigentes pedagógicos com autoridade teórica e administrativa. Ainda há pouco em plena Direcção-Geral do Ensino ouvi um apelo atribulado: *é necessário que os pais nos auxiliem a reformar a mentalidade dos professores*. Eu bem no sei. Só os Pais, porque só estes verdadeiramente amam os filhos! Colaboremos na cruzada. Ajudemos a reformar a escola. Como? Intervindo.

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

O muito e feito de poucos. Ganhando menos consegue-se mais
GRANDE LIVRARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 259

JÓIAS ANTIGAS
GRANDE VARIEDADE
Ourivesaria PIMENTA
Rua Augusta, 283 — Telef. 32 45 64

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O Chefe do Estado nas (Caldas da Rainha) visitou o Regimento de Infantaria 5

CALDAS DA RAINHA, 11 — Eram cerca de 11 horas quando o sr. Presidente da República chegou a esta cidade, a fim de visitar o Regimento de Infantaria 5, aqui aquartelado. Aguardavam o sr. almirante Américo Thomaz os ministro e subsecretário de Estado do Exército, respectivamente, brigadeiro Botelho Rodrigues e coronel João Pinheiro; comandante da 2.ª Região Militar, general Vioti de Carvalho, o comandante do R. I. 5 e outros oficiais de alta patente. Estavam, igualmente, presentes o governador civil do distrito de Leiria, dr. Damasceno de Campos, o presidente da Câmara Municipal deste concelho, dr João Botelho Moniz, outras autoridades civis e militares e muito povo.

Foi esta a terceira visita do Chefe do Estado ás Caldas da Rainha. A primeira verificou-se em 1961, quando presidiu à inauguração da Colonia de Férias Marechal Carmona, na Foz do Arelho, e a segunda, em 1964, durante a sua visita oficial ao distrito de Leiria tendo presidido á inauguração da nova Escola Comercial e Industrial desta cidade.

Após a continência, prestada pela guarda de honra, que desfilou em seguida, o supremo magistrado da Nação visitou demoradamente as instalações do quartel do R. I. 5, onde, presentemente, está a funcionar o curso de sargentos milicianos, com cerca de 1200 instruendos.

O sr almirante Américo Thomaz inteirou-se do funcionamento dos diferentes sectores daquele estabelecimento militar, e, após a visita, almoçou na messe do regimento, regressando a Lisboa cerca das 14 e 30.

Silueta — nova gama de cosmética apresentada no Estoril

Silueta, uma nova linha internacional de cosmética capilar, foi apresentada pela Coper — Industria de Perfumarias, SARL, durante um «cocktail» celebrado no Casino Estoril.

Perto de 500 pessoas apreciaram uma bela linha de cosmética capilar distribuida em todo o mundo pela grande firma Hans Schwarzkopf, de Hamburgo.

O alto nivel técnico dos produtos apresentados deve-se á grande experiência dessa firma no ramo da cosmética.

O «cocktail», realizado na grande sala do Casino Estoril, foi valorizado por um «show» que recebeu aplausos de toda a assistência.

Aspectos do Campeonato Mundial de Penteado de 1968 em Viena e da preparação e aplicação científica de cores para o cabelo foram patenteados em dois excelentes filmes.

Os cabeleireiros convidados inteiraram-se de que a sua actividade dispõe agora do auxílio de uma nova linha de produtos preparada por uma firma com vasta experiência de cosmética capilar.

O «cocktail» de Silueta constituiu uma apresentação de grande classe

Mantém-se estacionário o estado do chefe do distrito do Porto

PORTO, 11

A direcção clínica do Hospital Escolar de S. João forneceu o seguinte comunicado sobre o estado de saúde do chefe do distrito sr. dr Jorge da Fonseca Jorge, único sobrevivente do trágico desastre ocorrido próximo de Albergaria-a-Nova e no qual perderam a vida o presidente da edilidade e o motorista daquele organismo.

Diz o referido boletim clínico: «Estado estacionário, mantendo-se as melhorias clínicas ontem verificadas»

HOMENAGEM A MEMORIA DO PRESIDENTE DO MUNICIPIO

Em reunião da vereação do Município com o vice-presidente, eng.º Veiga de Faria, a que nos referimos, foram tratados de assuntos diversos. Esta manhã, os jornalistas foram informados, pelo sr. eng.º Veiga de Faria das diversas disposições tomadas, como por exemplo: amanhã ás 12 e 30, na igreja da Trindade, missa, concelebrada por alma do sr. dr. Nuno Pinheiro Torres e do motorista, sr. Joaquim da Costa Meireles mandada rezar pela Câmara Municipal, pelas famílias das vitimas, pelos Serviços Municipalizados de Aguas e Saneamento e do Gás e Electricidade, pelo S. T. C. P. pelos directores, chefes de divisão, chefes de repartição e todo o pessoal camarário; e na quinta-feira, ás 15 horas sessão pública extraordinária do Município em homenagem á memória do sr. dr Nuno Pinheiro Torres e ao seu motorista, na qual usarão da palavra todos os vereadores em exercício para se referirem á figura e á obra do malogrado presidente

POSSE DO NOVO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES

Amanhã, ás 18 horas, o ministro da Defesa Nacional confere ao sr. general Arnaldo Schulz a posse do cargo de presidente da comissão central administrativa da Liga dos Combatentes

A cerimónia que decorre na sede da Liga, assistem os ministros do Exército e do Ultramar e o secretário de Estado da Aeronáutica, além de outras entidades civis e militares.

Exposição nos «Amigos de Lisboa»

No salão dos «Amigos de Lisboa», no Largo Trindade Coelho 9, 1.º, inaugura-se na quinta-feira ás 16 horas, uma exposição de louças, vidros e cristais antigos, da colecção do sócio e director do Grupo, dr Eduardo Augusto da Silva Neves.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec	Compra	Venda
Consolidado 4 3/4%	52$	530$	534$
Consolidado 3%	540$	—	540$
Consolidado 3 1/2%	640$	638$	675$
Centenários 4%	1 495$	490$	—
Obrigs Tesouro 5%	1 005$	004$	006$
Externo Série	—	590$	600$
Externo 1 Série c	—	680$	700$
Externo 3 Série	—	590$	650$
Externo 3 Série c	890$	880$	—
Coutelas 3 Série	—	85$	100$
OBRIGAÇÕES			
Aguas Lisboa 5%	—	476$	495$
A P I 5% 56	—	—	—
A P I 5% 58	—	940$	—
E P 4 1/2% 65	—	—	9 00$
E P 5 1/2% 67	—	1 030$	1 045$
C U F 5%	—	1 020$	1 025$
C U F 6% 68	—	007$	0 35
Gás Electr 4% 48	—	865$	—
Gás Electr 3 1/4% 51	905$	905$	910$
Gás Electr 5% 52	—	901$	—
Gás Electr 5% 58	940$	930$	940$
Gás Electr 5% 59	935$	930$	940$
Gás Electr 5% 62	—	915$	—
Gás Electr 5% 63	—	910$	—
Gás Electr 5% 65	—	910$	—
Gás Electr 5% 67	1.020$	—	—
H e A Alentejo 5%	—	830$	835$
H e Cávado 5%	—	850$	—
H e Cávado 6%	998$	997$	999$
H e Douro 5%	845$	845$	850$
H e Douro 6%	997$	996$	998$
H e Norte Port 5%	—	—	—
H e S Estrela 6%	—	002$	—
H e Zêzere 5% 55	—	—	—
H e Zêzere 5% 57	—	835$	—
Lisnave 6%	—	008$	—
Metropolitano 4%	920$	920$	930$
Metropolitano 3 3/4%	—	025$	040$
Moçambique 4%	—	780$	—
Nac Electr 5%	—	850$	860$
Nitratos 5%	—	800$	—
Nitratos 5% 60	—	820$	—
Petroquimica 5%	—	895$	—
Port Celul 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	935$	935$	940$
Sacor 5% 60	—	—	—
Siderurgia 5% 2.ª	832$	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	—	830$	840$
Siderurgia 5% 4.ª	—	825$	830$
Sonefe 5%	820$	820$	825$
T A P 4%	930$	936$	—
Termoelect Port 5%	—	850$	—
U E P 3 3/4%	—	825$	—
U E P 4%	—	838$	—
U E P 4 1/2%	—	—	—
U E P 5%	—	835$	838$
U E P 5% 60	—	—	—
U E P 5% 63	—	—	—
A C Ç Õ E S			
Bancos			
Agricultura	985$	980$	985$
Alentejo	668$	668$	669$
Angola	1.785$	1 780$	1 790$
Burnay	—	—	—
Créd Predial	1.885$	880$	1.890$
E Santo	—	—	—
L Santo n	—	—	—
Fonsecas S p	—	3 100$	3 200$
L B Açores p	3 950$	3.900$	4 000$
L B Açores n	—	—	—
P Atlântico p	—	—	—
Portugal n	—	2 380$	2 400$
Portugal p	2.830$	2 800$	2 830$
Totta Aliança	—	4 720$	4 800$
Ultramarino n	1.660$	1 655$	1 665$
Ultramarino p	1.865$	1.860$	1 875$
Seguros			
Alentejo	—	66$	72$
Douro	—	—	980$
Mundial	475$	470$	480$
Sagres	—	1.100$	—
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8 500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	725$	720$	730$
Ag Cassequel	—	572$	585$
Ag Incomati	—	—	—
Ag Neves	270$	250$	270$
Ag S Tomé e Principe	370$	370$	—
Barar	—	200$	230$
Buzi	—	66$	67$
Cabinda	180$	180$	182$

Ultramarinas	Efec	Compra	Venda
Diamantes Angola	—	375$	385$
M E Revué	590$	580$	590$
Ilha do Principe	—	850$	000$
Moçambique	—	77$	80$
Sonefe n	35 $	355$	360$
Sonefe p	359$	369$	370$
Zambézia	52$5	52$	53$
C - Diversos			
Jafe	—	6 950$	7 000$
Cim Leiria	—	2 500$	2 700$
Cim Tejo	—	3 700$	4 000$
Lo Navegação	—	—	—
C U F	—	—	—
Ind Aliança	—	—	700$
Nac Navegação	—	1 740$	1 800$
Petroquimica	—	2 000$	—
Port e Colónias	—	1 235$	1 250$
Port Celulose	—	—	3 300$
Port Pesca	—	650$	700$
Port Tabacos	510$	510$	515$
Sacor	4.750$	—	4 900$
Siderurgia Nac	1.170$	1 170$	1 180$
Sacor	—	2 180$	2 200$
Tabacos de Portugal	900$	880$	950$
Tabaqueiro	11 900$	11 900$	2 000$
J F Azeite	740$	735$	740$
Aguas Electr e Gás			
Aguas Lisboa p	—	390$	—
Aguas Lisboa 34	—	405$	415$
Aguas Lisboa 36	—	395$	—
Eléct Beiras	—	1 515$	53 $
Gás Electr	390$	389$5	390$
H e Alto Alentejo	59$5	59$	50$
H E Cávado	1 275$	270$	1 280$
H E Douro	1 269$	269$	270$
H E Norte Portugal	310$	306$	3 0$
H E S Estrela	—	700$	800$
H e Zêzere	—	1 345$	350$
Nac Electricidade	1 340$	1 335$	345$
Termoelectr Port	1 355$	1 355$	360$
U E P	195$5	195$5	96$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
F I Atlântico	—	57$	6 57
C I D E S	—	105$5	108$8

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	4/3/69	10/3/69	11/3/69
GERAL	111,0	111,4	111,4
METROP.	108,7	109,0	109,0
ULTRAM.	127,7	128,8	128,6

PAISES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$00	38$00
América		
— Dollars de e 4...	28$20	28$60
— Dólla's de 5 e 1000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$05	7$25
Austria — Schilling	$08	$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$397	$412
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$30	5$70
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Ouro:		
Inglaterra—Libra sabe	323$00	338$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	40$00	41$50

J. BURNAY, L. DA Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 72 Papéis de crédito
Tel. 321273

CONSELHO DE MINISTROS PARA OS ASSUNTOS ECONÓMICOS

Sob a presidência do sr. prof. Marcello Caetano, reuniu esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros para os Assuntos Económicos.

VIDA POLÍTICA

● **Ministro da Justiça**

O ministro da Justiça recebeu o deputado Cunha Araujo

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Maria Margarida da Fonseca Acciaioli de Avillez Nunes Pereira Thomás

Em Garstedt (Hamburgo — Alemanha), faleceu no passado dia 3 a sr.ª D. Maria Margarida da Fonseca Acciaioli de Avillez Nunes Pereira Thomás, de 39 anos, natural de Vila Viçosa, casada com o sr. dr. Alfred Thomás; filha da sr.ª D. Isaura Margarida da Fonseca Acciaioli de Avillez Nunes Pereira e do sr. juiz conselheiro dr. José Nunes Pereira; irmã dos srs. dr. José Manuel de Avillez Nunes Pereira, casado com a sr.ª D. Ana Maria de Sousa Ornelas de Avillez Pereira, primeiro-tenente Jorge Maria de Avillez Nunes Pereira, casado com a sr.ª D. Margarida Maria dos Anjos de Avillez Pereira (ausentes), da sr.ª D. Maria Teresa de Avillez Nunes Pereira Fernandes, casada com o sr. dr. Jaime Moreira Fernandes, do sr. eng.º Nuno Anibal de Avillez Nunes Pereira, casado com a sr.ª D. Maria José de Oliveira Pignatelli de Avillez Pereira (ausentes), do sr. António Augusto de Avillez Nunes Pereira e da sr.ª D. Maria do Carmo de Avillez Nunes Pereira Teixeira de Aguiar, casada com o sr. José Manuel de Meneses Teixeira de Aguiar. Amanhã, ás 12 horas, na igreja de S. João de Brito, onde o corpo se encontra depositado, será celebrada missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para jazigo de família no cemitério do Lumiar. Os serviços fúnebres estão a cargo da Agência Barata.

D. Branca Judite do Carmo Azevedo

Faleceu a sr.ª D. Branca Judite do Carmo Azevedo, de 79 anos, natural de Lisboa. O funeral, a cargo da Agência Mega, sairá amanhã, ás 11 horas, da igreja de São João de Deus para o cemitério do Alto de São João.

Mário Alberto Prazeres

Faleceu o sr. Mário Alberto Prazeres, de 73 anos, natural de Lisboa, proprietário, casado com a sr.ª D. Elisiária Tavares Prazeres. O funeral, a cargo da Casa A. G. Magno, Lda., da Avenida Almirante Reis, sairá amanhã, ás 11 horas, da igreja de São João de Deus (Capela A), para jazigo no cemitério do Alto de São João. Amanhã, ás 9 e 30, será também celebrada missa de corpo presente.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280822

PAÍSES, CANÇÕES E ARTISTAS CONCORRENTES AO EUROFESTIVAL

MADRID, 11 — (A. N. I.) — São os seguintes os países, as composições e os intérpretes que, no dia 29 deste mês, participam no Festival da Eurovisão, a realizar no Teatro Real, de Madrid:

1 — Alemanha Federal: «Prima Ballerina» (Sw Malmkvist); 2 — Bélgica: «Jennifer Jennings» (Louis Neefs); 3 — Espanha: «Vivo Cantando» (Salomé); 4 — Finlandia: «Kuin Silloin Enne» (Jarkko e Laura); 5 — França: «Un Jour, Un Enfant» (Frida Boccaria); 6 — Holanda: «De Troubadous» (Lennie Kuhr e Piet Soeur); 7 — Inglaterra: «Boom Bang-a-Bang» (Lulu); 8 — Irlanda: «The Wages of Love» (Mariel Day acompanhada por «The Lindsays»); — 9 Itália: «Due Grosse Lacrimen Bianche» (Iva Zanicchi); 10 — Jugoslávia: «Pzdrav Svijetu» (Ivan-Ivica Krajac, acompanhado por Zeljko Ruzio, Branko Marusci e Alexander Sablic); 11 — Luxemburgo: «Catherine» (Romuald); 12 — Mónaco: «Maman, Maman» (Jean Jacques, acompanhado por Achille Pellegrini); 13 — Noruega: «Oj, Oj, Oh, Awa Glad Jeg Skal Bli» (Kirsti Sparboe e coro); 14 — Portugal: «Desfolhada Portuguesa» (Simone de Oliveira, acompanhada pelo duo Maria Alexandre de Brito-Natália Rodrigues de Matos e orquestra dirigida pelo maestro Joaquim Luís Gomes); 15 — Suécia: «Judy, Min Vaen» (Tommy Koerberg); 16 — Suíça: «Bonjour, Bonjour» (Paola).

No dia 29, milhões de europeus vão sentar-se em frente dos seus televisores, e a televisão espanhola (TVE), para tranquilizar os ânimos, distribuiu já um comunicado a prometer que «nada será deixado a improvisações da ultima hora».

No dia 26, começam os ensaios, estando á disposição dos diversos países uma orquestra formada especialmente para o festival e dirigida pelo maestro Augusto Algueró, marido da actriz Carmen Sevilha.

O Teatro Real foi recentemente renovado, tendo-se conseguido montar no interior de uma construção neoclássica uma das mais perfeitas salas de concerto da Europa. Até Outubro de 1966, fora vítima de veios de água subterrâneos e da indiferença municipal. Mas, agora, foi especialmente decorado para o Festival da Eurovisão.

Um dos elementos mais bizarros deste festival é o seu cartaz oficial, desenhado pelo pintor surrealista espanhol Salvador Dali. Ao centro, dois grandes lábios sugerem, por intermédio da canção, o tempo que temos para viver, enquanto um olho (do lado esquerdo) sugere o Mundo que temos para ver.

Ainda segundo a explicação que a TVE deu desse cartaz, no canto superior direito encontra-se a assinatura de Salvador Dali, onde exprime a sua concepção da primeira canção humana no nosso planeta quando a vida foi criada. No canto inferior esquerdo está uma coisa muito estranha que cada um pode interpretar á sua maneira.

N. da R. — O «Diário de Lisboa» reproduziu, no passado dia 6, o cartaz de Salvador Dali referido na notícia. Esclarecemos, ainda, que a orquestra acompanhará Simone de Oliveira sob a direcção do maestro Ferrer Trindade. O maestro Joaquim Luís Gomes, indicado na notícia como director da orquestra, irá a Madrid apenas como autor da orquestração.

Simone de Oliveira e Iva Zanicchi

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA «ALGARVE»

Na Casa do Algarve, na Rua Capelo, 5, 2.º-dirt., ao Chiado, encontra-se patente ao publico, até ao dia 15, das 15 ás 20 horas, uma exposição fotográfica, com cerca de 200 trabalhos que documentam os mais belos aspectos daquela província.

O MINISTRO DAS CORPORAÇÕES FALOU A DEPUTADOS

A fim de colaborar com a Comissão de Trabalho Previdência e Assistência Social da Assembleia Nacional, encarregada do estudo da proposta de lei sobre a reorganização das Casas do Povo e da Previdência Rural, deslocou-se, esta manhã, pelas 11 horas, ao Palácio de S. Bento, o ministro das Corporações, prof. dr. Gonçalves de Proença, que fez, sobre essa matéria, uma exposição aos parlamentares componentes da referida comissão.

Atente-se que o mesmo documento, já aprovado na generalidade pelo parecer da Câmara Corporativa (que o acompanha), foi remetido á Assembleia Nacional, pelo Governo, no passado mês de Dezembro.

VII BIENAL INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE LISBOA

A secção fotográfica do Grupo Cultural e Desportivo da Companhia Nacional de Navegação promove, de 29 de Novembro a 14 de Dezembro deste ano, a VII Bienal Internacional de Arte Fotográfica de Lisboa.

Podem concorrer todos os artistas fotográficos e o salão é regulamentado de acordo com as regras da F. I. A. P., P. S. A e R P. S. O tema é livre.

Informações podem ser pedidas á entidade promotora, Rua do Cais de Santarém, 32, 1.º

«DIÁRIO DE LISBOA»

Esteve no nosso jornal, a apresentar cumprimentos e a agradecer o relevo que demos ao seu recente acto de posse como Procurador-Geral da Republica, o sr. dr. António Furtado dos Santos.

O astronauta Donn Eisele vai divorciar-se?

HOUSTON (Texas), 11 — (R.) — A mulher do astronauta americano Donn Eisele apresentou, no tribunal desta cidade, uma acção de divórcio contra o marido de quem se encontra separada desde o princípio do ano e ao qual acusa de comportamento cruel e violento para com ela.

Harriet Eisele pediu ainda ao tribunal que o marido seja impedido de vender quaisquer bens pertencentes ao casal e que segundo a sua estimativa valem mais de 50 000 dólares (1400 contos).

Harriet e Eisele estavam casados há 16 anos e têm três filhos.

Aviões desviados do aeroporto da Portela devido ao nevoeiro

Devido a densa neblina que esta manhã se fez sentir na zona do aeroporto da Portela, diversos aviões tiveram de ser desviados para outros aeroportos.

A neblina fez-se sentir desde as 6 e 30 até ás 11 horas e, durante esse tempo, o movimento de entradas esteve paralisado. Oito aviões de voos transatlânticos tiveram de ir aterrar a Faro ou a Madrid. Entre eles o da carreira da TAP, do voo de Africa que foi aterrar a Faro.

Depois das 11 horas normalizou-se o tráfego.

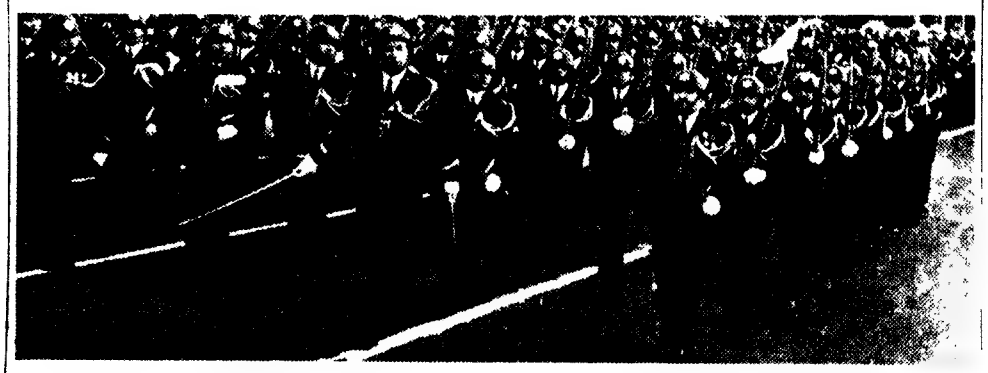
Duas listas nas eleições para a secção de Lisboa da Ordem dos Engenheiros

Vão realizar-se, no dia 24 do corrente, eleições para os corpos gerentes da Secção Regional de Lisboa da Ordem dos Engenheiros — eleições que compreendem a Assembleia Regional, o Conselho Regional, os delegados à Assembleia Geral, a Comissão do Imposto Profissional e os Conselhos Culturais. Para sublinhar a importância de tais eleições no esquema geral da Ordem, bastará dizer que de cerca de 6000 engenheiros inscritos nela, aproximadamente 4500 pertencem à secção regional de Lisboa.

Para os lugares da Assembleia Regional e do Conselho Regional apresentar-se-ão a sufrágio duas listas. Assim, para presidente daquela assembleia é indigitado, na primeira delas, o prof. eng.º Henrique de Barros e, na segunda, o eng.º Nobre da Costa (que actualmente exerce esse cargo). Dos nomes para o Conselho Regional constam, na primeira, os eng.ºs Pedrosa Gomes, Cunha Serra, Oliveiros Domingos, Pessoa Rolão, Potier Godinho, Quelhas dos Santos e Augusto Alves, e na segunda os eng.ºs Brás de Oliveira, Lopes da Silva, Araujo Maçaroco, Cavique dos Santos, prof. Ário de Azevedo e Resina Rodrigues.

O actual Conselho Regional, presidido pelo eng.º Magalhães Ramalho, não propõe nem apoia — dado que tal lhe é estatutáriamente vedado desde que se apresente a sufrágio mais de uma lista — quaisquer candidatos. Lembra-se que as eleições são trienais e que nas últimas apenas houve uma lista. O aparecimento de duas, agora, representa um interesse cada vez maior da classe pelos seus problemas, em especial por todos que se relacionam com o regulamento do exercício da profissão, em elaboração.

Demonstrando este mesmo interesse, têm estado a decorrer (e esta noite, às 21 e 30, efectua-se mais uma), coordenadas pelo eng.º Cunha Serra, sessões de estudo dos diversos problemas da classe, entre os quais o do aludido regulamento do exercício da profissão, os da reestruturação da Ordem, da Previdência, do ensino e aperfeiçoamento profissional e da colaboração e influência dos engenheiros e do organismo representativo da classe no planeamento e desenvolvimento nacionais.



Um aspecto da parada em Lisboa

O «DIA DA P.S.P.» ASSINALADO COM UMA PARADA EM LISBOA

As comemorações do Dia da P. S. P. começaram em Lisboa, de manhã, com um desfile de forças policiais, na Avenida de Brasília, junto ao monumento dos Descobrimentos.

Presentes, o ministro do Interior, o presidente da Camara Municipal de Lisboa, o chefe do Estado-Maior da Armada, o governador civil de Lisboa, o governador militar de Lisboa, o comandante naval do continente, o comandante-geral da G. N. R., o comandante-geral da Guarda Fiscal, o director da P. I. D. E. e o director-geral da Administração Política e Civil, além do comandante da P. S. P. e demais oficialidade do comando-geral da corporação.

Antes do desfile, o comandante-geral da P. S. P., brigadeiro Tristão Carvalhais proferiu breve alocução, em que se referiu ao significado da cerimónia. A principiar, disse:

«Comemora-se hoje o 38.º aniversário da morte do comandante Ferreira do Amaral, mas a sua presença continua a sentir-se na P. S. P., de tal maneira, que todos nos esforçamos, por conservar bem vivo o espírito que soube insuflar-lhe, levantando-a de uma situação de tolerada e até indesejada, á posição que nos esforçamos por manter-lhe, na primeira linha do combate á subversão, sob qualquer aspecto que possa apresentar, na luta contra a desordem e a anarquia, na defesa a todo o custo do clima de ordem e paz interna, como condição de progresso do País.»

E mais adiante:

«Com a criação da Escola Prática de Polícia, tem-se a certeza de conseguir preparar os agentes da P. S. P., por forma a dar-lhes um nível cultural e de técnica policial bem patente pelos resultados conseguidos na manutenção da ordem pública nos últimos anos, mau grado as tentativas subversivas de uma exigua e pouco significativa minoria de agitadores.»

Foram também impostas pelo titular da pasta do Interior algumas condecorações a elementos da P. S. P.

Ao meio-dia, no mosteiro dos Jerónimos foi celebrada missa por intenção dos membros da corporação falecidos.

De tarde, foi prestada homenagem ao comandante Ferreira do Amaral, no comando da P. S. P em Lisboa.

A noite, no Coliseu dos Recreios haverá um serão comemorativo oferecido pela Emissora Nacional ao pesoal da P. S. P. e famílias.

No Porto

PORTO, 11 — As comemorações do «Dia da P. S. P.» começaram de manhã. Às 9 e 30, na Sé foi celebrada missa pelo sr. D. Alberto Cosme do Amaral, á memória dos antigos agentes que morreram em serviço. Presentes o comandante distrital, sr. coronel Santos Júnior; oficialidade e comissários; e, ainda, os representantes do Governo Civil, da Câmara Municipal, da P.J. e da P.V.T.; o 2.º comandante da Região Militar e o chefe do estado-maior, o chefe do Departamento Marítimo, o subdirector da P. I. D. E., etc.

De tarde, na 13.ª esquadra (Monte dos Burgos) houve formatura geral e foram lidos uma alocução sobre o significado da celebração e louvores concedidos e procedeu-se á entrega de condecorações.

Em Coimbra

COIMBRA, 11 — Foi hoje aqui comemorado o Dia da P. S. P. com diversas cerimónias.

De manhã, na «Parada Rainha Santa», em Santa Clara, houve concentração das forças da corporação, sob o comando do sr. comissário Gil. O sr. capitão José Martins Frutuoso fez uma alocução sobre o significado da cerimónia; em seguida procedeu-se á entrega de medalhas aos agentes condecorados; e, no final, no mosteiro da Rainha Santa foi rezada missa pelo bispo da diocese, D. Fr. Francisco Rendeiro.

Para encerramento das cerimónias, as forças em parada desfilaram pelas ruas da cidade.

Tribuna livre

PORTUGAL —ÚNICO PAÍS EUROPEU SEM ESCOLA DENTÁRIA

Com este título e em grande destaque na primeira página do «Diário de Lisboa» de 12/1/69, foi publicada uma reportagem, assinada pelo sr. António Machado, que ouviu, á laia de entrevista, o sr. dr Esteves Pereira. É na segunda página que se inicia a entrevista, com fotografia e tudo, encimada por um novo e também destacado título: «PORTUGAL É O ÚNICO PAÍS EUROPEU ONDE NÃO HÁ UMA ESCOLA DENTÁRIA — Lamento do director do Serviço de Estomatologia do Hospital de São João».

Na qualidade de clínico geral, médico sanitarista e especializado em estomatologia, e por discordarmos, francamente, com as ideias expostas acerca de um assunto de que, aliás, já nos ocupámos noutros locais («Jornal do Médico», n.º 905, 1960 — «Críticas ao Estudo sobre a Carreira Médica»; «Revista Portuguesa de Estomatologia e Cirurgia Maxilo-Facial», n.ºs 1 e 2, 1961 — «Breves considerações sobre a estomatologia portuguesa» e «Não! Não acreditamos», a propósito de um artigo, «A Nova Formada», pelo sr. dr. Pacheco Neves, publicado nos referidos números da «Revista de Estomatologia»; «Boletim da Ordem dos Médicos», n.º 6, 1960 — «Acta da assembleia regional extraordinária de 14 de Maio de 1960, para discussão do relatório sobre a Carreira Médica», páginas 542 e seguintes), queremos fazer algumas considerações, «não vá o nosso mutismo redundar em aceitação de situações críticas que acarretem prejuízos incalculáveis na formação dos jovens médicos e, concomitantemente, para a saúde dos», conforme esclarece o sr. dr. Esteves Pereira, em «O Médico», n.º 906.

As ideias são muito confusas, necessitando de certos esclarecimentos. É o que vamos tentar.

Começa por se afirmar que a Estomatologia é uma especialidade médica e que necessita de cursos de aperfeiçoamento e de preparação para pós-graduados, sendo estrangeiros, quase sempre professores franceses, que nos trazem a «ciência francesa que tanto apreciamos e de que muito necessitamos» segundo declara o entrevistado, salientando a falta de uma ou mais escolas dentárias. Diz que o Brasil possui 32, a Venezuela 3, a França 8, a Suíça 3, a Espanha 2, a Bélgica 4.

Com um sorriso nos lábios, o sr. dr Esteves Pereira dá a entender que os estomatologistas, em Portugal, não têm preparação ou recebem-na muito deficientemente. Diz que o motivo da realização do curso de pós-graduados para estomatologistas foi a ideia de fomentar nos dirigentes a noção imperiosa inadiável, da necessidade de se criar uma ou mais escolas dentárias, demonstrando que é possível, sem necessidade de grandes dispêndios financeiros, iniciarmos, em Portugal e prosseguirmos os ambicionados Estudos Dentários.

Afirma, a seguir, que a falta de «assistência dentária» e de estomatologistas, em Portugal, atingiu um limite que não pode arrastar-se por mais tempo, pois que a população vive num desamparo aflitivo, por escassearem, assustadoramente, os estomatologistas, informando que os serviços de assistência hospitalar não têm médicos estomatologistas em número suficiente para acorrer às necessidades prementes da população.

Esclarece que frequentam o curso que realizou para cima de sessenta médicos, de todas as idades e de vários pontos do País. Tocando, ao de leve, na hipotética reforma universitária no campo da Medicina, preconiza uma nova mentalização e consciencialização do corpo docente universitário, o qual terá que actualizar-se ano após ano.

Declara que há entre os médicos e seus dirigentes o desejo de um ensino médico modernizado, eficaz nos seus métodos a fim de se formarem médicos e especialistas á altura de uma Medicina dos nossos tempos, Medicina de equipa, eficiente.

Confrontando o estomatologista e o «odontologista», diz que a diferença é apenas esta: o «odontologista» é preparado, após o curso dos liceus, numa escola, a nível universitário, durante cinco anos; o estomatologista é um médico, que, depois, frequenta uma escola de especialização ou instituto, durante dois anos, ficando habilitado, só então, a tratar os dentes e as doenças da boca. E continua: «Em Portugal, se quisêssemos fazer uma cobertura nacional, conveniente e eficaz sob o ponto de vista de profilaxia e tratamento dentários, só com o funcionamento de uma escola (ou mais) de ensino odontológico. As nossas faculdades de Medicina não formam médicos em quantidade suficiente para poderem suprir a falta de estomatologistas».

Afirma que há um valor a defender: a dignificação da Medicina. E acrescenta que, em vez de se legislar no sentido de dignificar a Medicina portuguesa, tem-se admitido a profissionalização de indivíduos sem a necessária preparação odontológica, e muito menos médica, como está legislado, mediante a entrega de diplomas odontológicos. Termina a sua entrevista, citando uma pequena parte de um artigo do sr. dr. Pacheco Neves onde se afirma que «nenhuma lei saiu a negar a que determinava que só os médicos é que podiam exercer clínica dentária». (O sublinhado é nosso).

Não é posta, pois, em dúvida que a Estomatologia é uma especialidade médica e das «de nível técnico mais elevado», como afirma o sr. dr. Esteves Pereira em «O Médico», n.º 906, de 9/1/69. Também não duvida que a Lei Portuguesa determina que só por médicos deve ser exercida (Decreto de 25 de Maio de 1911, salvo erro). Portanto, não seria preciso mais argumentação para se concluir que a Estomatologia, que trata das moléstias da boca (com tudo que lá tem dentro, incluindo a língua e os dentes, evidentemente...), é uma especialidade médica, como qualquer outra, e, como tal, só por médicos pode e deve ser exercida, o que nos parece ser evidente a qualquer mentalidade.

Porém, como reina grande desorientação, não só no público, mas também—o que é particularmente grave — em membros da Classe Médica e em certos Organismos, tremos procurar desfazer algumas confusões, para aqueles que desejam ser esclarecidos, claro...

Fala-se (e escreve-se, o que é pior) em «ensino dentário» em «escolas dentárias», em «profilaxia e tratamento dentários», de «assistência dentária», de «dentistas», de «odontologia», de «odontologistas», de «ensino odontológico», de «estomatologia», de «estomatologistas», de «odonto-estomatologia», de «odonto-estomatologistas», de «escola de odonto-estomatologia», de «ensino odonto-estomatológicos», de «Estudos Dentários», baralhando-se tudo como num baralho de cartas, ao jogar a bisca e chegando-se a desejar «uma ou mais escolas dentárias que capazmente orientassem o ensino estomatológico, a nível compatível com o desejo de todos aqueles que pretendem enveredar pela especialidade». Vejamos os significados destes termos. «Odontologia» (do grego odous, odontos, dente, + logos, tratado) significa «tratado dos dentes». «Odontológico» quer dizer «relativo á odontologia». «Odontologista» será, conforme pretendem, aquele que trata das doenças dos dentes, mas SÓ dos dentes. Daqui se conclui que os termos «dentista» e «odontologista» são sinónimos, sendo-os, também, «dentário» e «odontológico», como é evidente. «Estomatologia» (do grego stoma, —ãtos, boca, + logos, tratado) significa «tratado da boca». «Estomatológico», «relativo á estomatologia»; «Estomatologista», aquele que trata as doenças da boca.

Os termos «odontologia» e «odontologista», com os sinónimos «dentista» ou «cirurgião dentista», são mais antigos que «estomatologia» e «estomatologistas». De facto, primitivamente e através da ignorância de muitos séculos, o «homo sapiens» — mais ignorante do que sabedor — o homem de então apenas se preocupava, de modo especial, com a «dor dos dentes», procurando eliminá-la com a extracção do próprio dente ou a aplicação de drogas que diminuíssem ou extinguissem o terrível sofrimento. Apareceram, assim, os primeiros «dentistas» e os primeiros «estudos dentários», começando-se, mais tarde, a proceder a obturações de cáries e a substituições de dentes ausentes. E apareceram os primeiros indivíduos a dedicarem-se a esta «arte», que ainda não constituía, como é óbvio, uma ciência.

Nesta fase dos conhecimentos médicos (ou antes, do desconhecimento), julgava-se o dente apenas como uma formação dura, que servia para prender, cortar e triturar os vários alimentos, sem relações íntimas com o organismo, como se dele não fizesse parte... Daí, o desprezo (que ainda hoje persiste!) pelo dente e a somenos importância dada ao respectivo profissional, que não precisaria de ter os vastos conhecimentos de medicina e cirurgia, para o exercício de tão desprezível profissão, incompatível com os doutos conhecimentos do médico, bastando para tal não saber de medicina e ser capaz de «sacar» um «queixal», «prantar» outro no seu lugar e chumbar» as respectivas «loras»... Esta prática, aliás, simples, tornou-se rendosa e, então, começaram a surgir vários «entendidos» na matéria, vários «utilitários» e «salvadores» da abandonada saúde pública... Assentam arraiais, criam-se «escolas», conseguem-se diplomas, de qualquer forma (até comprados, pois o negócio é rendoso e dá para tudo!...), formam-se sindicatos, legalizam-se «ilegais»... e tudo corre bem, nesta santa ignorância humana e passividade legal...

Por outro lado, a ciência médica vai progredindo, como, aliás, todas as outras. Os conhecimentos médicos vão-se desenvolvendo e actualizando, mercê da inteligência e abnegação dos estudiosos, dos génios, dos sábios. E, assim, chega-se á conclusão de que o Homem não é um simples conjunto de peças ou órgãos independentes uns dos outros, mas sim um «todo» indivisível, cujos órgãos (os dentes também são órgãos, não esqueçer!...) estão intimamente «ligados» entre si, através do seu funcionamento e das suas alterações, quer normais, quer anormais (doenças), com uma completa interdependência de causa e efeito em relação a essas mesmas mutações. Não mais se encara, cientificamente, o estudo ou tratamento de qualquer órgão isoladamente, mas antes como fazendo parte integrante de um «todo» — o organismo — que é preciso conhecer completa e perfeitamente, para bem se poder estudar e tratar a alteração de forma ou de função de qualquer «parte» desse «todo», ainda que seja um vulgar dente, umas simples hemorróidas, um olho vesgo ou um «inchaço peçonhento»... Verifica-se que a mais insignificante (desprezível, por quem não saiba medicina) alteração ou manifestação da mais pequenina parcela do nosso organismo poderá ser a causa de graves (e até mortais!) padecimentos, localizados em órgãos muito distantes, ou traduzir o efeito local de doenças (por vezes, terrivelmente perigosas!) gerais ou a distância, permitindo, muitas vezes, fazer o respectivo diagnóstico precoce, salvando vidas, o que só ao Médico é possível. É, pois, o Médico, e só ele, que pode e deve tratar qualquer doença, seja ela de que órgão for — eis a conclusão a que se chega. E será o «Clínico Geral» o Médico ideal para tratar qualquer doença. Porém, a ciência médica enriquece-se extraordinàriamente de muitíssimos e novos conhecimentos, de preciosas e vastas descobertas de subtis e difíceis técnicas, o que se torna, práticamente, impossível aprender, com perfeição, por um único cérebro humano. Surge, portanto, a necessidade da «especialização». Mas para o «especialista» ser o mais perfeito possível, terá, necessàriamente, de possuir conhecimntos gerais de medicina, além dos da respectiva especialidade. Definem-se, então várias especialidades, entre elas a Estomatologia, compreendendo as doenças da boca, incluindo, como é óbvio, as dos dentes e maxilares, pois que fazem parte integrante da boca. E pela sua íntima relação, foi, necessàriamente, incluída nesta especialidade, a delicada cirurgia maxilo-facial, só possível de praticar em perfeitas condições e um médico que possua conhecimentos de estomatologia.

No estado actual dos nossos conhecimentos, a «odontologia» não

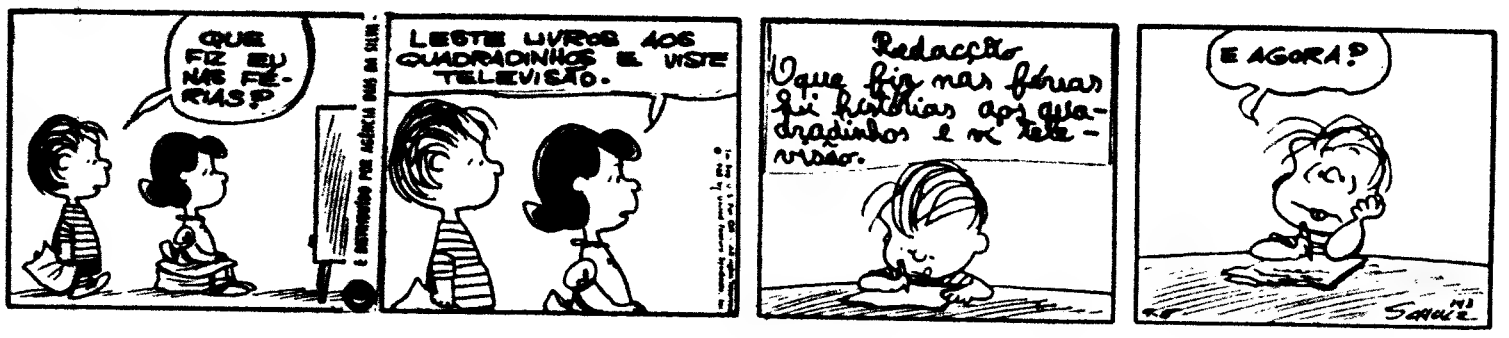
(Continua na 18.ª página)

Em dia com A MODA

Gracioso mini-vestido de Angela Cash, jovem desenhadora londrina. É em «jersey» de seda muito colorido. A novidade está na espécie de capuz que prolonga o corpo.

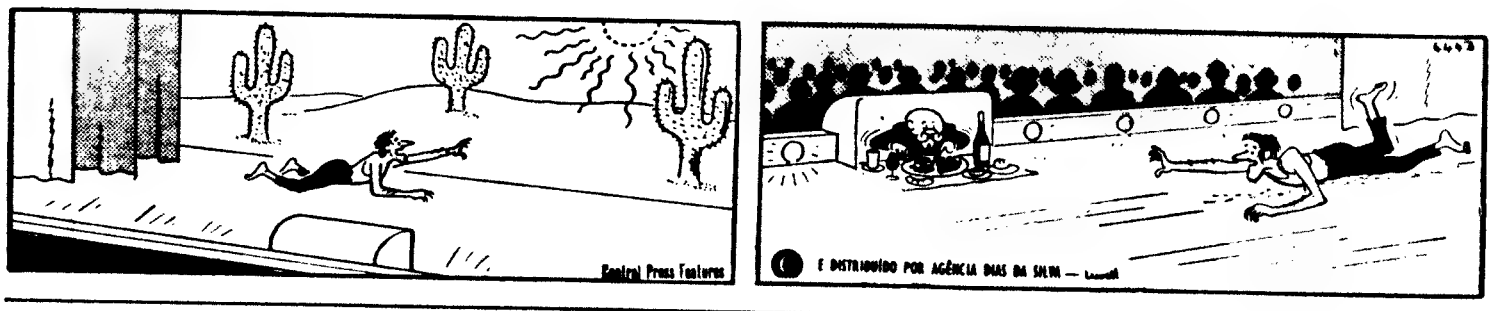
Casaco bastante curto, muito juvenil, de Dior, executado em lã inglesa.

Os Peanuts



Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 11 de Março de 1939 publicava:

BERLIM, 11 — «O dr. Goebbels, discursando aos industriais, disse: «Formar a vontade do povo é tão importante como o seu armamento.»

«Referindo-se às democracias, disse: «Nelas os inferiores criticam os superiores. Entre nós dá-se o contrário. Só os que têm a coragem das suas responsabilidades têm o direito de criticar.»

Campeonato Nacional de Futebol

(1.ª Divisão)

GUIMARÃES-BENFICA

DOMINGO 16 DE MARÇO A C P organiza, em colaboração com o Sport Lisboa e Benfica, um comboio especial de Lisboa a Guimarães e volta, no dia 16 de Março, por ocasião do desafio de futebol «Guimarães Benfica», ao preço de 140$00

HORARIO

Partida de Lisboa (Santa Apolónia) ...	1.45 h
Chegada a Guimarães	7.45 h
Partida de Guimarães	18.05 h
Chegada a Lisboa (Santa Apolónia) .	0.16 h

Bilhetes á venda na Secretaria do «Sport Lisboa e Benfica» e nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia)

Em MAFRA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café e Cervejaria Sabino Faria, 18-A

Palavras cruzadas

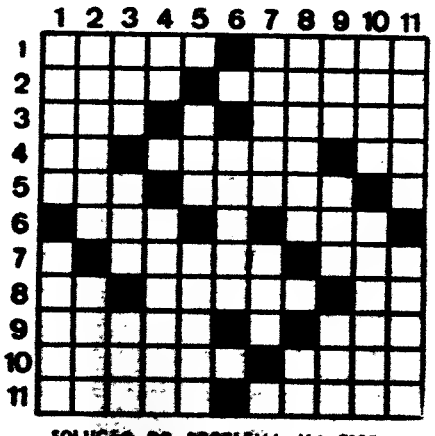
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5113

HORIZONTAIS: 1 — Oscila. Prensa de penteeiro. 2 — Porto abrigado por terras mais ou menos altas. Mais tarde. 3 — Pedra de altar. Mês que os antigos árabes intercalavam, de três em três anos, para que o ano lunar correspondesse ao solar. 4 — Oferece. Banquete. Atmosfera. 5 — Prende. Fecharo as asas para descer mais depressa. 6 — Rio da Suíça. Suspiros. 7 — Folha de ferro estanhada (pl.). Prefixo que designa ar. 8 — Artigo definido. Demónios. Níquel (s. q.). 9 — Dois mios. Conjunção. 10 — Apelido. Esfregadela. 11 — Acarinha. Trilhar.

VERTICAIS: 1 — Freguesia do concelho de Aveiro. Ave colombina. 2 — Permuta. Fecham as asas para descer mais depressa. 3 — Nome de mulher. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Apelido. 4 — Em a. Cintilam. 5 — Patas. Fronte. 6 — Escoltem. 7 — Instiga. Eco. 8 — Desmontara. Cento e um em romano. 9 — Pedras de moinho. Camareira. Pronome pessoal. 10 — Cidade de Itália. Ilustre filósofo romano que desagradou a Nero e a quem ordenaram que abrisse as veias. 11 — Guarnecera de asas. Versejar.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5112

HORIZONTAIS: 1 — CASAR CASAR. 2 — Amago. Abade. 3 — Muca. Anil. 4 — Tbs. SOA. Ara. 5 — Anjos. Ream. 6 — Impam. 7 — Alise. Gosma. 8 — BEM. Avô. Uai. 9 — Arem. E. SABE. 10 — Dange. Mover. 11 — Emala. Amará.

VERTICAIS: 1 — Canto. Abade. 2 — Amuos. Leram. 3 — Socos. Imana. 4 — Agá. Ois. MAL. 5 — Ro. Sêmea. Rá. 6 — Fe. Vê. 7 — Cá. Afago. Má. 8 — Aba. Imo. Som. 9 — Sanar. Suavê. 10 — Atira. Maber. 11 — Ralam. Aiera.

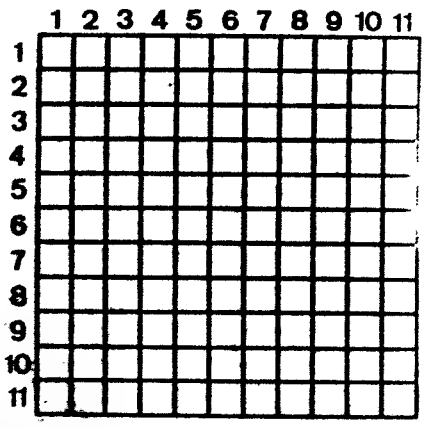
Provérbio: CASAR, CASAR — SOA BEM E SABE MAL.

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8956

HORIZONTAIS: 1 — Folgueda. 2 — Dourada. Leva á sirga. 3 — Escarneçam. Transfere para outro dia. 4 — Níquel (s. q.). Fluído aeriforme. Em partes iguais. 5 — Apelido. Limpar com água. Batráquio. 6 — Cidade de Itália. 7 — Comei á ceia. Narrativa fabulosa de origem popular. 8 — Caminhar. Tolero. Andar. 9 — Pêlos de certos animais. Ave pernalta. Ilha inglesa no mar da Irlanda. 10 — Passados. Capital da Letónia. 11 — Irmão de Moisés. Sussurro.

VERTICAIS: 1 — Botequim. Grande ilha do Mediterrâneo, antiga Trinácria. 2 — Degradação. Freguesia do concelho da Covilhã. 3 — Encolerizai. Em a. Ribeira do distrito de Portalegre. 4 — Conjunção. Raça. Saudável. 5 — Aqui. Cidade de França. Pronome pessoal. 6 — Cavernoso. Artigo indefinido. 7 — Oferece. Chiste. Rádio (s. q.). 8 — Letra grega. Movo os remos. Estrépito de desmoronamento. 9 — Cobre de iodo. Nota musical. Pronome pessoal. 10 — Fulgor. Nome de homem. 11 — Lavra. Tornar tépido.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8955

HORIZONTAIS: 1 — Tral. Amor. 2 — Armagos. 3 — DC. Coril. At. 4 — Ura. Noa. Ame. 5 — Restauraram. 6 — Mie. Mad. 7 — Corremos. 8 — Ano. Ris. Era. 9 — Na. Motar. Ag. 10 — Lidaram. 11 — Luiz. Asia.

VERTICAIS: 1 — Adur. Canã. 2 — Cremona. 3 — Rã. Asira. Lu. 4 — Arc. Ter. Mil. 5 — Imana. Erada. 6 — Arou. — Rita. 7 — Agar. Isara. 8 — Mol. Amã. Ras. 9 — Os. Aranha. Mi. 10 — Amadora. 11 — Atem. Soga.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

FATOS
E TUDO PARA VESTIR
Por medida, a pronto ou a prestações suaves
—GRANDE VARIEDADE DE PADRÕES
—ÚLTIMAS NOVIDADES
VISITE E CONSULTE
estabelecimentos Cancela
CALÇADA DO COMBRO, 21-23 — LISBOA

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«PORTO» a sair em 18 de Março	Com escala por LEIXÕES, para: S. TOMÉ (se necessário), LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA (se necessário) Carrega de 11 a 16 de Março.
«UIGE» a sair em 26 de Março ás 16 horas	Com escala prévia por LEIXÕES, para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES. Carrega de 16 a 20 de Março.
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 19 de Março ás 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, LA GUAIRA, CURAÇAU e PORT EVERGLADES (MIAMI).
«SANTA MARIA» a sair em 25 de Abril ás 18 horas	Com escala por VIGO e FUNCHAL, para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), S. JUAN (PUERTO RICO), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S. Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA FRENTE À ESTAÇÃO DO C. P. E REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS ESPARGAL LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA

REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

MAIS TRACTORES FORD

Embora as vendas de todas as marcas de tractores agrícolas na Europa tenham decaído 6% em relação a 1967, as da Ford aumentaram no mesmo período cerca de 8%. O mais importante aumento do mercado Ford em relação a 1967 foi verificado na Dinamarca, onde a marca se colocou á cabeça do mercado, seguido pela Suécia, Portugal, Irlanda, Inglaterra, França, Filandia, Holanda e Bélgica.

As vendas de todas as unidades deram origem ainda a um importante aumento de vendas de peças e acessórios.

Os dirigentes da Divisão de Tractores Ford na Europa, pensam que 1969 promete ser um bom ano em vendas esperando-se que para Janeiro sejam 20% superiores a igual mês de 1968

SEGRAFIL — EMPRESA PRODUTORA DE TRABALHOS EM SERIGRAFIA, S. A. R. L.

Rua de Santo Amaro, à Estrela, 19 - LISBOA 2 - PORTUGAL
Telefs. 66 51 63 66 51 64 66 51 65 66 11 21 — Telegr. PUBLEX

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade para se reunir no dia 31 de Março de 1969, pelas 18 horas, na sua Sede Social com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Apreciar e deliberar sobre o Balanço, Contas, Relatório do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal.
2.º — Eleger os Membros da Mesa da Assembleia Geral, dos Conselhos de Administração e Fiscal e da Comissão a que se refere o artigo 13.º dos Estatutos
3.º — Deliberar sobre quaisquer outros assuntos considerados na altura de interesse para a Sociedade

Lisboa, 1 de Março de 1969

Presidente da Mesa
João Lopes Alves

RED PORTUGUESA
PUBLICIDADE EXTERIOR, S. A. R. L.

Rua de Santo Amaro à Estrela, 19 LISBOA 2 PORTUGAL
Telefs 66 51 63 66 51 64 66 51 65 66 11 21 — Telegr. PUBLEX
Delegação R. Sá da Bandeira 651 1.º PORTO Telef. 3 06 39

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

É convocada a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade, para se reunir no dia 31 de Março de 1969, pelas 16 horas, na sua sede social com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º — Apreciar e deliberar sobre o Balanço, Contas, relatório do Conselho de Administração e parecer do Conselho Fiscal
2.º — Eleger os membros da Mesa da Assembleia Geral, dos Conselhos de Administração e Fiscal e da Comissão a que se refere o artigo 13.º dos Estatutos
3.º — Deliberar sobre quaisquer outros assuntos considerados na altura de interesse para a Sociedade

Lisboa, 1 de Março de 1969

O Presidente da Mesa
Carlos Barradas da Silva

CORONEL

ANTÓNIO FERREIRA NEVES

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Laura da Silva Neves Silva e Abel Rodrigues da Silva, participam que serão rezadas missas, amanhã, dia 12, pelas 13 horas na Basílica dos Mártires, em Lisboa, e dia 13, pelas 18,30 horas em Oliveira de Frades, pelo eterno descanso do seu saudoso Tio, agradecendo desde já a quantos se dignarem assistir aos piedosos actos.

TRIBUNA LIVRE

(Continuação da 16.ª página)

mais pode ser encarada como uma especialidade médica (nem mesmo para-médica) e entregá-la a um profissional que não seja médico — o «odontologista». A «odontologia» será um capítulo da Estomatologia, assim como a «otologia» (tratado acerca do ouvido), a «rinologia» (tratado do nariz) e a «laringologia» (tratado sobre a laringe) são capítulos duma só especialidade médica e sòmente por médicos exercida — a Otorrinolaringologia — ninguém se lembrando de criar «otologistas», para tratarem os ouvidos, «rinologistas», para cuidarem dos narizes, e «laringologistas, para assistirem» aos males da laringe, não obstante a facto de assistência em cada um daqueles capítulos e de otorrinolaringologistas ser, igualmente, manifesta

O mesmo se poderia dizer em relação a todas as restantes especialidades e, até, à clínica geral, pois a escassez de especilistas e de médicos é geral. O que poderíamos dizer, por exemplo, em relação à oftalmologia (doenças dos olhos) e à falta de oftalmologistas em número suficiente para evitarem tanta cegueira e curarem tanto cego, o que seria possível se dispuséssemos de «uma cobertura nacional, conveniente e eficaz, sob o ponto de vista de profilaxia e tratamento» do olho?! E poderíamos, igualmente, dizer que, se em Portugal quisessemos fazer essa tal cobertura, só com o funcionamento duma escola (ou mais) de ensino do olho...

Não!... O «odontologista» não existe por ser preciso, por ser útil, para defesa da saúde pública. Os «odontologistas» ainda persistem e persistirão, porque o negócio rende, porque têm a força e o peso do seu dinheiro e porque contam com as fraquezas duns, a ignorância de quase todos, a benevolência da lei e a valiosa protecção de organismos por eles próprios criados e mantidos... e, até, porque contam com a humanitária protecção de médicos e, mesmo, de estomatologistas, que «tentando expandir os seus negócios, não hesitaram em mandar-lhes uma circular, na qual sobressaia um amistoso: «caros colegas».

E agora, com o escandaloso «acordo recente» celebrado com o generoso Conselho Regional da Ordem dos Médicos, de Lisboa (serão mesmo médicos, ou, antes, protésicos nomeados para aquele lugar, à semelhança do «Falso Delegado do Procurador da República», há tempos nomeado para esta comarca de Celorico de Basto? Somos de parecer que tal anomalia justifica um inquérito...), com esse «acordo», diziamos, e depois da não menos escandalosa «legalização» oficial forjada no «Sindicato Nacional dos Odontologistas» e com o prestigioso reconhecimento do «Instituto Nacional de Trabalho e Previdência», só falta mais um passo (se ainda o não deram...), a fim de entrarem para a acreditada Ordem dos Médicos e para a Sociedade Portuguesa de Estomatologia, que, certamente, conhecedora do humanitário movimento de solidariedade a que se assiste, não deixará, também, de lhes estender o seu braço protector, em defesa da tal dignificação da Medicina e a bem duma (que não sabemos qual...) «saúde pública»... E, segundo consta, novas «fornadas» de «odontologistas» se estão a organizar (ou já se organizaram) e «se preparam para o assalto...» Prepare-se recepção condigna no «Sindicato», no «Instituto» e na «Ordem», e mandem-se fazer, já, mais «circulares», para convidar os novos «caros colegas» a compartilhar no «negócio» dos bondosos «colegas» estomatologistas...

Afirma-se que, em Portugal, os estomatologistas não recebem preparação especializada conveniente, necessitando de lições de professores estrangeiros, nomeadamente franceses. Se a preparação é deficiente, a culpa recai sobre os serviços que têm a seu cargo o ensino dos respectivos médicos estagiários. O sr. dr. Esteves Pereira dirige um desses serviços no Hospital Escolar de São João. Por que não faz, aí, o tal ensino da Estomatologia? Não será nos serviços congéneres das restantes especialidades que os médicos recebem o respectivo ensino, sem precisarem de importar professores estrangeiros que lhes tragam a ciência de que necessitam?

A falta de estomatologistas em número suficiente para uma conveniente assistência estomatológica (e não apenas «dentária») não justifica a pretensa criação de outros profissionais — os «odontologistas» — para substituírem os primeiros. Que diriam, se pedissemos, para remediar a escassez de ortopedistas, «endireitas» (que também já existem, em grande número, e não tardarão a conseguir «legalização» condigna e a criação do seu «Sindicato»...), preparados nos «Estudos Ósseos» duma (ou mais) «escola para endireitas»?... E os «curandeiros», que medram à sombra da lei, não poderiam, igualmente, entrar para a «Ordem», fundar um «Sindicato», arranjar uma «Escola da Arte de Curar» ou «Escola para Curandeiros», e acudir à população que, em muitas localidades, não dispõe de conveniente assistência médica, por escassearem os clínicos gerais?...

A falta de especialistas e de médicos, em geral, terá de ser remediada doutra forma. Implicará, de facto, uma reforma complexa no sistema assistencial do País, maior amparo ao profissional de Medicina (não esquecendo na doença, na invalidez e na velhice) e remodelação, talvez, no ensino universitário. E se, então, quiserem reduzir a duração do curso para um médico-estomatologista, terão de proceder de igual modo em relação a todas as outras especialidades, como é evidente, o que não nos parece aconselhável, se desejarmos «um ensino médico modernizado, a fim de se formarem médicos e especialistas à altura duma Medicina dos nossos tempos».

Escolas de Estomatologia, *sim. Essas devem ser «criadas», sem demora, com pessoal médico e técnico à altura de se poder dar ao futuro estomatologista uma sólida e perfeita preparação especializada. O seu lugar deverá ser nos Serviços de Estomatologia de vários hospitais, nomeadamente dos escolares, onde terá de ser ensinado todo um vasto programa de ciência modernizada, não esquecendo que a cirurgia maxilo-facial também é um capítulo da especialidade, como o é a odontologia.*

Aconselhamos, por vir a propósito, a leitura dum artigo, «O Hospital de São João e a Estomatologia», da autoria do sr. dr. Pacheco Neves, publicado no «Jornal do Médico» n.º 965, de 22 de Julho de 1961. Dele extraímos o seguinte:

«Só lhes falta» — referindo-se aos Serviços de Estomatologia do Hospital Escolar de São João, do Porto — «uma sala de operações para fazer cirurgia maxilo-facial, e para nos dar ideia duma Estomatologia evoluída...»

«..., não pode deixar de querer» — a Ordem dos Médicos — «que quaisquer Serviços de Estomatologia se desenvolvam dentro do campo definido pela especialização para poder preparar convenientemente os futuros especialistas;...».

«... precisa de se impor» — a especialidade de estomatologia — «e varrer a testada de charlatanismo que ainda a ferretcia,...».

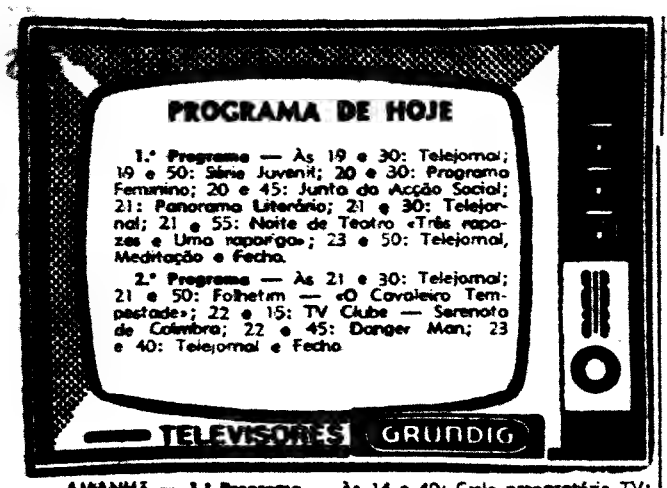
«Não se teria dado conta de que se lhe negou a categoria de especialidade ao torná-la dependente da Cirurgia, que se limitou o seu ensino à prática duma Odontologia quase obsoleta e se desdobrou em dois campos o que é pertença do mesmo terreno?». Será por isso — perguntamos nós — que, mentalizados na prática dessa tal «Odontologia», se afirma que, «se quisermos fazer uma cobertura estomatológica proporcional às necessidades do País, teremos de formar odontologistas?»... (N.º 906 de «O Médico»).

«Porque é que» — continua o sr. dr. Pacheco Neves — «no Hospital de São João se dá competência operatória a determinados Serviços e se nega a outros?».

«...; o que é preciso é dar-lhes» aos Serviços de Estomatologia — «amplitude, enriquecê-los, libertá-los de tutelas, permitir que dentro deles se faça cirurgia maxilo-facial, criar amplas condições de ensino.» — o sublinhado é nosso — «até para que o Hospital tenha o cunho pedagógico que compete à sua escolaridade.» «Outros Serviços, noutros Hospitais, com uma autonomia que estes não têm, foram criados pela dedicação e saber dos seus médicos, sem que alguma vez fosse necessário tutelá-los para se prestigiarem. Eles impuseram-se por si, através dum escol de estomatologistas cuja competência e autoridade profissionais não ficam desmerecidas na presença de colegas estrangeiros. (O sublinhado é nosso).

Terminamos, afirmando que o lamento do director do Serviço de Estomatologia do Hospital de São João não tem razão de ser, pois que em Portugal se ensina Estomatologia nos serviços hospitalares da especialidade, pelo que se torna desnecessária a existência da tal «escola dentrária», visto o «ensino dentário» constituir, apenas, um capítulo de ensino estomatológico. O que será preciso é que nos referidos Serviços os respectivos directores se interessem mais pela boa preparação dos médicos estagiários, ensinando-lhes mais e melhor estomatologia, e dignifiquem a especialidade. Deste modo, serão aumentar o número de estomatologistas portugueses e diminuir a necessidade da «mensagem científica estrangeira».

FERNANDO DA SILVA E COSTA



AMANHÃ — **1.º Programa** — Às 14 e 40: Ciclo preparatório TV; 19: Telejornal; 19 e 15: Quarto de Brinquedos; 19 e 40: Eurovisão — Futebol; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: Folhetim — «David Copperfield»; 22 e 25: Eurovisão; 22 e 50: Missão Impossível; 23 e 50: Telejornal, Meditação e Fecho.

2.º Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: O Mundo Paralelo — «Espiões entre nós»; 22 e 45: O Cinema no Mundo; 23 e 40: Telejornal e Fecho.

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Canconetas do Udo Jürgens; 16 e 15: Tradições, Costumes, e Turismo dos Açores, pelo dr. Correiro da Costa; 16 e 30: Roteiro Musical Português; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr Marques Pereira; Roteiro Musical Português; 18 e 10: As Grandes Figuras do Mundo Português; pelo dr. Caldeiro Pass; 18 e 40: Jovens Académicos; 19: Cartaz dos Espectáculos; 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Um solista... Uma orquestra; 20 e 36: 7.º Episódio do Folhetim «A História da Cruz»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: A orquestra James Last; 21 e 40: Tempo de Jazz, por Raul Calado; 21 e 10: Espectáculo, magazine de teatro, cinema e bailado; 22 e 30: Fados, por Carlos do Carmo; 22 e 50: A orquestra Mode; 23 e 05: Programa da noite; 1: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — Às 16 e 35: Quarteto N.º 6, em fá maior, op 80 (Mendelssohn) — Quarteto Manoliu; 17: Discos raros — interpretações do baixo-barítono Michael Bohnen — obras de Wagner, Halévy, Mozart; 17 e 30: Perspectivas da produção francesa para piano a quatro mãos em execuções do «Duo» Geneviève Joy - Jacqueline Robin-Bonneau; 18 e 16: Jogos Venezianos (Witold Lutoslawsky) — Orquestra Filarmónica Nacional de Varsóvia sob a direcção de Witold Rowicki; 18 e 30: Musica de piano; 19: Dança e Ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 18 e 33: Musica de camara; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Musica de Arco; 20 e 30: Noite de Teatro: «Nathan, o Sábio», de Lessing adaptado por Leopoldo Araujo; 22 e 26: Sinfonia n.º 8 em ré menor (Williams) — orquestra Filarmónica de Londres; 23: A Voz do Ocidente; 1 e 15: Fecho.

2.º Programa (MF 2) — 94,3 mc/s. — Às 23: Musica Portuguesa; 0 h.: O tenor Beniamino Gigli e uma Orquestra dirigida pelo maestro Vito Carnevali; 0 e 15: Ciclo «A Sonata» — «Os Mestres de Viena»; 1: Fecho.

Às 19 e 10 — Rádio Universidade.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15: Momento texentel; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Um conjunto famoso; 20 e 15: A estrela do dia; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: A grande orquestra de...; 121 e 03: Hora alemã; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nosso; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Tallamã.

Modulação de frequência—97,4 mc/s. — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 20: Nota de abertura e noticiário; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa á Gê-Gê; 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67; e Fecho.

Emissor de Miramar—383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu murido; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Brasil; 19 e 30: Rabbiolac; 19 45: Conjuntos de vitmo; 20 e 07: Rádio Placard; 20 e 21: Norte dio a dio; 21 e 05: Cabina de escute; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Musica para meditar; 21 e 45: Mundo rádio; 22 e 08: O Santo; 22 e 15: Ritmos; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—208,2 m — 1285 kc/s — Às 16: Reportagem; 16: Orquestras ligeiras; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção do Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e boletim do S. C. R.; 19 e 30: Página 1; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Variedades; 21 e 30: O conjunto de guitarras de Jorge Fontes; 21 e 45: Canções em voga; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Musica variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho

Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Às 16: Radioroma; 18 O quarto de hora infantil; 18 e 15: Noticiário regional e boletim de fitmes e religioso; 18 e 30: Terço, do Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidos e boletim de filmes; 19 e 30: Página um; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A musica é boa companhia; 23: A 23.ª hora 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 — mc/s. — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e 19 e 30 ás 22: **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e 17 ás 19 e 30; **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e 14 e 30 ás 17; **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e 22 ás 2

canal da crítica

NADA, NADA. NADA MESMO PARA LHES DIZER PASSEM ADIANTE.

O «Momento Desportivo» falou de basquetebol feminino; de futebol (Mourinho, do Belenenses, e Vaz, treinador do Setúbal); de automobilismo (Romãozinho: «Sentimo-nos nós na estrada». **João Canes:** «Não era pròpriamente um passeio»). **Mas a primeira entrevista foi com o presidente da Federação de badmington. Através da qual ficamos a saber que a Federação luta com grandes dificuldades financeiras, pois dispõe sòmente de 25 contos por ano. Número de praticantes em Portugal? Pouco mais de 100. Planos da Federação? Contactar com o badmington estrangeiro que terá de ser de além-Pirenéus, pois a Espanha não pratica. Convém esclarecer que o presidente da Federação deverá ter cometido lapso na indicação do número de praticantes. Decerto não contou comigo. Todos os anos, na praia, é cada jogatana...**

Vinte e cinco contos por ano! Bem. A seguir tivemos «No mundo da Arte» em que se falou do grande Miró. As dificuldades de conhecer a obra de Miró através da Televisão já eram grandes. A cor, a riqueza do pormenor inevitàvelmente se perdem. Apenas na escultura e nos trabalhos de ceramica havia possibilidade de melhor o encontrarmos. Infelizmente foi aí que a camara se demorou menos — embora tivesse andado a correr durante todo o programa. O filme tão ansiosamente aguardado desde o anuncio dele feito no «Cartaz TV» não correspondeu de maneira nenhuma á esperança que nele se depositava. Comemorativo e pouco mais. Educativo, não, de tão desorganizado. O texto passou sempre longe do material — e as palavras da apresentadora serviram para tudo menos para dizer alguma coisa. Continua o amadorismo, o trabalho sobre os joelhos, a inadequação ao público.

Pelo contrário disso, e por muito mais, aprecio os «Bons Velhos Tempos». A impecável organização, e todos no seu lugar, e a graça contagiosa para além das palavras (até já o Pessa agora precisa de sebenta! Quem nos acode?) e as canções e as

(Continua na pág. seguinte)

Aqui está, com a sua decoração definitiva, o palco do Teatro Real. No fundo, fica um órgão com mais de cinco mil tubos. Por detrás do lugar onde os intérpretes vão actuar encontra-se a estrela que é símbolo da Eurovisão. À esquerda, está colocado o marcador electrónico com o indicativo dos dezanove países que vão cantar a Madrid

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

Os três companheiros, heróis da série «As aventuras de Huck Finn» continuam nas suas andanças

AS AVENTURAS DE HUCK FINN

CERCA das 19 e 50 é apresentado mais um episódio da série juvenil «As Aventuras de Huck Finn», com Michael Sea, Luann Haslam e Kevin Schultz. «Continuando na floresta encantada os três heróis, Tom Becky e Huck, desafiam os maiores perigos e os amaus, que no filme são excelentes desenhos animados, na tentativa de regressarem a casa.»

NOITE DE TEATRO: «TRÊS RAPAZES E UMA RAPARIGA»

Fernando Curado Ribeiro e Mariana Vilar

CERCA das 21 e 55 é apresentada a rubrica «NOITE DE TEATRO», com um original de ROGER FERDINAND em tradução e adaptação de António Lopes Ribeiro.

São intérpretes Fernando Curado Ribeiro, Mariana Vilar, João Lourenço, João Motta, Victor de Sousa e Irene Cruz.

«Tudo começa quando um pai, ao atingir a «idade ingrata» dos 50 anos, tem um momento de fraqueza, que, pode destruir a felicidade da família. É aos filhos que compete lutar para que essa felicidade não seja destruída...»

2.º PROGRAMA

NA EMISSÃO desta noite temos o 5.º episódio do folhetim gaulês «O Cavaleiro Tempestade», romance de capa e espada, transmitido no 1.º Programa em 17-2-68. Segue-se TV Clube, com «Serenata de Coimbra», com António Bernardino e José Manuel dos Santos em fados de Coimbra, acompanhados à guitarra por Manuel Borralho e José Ferraz de Oliveira e à viola por Rui Pato e Rui Borralho, programa transmitido no emissor de UHF no dia 9 do mês corrente. A emissão termina com uma aventura cheia de interesse da série «Danger Man», com Patrick McGoohan no papel de John Drake. Este episódio foi, igualmente, transmitido, no programa nacional, em 1 de Julho de 1966 e conta ainda com os actores Maurice Dinhan, Zia Mohyeddin e Earl Cameron.

a resistência mede-se pelo número de quilómetros percorridos

88-AT-06

É VERDADE!
Os táxis AUSTIN somam centenas de milhares de quilómetros percorridos e muitos já atingiram uma quilometragem superior a dez vezes a volta ao mundo

SEGURANÇA, DURAÇÃO, ECONOMIA NO CONSUMO E MANUTENÇÃO COM

TÁXIS AUSTIN A60 DIESEL

DIST. GERAIS: J. J. GONÇALVES, SUCRS. S.A.R.L.
LISBOA • PORTO • ÉVORA • BRAGA • SANTARÉM
MATOSINHOS • AGENTES EM TODOS OS DISTRITOS

AMORTECEDORES PARA AUTOS E CAMIÕES

GARANTIA
100.000 Km. ou 2 ANOS

REPRESENTANTE EXCLUSIVO
GARAGEM CENTRAL
LARGO DA ANUNCIADA 17
TELEFONE 32 [illegible]
LISBOA-2

AGENTES
AUTO PORTO, LDA
PORTO
AUTO INDUSTRIAL, S.A.R.L.
COIMBRA

Curso de Formação Agrícola Familiar

AVANCA, 11 — Promovido pela brigada técnica da 4.ª Região de Aveiro e com a colaboração da Câmara Municipal de Estarreja, Grémio da Lavoura de Estarreja e Juntas de Freguesia, foi posto a funcionar o Centro Ambulante de Extensão Agrícola Familiar do Concelho de Estarreja, que iniciou os seus cursos na freguesia de Avanca, após o que a sua acção prosseguiu pelas restantes freguesias do concelho.

Esta obra vai já no 37.º curso neste distrito.

Neste 1.º curso tomaram parte 25 alunas. Foi dirigido pelas prof.as D. Rosa Maria Meireles Moura e D. Maria da Glória Costa e Silva e regente agrícola Barbas Calvo.

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203. r/c. — Telef. 771639. (Ao Campo Pequeno)

†

BRANCA JUDITE DO CARMO AZEVEDO

FALECEU

Madalena do Carmo Azevedo Alvarez e marido, Alice do Carmo Azevedo Pimenta, marido e filha, Regina do Carmo Azevedo Figueiredo, marido e filho, Maria Luísa do Carmo Azevedo Correia, marido e filha, Maria Helena do Carmo Azevedo, Fernando do Carmo Azevedo, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de sua muito querida mãe, sogra e avó e que o funeral se realiza amanhã, dia 12, pelas 11 horas, da Igreja de S. João de Deus para o cemitério do Alto de S. João.

AGÊNCIA MEGA

†

Maria Margarida da Fonseca Acciaioli de Avillez Nunes Pereira Thomas

FALECEU

Alfred Thomas e filhos, José Nunes Pereira e esposa, Isaura Margarida da Fonseca Acciaioli de Avillez Nunes Pereira, José Manuel de Avillez Nunes Pereira, sua esposa e filhos, Jorge Maria de Avillez Nunes Pereira, sua esposa e filhos (ausentes), Maria Teresa de Avillez Nunes Pereira Fernandes e marido, Nuno Anfbal de Avillez Nunes Pereira, sua esposa e filhos (ausentes), António Augusto de Avillez Nunes Pereira e Maria do Carmo de Avillez Nunes Pereira Teixeira de Aguiar, marido e filhos, participam o falecimento no passado dia 3, em Garstedt (Hamburgo), da sua muito querida mulher, mãe, filha, irmã, cunhada e tia. Amanhã, às 12 horas, na Igreja de S. João de Brito, onde se encontra depositada, será celebrada Missa de corpo presente, realizando-se o funeral em seguida para jazigo de família, no cemitério do Lumiar.

P. N. A. M.

AGÊNCIA BARATA

LIVROS NOVOS

«CANTIGAS DA NEVE» por MERCÊS MARIA MOREIRA LOPES

Poetisa de sonhos e enlevos enternecidos, cujos versos murmurantes se entretecem num amorável lirismo, e com uma obra laureada, incluindo pela Academia Brasileira de Letras, Mercês Maria Moreira Lopes, tão afectiva para com o mundo infantil e sempre generosa de simpatia humana, dá-nos nova mensagem do seu talento e da sua palpitante emotividade neste seu livro «Cantigas de Neve» (editado em Belo Horizonte).

Comunicando com a ilustre poetisa brasileira (de Minas Gerais), escrevia Mestre Aquilino Ribeiro: «A senhora está para a sua poesia assim como Mozart para a sua música: a mesma inquietação, a mesma piedade, o mesmo sofrimento, a mesma honestidade e, sobretudo, o que há de mais comovente: a mesma infantilidade límpida, transfúcida, cristalina, transparente».

O brasileiro Maurício de Medeiros define assim a poetisa e a expressão requintadamente feminina, aliciante da sua poesia: «É a alma da mulher brasileira, sempre presente á sensibilidade e á grandeza.

«O cântaro de água fresca que a senhora buscou na fonte do seu coração há-de matar a sede aos viajantes de beleza».

Como se vê, poetisa de fina sensibilidade e mimoso lirismo, revela um largo anseio de comunicabilidade, turbilhonante na sua poesia, com o querer sempre dizer alguma coisa numa linguagem efusiva, colorida, em que nos transmite a sua mensagem de ternura e que dá a beleza formal aos versos reveladores do seu talento.

«HISTÓRIA DA IGREJA EM PORTUGAL», fasc. 16

A reedição da obra de Fortunato de Almeida sobre «*A História da Igreja em Portugal*», levada agora a efeito pela Livraria Civilização, do Porto e anotada pelo Prof. Damião Peres, prossegue em bom ritmo.

Saiu agora o fascículo 16 em que se continua o segundo volume dos quatro previstos para toda a obra.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da pág. anterior)

habilidades de circo, e a «eloquência» do Sachs, tudo, enfim, que já conhecemos e voltamos a encontrar como velhos amigos, companheiros de aventura televisiva.

Depois... depois... a caminho da meia-noite .. foi .. foi a «Honey West» que .. desculpem, eu sei que é feio bocejar, mas vocês acham, acham mesmo que vale a pena falar a sério quando não seria possível alinhavar as palavras todas que temos na boca?

M. C.

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

GRIPE
PARA O PROBLEMA DAS EPIDEMIAS GRIPAIS
ARGOTONE
ANTI-SÉPTICO E DESCONGESTIONANTE DAS VIAS NASAIS
À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

ANDAR
ALUGA-SE
Com 400 m2 em 2 grandes salões. Serve para qualquer ramo. Em prédio com elevador. Rua dos Fanqueiros, 156 — (chave nas lojas) — Telef. 324350.

LUTA LIVRE AMERICANA
(PAVILHÃO DOS DESPORTOS)
SEXTA-FEIRA, 14
ABERTURA SOLENE, COM DESFILE DOS LUTADORES, DO
TORNEIO INTERNACIONAL DE LISBOA
Maiores de 17 anos

DESPORTO

A Emissora estará presente em Newcastle

Resolvido, desde ontem, o problema surgido em relação ao relato a efectuar pela Emissora Nacional do encontro Newcastle-V. Setúbal. As dificuldades postas pelo clube inglês, que não queria autorizar a transmissão, levaram á movimentação de várias influências de forma a o problema poder ser resolvido a contento. E conseguiu-se, assim, demover os dirigentes do Newcastle de forma a proporcionar aos desportistas portugueses a audição do encontro.

AMANHÃ, EM NEWCASTLE, PARA A «TAÇA DAS FEIRAS»

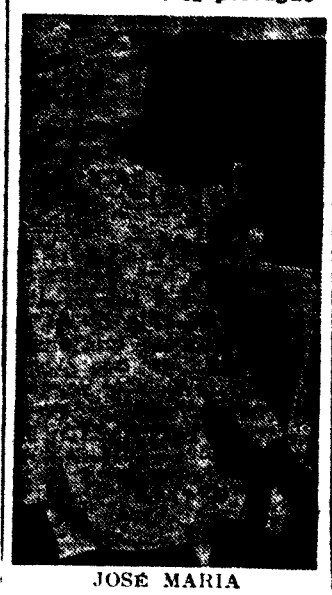
JOSÉ MARIA: A ÚNICA DÚVIDA DA EQUIPA SETUBALENSE

NEWCASTLE, 11 — (Serviço especial «Diário de Lisboa») — *A equipa portuguesa do Vitória de Setúbal já se encontra nesta cidade, para defrontar, amanhã, a turma do Newcastle United, em jogo a contar para a «Taça das Cidades com Feira».*

Os portugueses — que fizeram excelente viagem — foram recebidos pelo treinador e secretário-geral do Newcastle, estando, também, presentes muitos jornalistas, fotógrafos e operadores da TV. À disposição da equipa de Setubal foi pôsto um autocarro, que logo conduziu os jogadores portugueses ao hotel onde ficaram instalados.

A visita da equipa do Vitória de Setubal está a despertar o maior interesse no norte de Inglaterra. Com efeito, foram já vendidos cerca de 58 mil bilhetes para o jogo de amanhã, e os restantes ainda não têm possuidor porque é obrigatória a abertura das bilheteiras no dia do jogo.

Entretanto, os portugueses — que se queixam do frio que vieram encontrar aqui, nesta cidade nas margens do rio Tyne — receiam não poder utilizar o seu excelente «internacional» José Maria, a contas com uma lesão sofrida no jogo do último domingo.



JOSÉ MARIA

Fazendo alarde de grande amabilidade, os dirigentes do clube inglês convidaram os elementos da comitiva portuguesa para um almoço, que se realizará amanhã, num restaurante típico da região de Northumberland.

Hoje os portugueses deram um passeio pela cidade, sempre acompanhados pelos seus colegas britânicos, visitando a velha fortaleza que os romanos aqui construiram e que foi, dado o seu valor estratégico, várias vezes destruída. Estiveram, também, na catedral do século XIV, que tem Santo André como patrono.

Escusado será dizer que os futebolistas não participaram no passeio nem irão ao almoço já referido, permanecendo no hotel até á hora do desafio.

Ciclistas angolanos no «G. P. Robbialac»

DAMASCENO COVÃO

• A competição inicia-se em Ofir e conclui-se, a 3 de Agosto, na Costa da Caparica

Estão a desenrolar-se, em ritmo crescente, os preparativos da nova edição do «Grande Prémio Robbialac», que se vai disputar de 30 de Julho a 3 de Agosto, em percurso compreendido (na quase totalidade) em zonas do litoral.

Pode já anunciar-se que esta competição ciclista se inicia em Ofir e concluirá na Costa da Caparica. Mais: no último dia da prova haverá duas etapas, a primeira entre Cascais e Sesimbra e a segunda até á meta na Caparica. Procura-se, assim, fazer uma excelente divulgação do ciclismo, fazendo passar a caravana por centros de grande densidade populacional na época estival.

Hoje, o director-geral do «Grande Prémio Robbialac» e presidente do Congresso Federativo, sr. Damasceno Covão, endereçou convite á equipa do Sport Luanda e Benfica para participar na prova. Como ontem noticiámos, a formação angolana pretende concorrer á Volta a Portugal. Daí que este convite seja encarado como excelente oportunidade para um «teste» decisivo sobre as possibilidades dos ciclistas ultramarinos na «Volta».

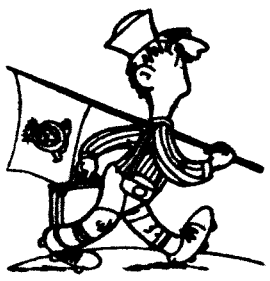
INSTANTÂNEOS

VITÓRIA À PROCURA DE UMA ABERTA

O Vitória de Setúbal é o nosso último representante nas taças europeias. Em Newcastle os sadinos defenderão a nossa última esperança na época que decorre.

Os ingleses são duros e o clima agreste pode influir no ânimo dos sadinos, habituados à doçura atmosférica das margens do Sado.

Mas pode ser, e os antecedentes do Vitória dão direito a pensar em tal, que os «nossos» encontrem uma aberta...



A SUPERIORIDADE TÉCNICA

Somos dados ás frases feitas, a lançar e aceitar «slogans». De vez em quando, alguém tem um desarrincanço original que não demora a transformar-se em lugar comum.

Vivemos outrora a era do «ganhámos moralmente». Atravessamos agora a época da nossa «superioridade técnica».

Escarnecemos as equipas que jogam forte e feio, sem reparar que a solução será casar a nossa habilidade com a força que temos de arranjar.

E, se conseguimos essa união, ainda havemos de voltar a ser muito felizes...

A MAIOR BOLADA

O desporto feminino é uma realidade. Até o cinema sabe isso.

Tanto que o Eden exibe presentemennte «A Maior Bolada do Mundo» que, ao contrário do que se esperaria, não tem o Pelé ou o Eusébio como protagonista. Quem dá a bola é a Raquel Welch, uma atleta muito apreciada.

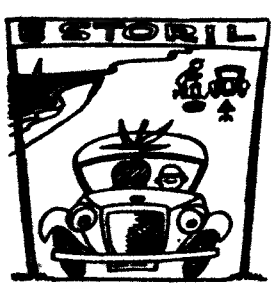
Ainda não vimos a fita, por isso não sabemos se a bela actriz estará «off-side». Mas que se encontra em boa(s) forma(s) disso nem o crítico mais exigente será capaz de duvidar.

ROMÃOZINHO FICOU SÒZINHO

Eram 27, mas, feita a prova, 3 x 9 — 27. O resto não deu zero, como indica a matemática, mas um autêntico herói da estrada.

Francisco Romãozinho acolitado por «Jocames», chegou á meta que ninguém mais atingiu. Basta essa referência para se compreender o valor da proeza do jovem automobilista.

Foi uma surpresa para todos. Quem diria que Romãozinho chegaria sózinho.



HOMENAGEM

Homenagem é, muitas vezes, sinónimo de bajulação, amostra de subserviência da parte de pessoas que precisam de outrem. Mas é também, felizmente, prova de estima e gratidão.

Está neste caso a festa que os antigos campeões de hóquei em patins ofereceram a Tito Moreira Rato, seu dirigente de épocas gloriosas e não distantes.

Aliás, Emídio Pinto, porta-voz dos promotores do banquete, falou tão clara e vibrantemente que não deixou quaisquer dúvidas sobre o espírito que presidiu á iniciativa.

DULCE GOUVEIA SIGNIFICA RECORD

Constantemente, com uma regularidade que impressiona, a nadadora moçambicana, Dulce Gouveia, entretém-se a bater «récords». E não se contenta com estabelecer novos máximos da sua categoria (junior), faz a coisa por atacado e melhora também o do escalão superior.

Chegamos a ter a impressão de que a donairosa Dulce faz novo tempo sempre que entra na água. Claro que não vamos ao extremo de acreditar que até no rotineiro banho de imersão a atleta laurentina bata o «record».

Mas que parece, lá isso parece...

Texto de Francisco Camilo — Desenho de Pargana

Vantagens de um casamento à italiana

ROMA, 11 — (A.N.I.) — O campeão europeu dos «pesados», Henry Cooper, de Inglaterra, chegou a Roma para o combate com o pugilista italiano Piero Tomasoni e conseguiu vencer os jornalistas.

Estes perguntaram-lhe se não receava o publico italiano, que apoia Tomasoni. E Cooper replicou:

— Nem por isso. Sou casado com uma italiana e já me habituei a ouvir frases que não se podem considerar delicadas...

HOJE À NOITE

ANDEBOL — Sorteio dos jogos para a Taça Dr. Vaz Pinto, ás 21 e 30 na Associação de Andebol de Lisboa.

BASQUETEBOL — No Pavilhão da Ajuda, Campeonato Nacional da 2.ª Divisão: Algés Lisgás, ás 21, e Belenenses-Técnico, ás 22.

Campeonato Metropolitano Feminino I Divisão: C. I. F.-C. U. F., ás 21, e Atlético da Encarnação-Nacional, ás 22.

RAGUEBI — Sorteios ás 22 horas na Federação Portuguesa de Ragueb da fase final do Campeonato nacional de seniores e do Torneio Nacional de Reservas.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Populares (seniores): Série A — Os Combatentes-Os Economicos, Beatense B, Palmeiras e Vitória Oriental. Série B: M. Martins-Cova da Moura, Ramiro José Paço de Arcos e Cruzeirense-Caixa Económica. Série C: Academia 1.º de Julho-Ateneu, Leais Amigos-Estrelas Alvalade e Bairro Taxa Beatense-A, nas mesas dos primeiros, ás 21.30. Sorteio ás 22 horas dos jogos da Taça de Portugal, (seniores) fase de Lisboa, na sede da Federação Portuguesa de Tenis de Mesa.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa Feminino: Benfica A-Benfica B, ás 20 e 15, e C. D. U. L.-C. I. F., às 19 e 15, ambos no Liceu Gil Vicente.

No Porto

TÉNIS DE MESA — *Campeonato regional individual de juniores:* Jogos nas salas do F. C. do Porto e C. D. U. P., a partir das 21 e 15.

— *Campeonato Regional Universitário de Basquetebol:* Engenharia-Ciências e Medicina-Economia, a partir das 21 e 15, por esta ordem, no pavilhão do C. D. U. P.

DIVERSOS — *Na Associação de Andebol do Porto:* ás 21 e 30, sorteio de jogos para o campeonato regional de juvenis.

BENFICA EM LUANDA E BELENENSES NOS AÇORES NOS OITAVOS-DE-FINAL DA TAÇA DE PORTUGAL

São os seguintes os jogos determinados pelo sorteio que ontem se efectuou na Associação de Futebol de Lisboa relativos aos oitavos de final da Taça de Portugal: Académica-Ferroviário de Lourenço Marques (os dois jogos disputam-se em Coimbra); Varzim-Vitória de Guimarães; Sporting-representante de Cabo Verde ou da Guiné (os dois jogos são em Lisboa); representante dos Açores-Belenenses (os «azuis» jogarão as duas partidas nos Açores); A. S. A.-Benfica (a equipa metropolitana efectuará as duas partidas em Luanda); Tirsense-Tomar; Leixões-Barreirense, e Cuf-Funchal.

As eliminatórias realizam-se a 11 e 18 de Maio.

No CADAVAL o «DIÁRIO DE LISBOA» é distribuido pelo sr. JOAQUIM CARDOSO DA SILVA ROSA.

PUGILISMO

Fernando Tavares proibido de combater em Espanha

A Federação Portuguesa de Boxe foi informada pela sua congénere espanhola de que esta cancelara a licença de pugilista profissional a Fernando Tavares, antigo campeão amador do Sporting Clube de Portugal e um dos nossos melhores praticantes.

O organismo português procura saber quais as razões que motivaram tal decisão.

Suspeita-se que a mesma seja motivada pelos repetidos «k. o.» que o nosso pugilista tem sofrido ùltimamente.

CARRIZO

CAMPEONATO REGIONAL DE VOLEIBOL

Benfica, Técnico e Sintrense

—venceram os jogos de ontem

Efectuou-se, ontem, nova jornada do Campeonato de Lisboa de Voleibol, na categoria de seniores.

Na Escola Nuno Gonçalves, o Benfica venceu o L. Ginásio, por 3-1 (15-4; 15--13; 14-16; 15-10) tendo dirigido o encontro Reinaldo Rodrigues. As equipas alinharam da seguinte forma:

L. GINASIO — Cazal-Ribeiro, Joaquim Azevedo, Rodrigo Carvalho, Armando Jerónimo, Marques Pereira, Fernando Simões, António Ribeiro e Fernando Boleto.

BENFICA — José Magalhães, João Carlos, Vítor Carvalho, Carlos Figueiredo, João Arouca e António Ricardo.

Triunfo bastante difícil do Benfica perante um L. Ginásio que efectuou o seu melhor encontro desta época

A partida foi equilibrada e emotiva, tendo um final muito acidentado quando o resultado se encontrava em 10-10; e uma actuação bastante infeliz do árbitro nos últimos quatro pontos. O «set» acabou com 15-10 favorável ao Benfica.

No ginásio do Técnico, os «engenheiros» venceram o Nacional, por 3-0 (15-7; 15-13; 15-7), tendo, sob a arbitragem de Alberto Sousa, as equipas alinhado:

TÉCNICO — André Mendes, Ernesto Esteves, Carlos Canas, Costa Reis, Raul Carregoso e Wellington Fernandes.

NACIONAL — Vilar Moreira, José Pimpão, Manuel Pires José Custódio António Resende, Aguiar Buisel e Manuel Andrade.

Vitória fácil do Técnico; embora no 2.º «set» o Nacional tivesse comandado a partida, obtendo 10-6; 12-9 e 13-11, acabou por consentir o empate e o triunfo final do adversário por 13-15.

Em Sintra, a equipa local venceu o Ext. de Moscavide, por 3-2 (11-15; 15-12; 15-10; 12-15 e 17-15) após um encontro muito movimentado, em que o equilíbrio e indecisão, quanto ao vencedor, estão bem expressos no resultado final.

OS ÁRBITROS DAS FINAIS DE JUVENIS E JUNIORES

Está definitivamente assente que as finais dos campeonatos regionais de Lisboa de juvenis e de juniores entre o Benfica e o Sporting se disputem amanhã no Campo da Tapadinha, respectivamente às 15 e 16 e 45 horas.

São também conhecidos os nomes dos árbitros daqueles desafios: Manuel Ferreira Pinho dirigirá a final de juvenis, enquanto a Joaquim Maria Alves irá caber a direcção da partida de juniores.

HÓQUEI EM PATINS

Oeiras: vitória sobre a C. U. F. no «Torneio de Abertura»

O «Torneio de Abertura», em hóquei em patins prosseguiu com o interesse que sempre rodeia a competição cujo principal objectivo é a rodagem para o «regional»

Os resultados dos jogos que respeitam á 2.ª jornada foram os seguintes:

Algés-Azeitonense	4- 2
Belenenses-C. Tejo ..	6- 1
Parede-P. Arcos	3- 2
C. U. F.-Oeiras	2- 4
Salesiana-F. Benfica ..	10- 1
S. Torres-C. Ourique	1-12
Sporting-Física	4- 4

Nos encontros mais importantes, há que colocar em lugar de destaque a vitória do Oeiras no recinto dos cufistas e as dificuldades naturais do grupo da Parede perante o Paço de Arcos, que fazia o seu primeiro jogo.

Das restantes equipas com estreia na competição, são elucidativas as derrotas do grupo de Alhandra e do Futebol Benfica, enquanto a Física, de Torres Vedras, obteve excelente empate em Alvalade. O outro conjunto de Torres voltou a perder pelo mesmo resultado de 1-12, mas novamente com adversário de primeiro plano.

Embora ainda prematuramente, é um facto, tudo indica que em qualquer das séries haverá excelente luta para o apuramento dos dois primeiros, que se qualificarão para a fase final, principalmente no Grupo B, que engloba os conjuntos do Oeiras, Cascais, C. U. F. e Salesiana com aspirações a esse apuramento.

As classificações actuais são as seguintes:

SÉRIE A — 1.º. Belenenses (13-3) e Parede (8-4), 6; 3.º. Algés (6-9), 4; 4.º. Azeitonense (4-9), 2; 5.º. Paço de Arcos (2-3) e Cimento Tejo, (1-6).

SÉRIE B — 1.º. Oeiras (6-3), 6; 2.º. J. Salesiana (11-3), 4; 3.º. C. U. F. (3-5), 3; 4.º. Cascais (1-1), 2; 5.º. F. Benfica (1-10), 1.

SÉRIE C — 1.º. C. Ourique (15-3), 6; 2.º. Sintra (12-1) e Sporting (6-7); 3.º. Física (4-4) e S. Torres (2-24), 2.

Próxima jornada, na sexta-feira: Paço de Arcos-Algés, Azeitonense-Belenenses, Cimento Tejo-Parede. Fut. Benfica-C. U. F., Oeiras-Cascais. Física-Sp. Torres e Campo de Ourique-Sintra.

CARRIZO (DO RIVER PLATE)

UM ADEUS QUE OS ADEPTOS NÃO ACEITAM

Revolução na Argentina?

Um simples comunicado de imprensa, emitido pela presidência do River Plate, acaba de agitar todo o país: «O clube River Plate, depois de ouvir a opinião do seu treinador Labruna, decidiu não renovar o contrato com o seu guarda-redes, o veterano Amadeo Carrizo».

Organizaram-se manifestações, listas com petições, circularam ameaças veladas, os desportistas reclamam a cabeça dos dirigentes e de Labruna

Aos quarenta e dois anos e meio, Carrizo era o último ídolo da idade de ouro, do futebol argentino, uma época que terminou com ele. Carrizo jogou com Pedernera, Moreno, Loustan e outros. Durante vinte e cinco anos, o guarda-redes do River Plate marcou o espectáculo semanal com a sua presença de artista de cinema. E o seu público não tinha olhos senão para ele e assistia aos jogos gritando incansàvelmente as sílabas de uma incondicional homenagem: A-ma-deo, A-ma-deo Para as gentes da rua, Amadeo Carrizo continua a ser sinónimo de guarda-redes de excepção.

Acontecimentos DE ONTEM

ANDEBOL

Prosseguiu o Torneio de Encerramento

Disputaram-se, ontem, mais três encontros a contar para o Torneio de Encerramento de andebol de sete. Os resultados foram os seguintes

C.I.F., 25-Spt. da Penha, 18; C.D.U.L., 20-Boa Hora, 25; Santa Catarina, 17-Ateneu 14

Campeonatos universitários

Na jornada que se efectuou ontem á noite para o campeonato regional universitário de andebol de sete, do Porto, apuraram-se os seguintes resultados:

Economia, 17-Ciências, 13 e Engenharia, 17-Farmácia, 6 A equipa de Engenharia é virtual campeã.

BASQUETEBOL

O «Nacional» Feminino

Principiou ontem a 9.ª jornada do Campeonato Nacional Feminino de Basquetebol. Foi palco do único encontro disputado o pavilhão do Naval Setubalense e defrontaram-se: Vit. Setubal e Benfica, Saiu vencedora a turma sadina por 26-20.

TÉNIS DE MESA

Foram os seguintes os resultados dos jogos ontem á noite disputados, a contar para a quarta jornada do Campeonato de Lisboa de ténis de mesa, da categoria de juniores:

Ateneu-Benfica, 1-5; C. Católico - Intendente, 0 - 5; Lisgás-S L Agulas, 5-4; e Sporting-Armadorense, 5-0.

Para o Torneio de Consolação apuraram-se os seguintes resultados:

Combatentes A-Rodrigues Cordeiro, 5-0 e Académica da Amadora-Desportivo da Graça, 5-3

ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE SETÚBAL

Realiza-se no próximo dia 12 pelas 21 e 30 horas, na sede da Associação de Futebol de Setúbal, o sorteio das seguintes provas:

Torneio de Reservas, para a «Taça Sado» e Torneio de juniores e juvenis, para todos os clubes que não participam nos «nacionais».

MORREU JIMMY WILDE VELHA GLÓRIA PUGILÍSTICA

CARDIFF, 11 — (R.) — Jimmy Wilde, campeão mundial de «mínimos» de 1916 a 1923, e uma das figuras lendárias do pugilismo, faleceu a noite passada num hospital desta cidade, com 76 anos.

Wilde, natural da cidade galesa de Pontypridd, começou a trabalhar aos 13 anos, nas minas de carvão locais, e iniciou a sua carreira de pugilista em exibições nas feiras, onde chegou a pôr a «K. O.» 25 adversários por dia!

Embora nunca tivesse pesado mais do que 46,2 quilos e tivesse os braços pequenos e as pernas tortas (o que fez com que muitos técnicos não manifestassem grande opinião a seu respeito), derrotou todos os pretendentes, tornando-se em 1916 o primeiro campeão do mundo (oficial) na categoria dos «mínimos». Nessa altura era profissional há cinco anos.

O melhor período da sua carreira registou-se em 1919, quando venceu os americanos Joe Lynch e Pal Moore.

Na sua carreira como «mínimo» apenas perdeu quatro dos seus 864 combates.

Perdeu o título em 1923, quando tinha 31 anos, a favor de Pancho Villa, das Filipinas, sofrendo uma punição severa e foi finalmente posto a «K. O.» ao sétimo assalto. Esteve gravemente doente após a luta e nunca mais voltou a combater.

Wilde, que se casou quando era ainda um adolescente, atribuia frequentemente o seu êxito como pugilista a sua mulher que, nos primeiros dias, usava um escudo no peito e servia como seu «sparring-partner»

NOVOS CORPOS GERENTES

Comité Olímpico

O Comité Olímpico Português reuniu-se a fim de proceder á eleição da comissão executiva, que ficou constituída, como segue: general Alexandre Gomes de Lemos Corrêa Leal, Gaudêncio Luís da Silva Costa, Raul Rodrigues Worm, Fernando Luís Pereira Machado, Francisco Rafael Rodrigues Júnior, Vicente de Paulo Martins, cor D. Domingos de Sousa Coutinho (Funchal), Luís Valente Miramon, Lauro Gomes de Amorim, ten.-cor. Lélio de Almeida Ribeiro, ten.-cor. dr. António Augusto Fernandes Tender e dr. Francisco Manuel de Bethencourt Conceição Rodrigues

DULCE GOUVEIA: OUTRO «RECORD»

LOURENÇO MARQUES, 11 — (A. N. I.) — A nadadora Dulce Gouveia voltou a obter um novo «record» nacional na quarta jornada do torneio regional de natação, que está a ser disputado na piscina dos Velhos Colonos, em Lourenço Marques.

Nos 200 metros livres, seniores e juniores, Dulce Gouveia completou a prova em 2 minutos e 32,1 segundos, obtendo novo máximo nacional.

Devem ser estes os mais antigos esquis do mundo. Os lavradores da Floresta da Boémia (República Federal da Alemanha) afirmam que um dos seus antepassados inventou os esquis, por volta do ano de 1400. Reza numa crónica que ele deslizava pela neve nas suas tábuas estreitas. Cozera a madeira em resina. A sua elasticidade ainda é tão grande, que não seria arriscado utilizar estes esquis hoje em dia. No Norte da Europa, já se utilizavam no século XIII tábuas mais curtas do que os esquis do Museu em Passau. Como desporto, o esqui só é conhecido desde 1800

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

O Clube de Miramar nos «Europeus» de golfe

Parte amanhã, de avião, para Cannes, a equipa de amadores do Clube de Golfe de Miramar, que nesta cidade francesa vai disputar o campeonato europeu da modalidade. Este grupo, actual campeão de Portugal, é constituído pelos seguintes jogadores: João Oliveira, João Mendonça, António Xavier e Mário Rodrigues. O regresso está previsto para a próxima segunda-feira.

CARTAZ DOS CINEMAS

Estreia de hoje: EMBOSCADA NA SOMBRA — Monumental

MONUMENTAL
(M 17 anos) Tel. 555131
Às 21 e 30 h.
GRANDIOSA ESTREIA
Gregory Peck, Eva Marie Saint num filme de invulgar craveira
EMBOSCADA NA SOMBRA
Technicolor - Panavision

QUINZENA
A INFÂNCIA NO CINEMA
HOJE, às 18 e 30 h.
ANIKI-BOBÓ, de Manuel de Oliveira, com Nascimento Fernandes, Fernanda Matos e um grupo de crianças do Porto.
(Maiores de 6 anos)
Uma obra-prima da cinematografia portuguesa, projectada em sessão especial
AMANHÃ:
O GAROTO DE CHARLOT de C. Chaplin (M. 6 anos)

EDEN
(Adultos) Tel 320768
Às 15.15 18.30 e 21.45
A MAIOR BOLADA DO MUNDO
O roubo mais «sexy» da história
com Raquel Welch, Robert Wagner, Vittorio de Sica e Edward G. Robinson

RESTELO
(M 17 anos) Tel 610375
Às 21.30 horas
Uma grande história de amor num mundo em conflito
A CHAVE
William Holden e Sophia Loren

AVIS
(M 12 anos) Tel 47163
Às 21.45
UM IDOLO DA CANÇÃO
2.ª SEMANA
ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme com belas canções!

LIDO
Praça D. João I — Amadora
(M 17 anos) Tel. 937593
Às 21.30
Um filme policial arrojado e de grande expectativa!
A FLOR AMARGA
com Mireille Darc e Anouk Ferjac

SÃO JORGE
(M 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15 18.15 e 21.30
STEVE McQUEEN e FAYE DUNAWAY
O GRANDE MESTRE DO CRIME
Um filme de classe invulgar

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
Às 15.15 e 18.15 e 21.30
2.ª SEMANA
Um filme de Roman Polansky
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow - John Cassavetes

ALVALADE
(Adultos) Tel 163080
Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
Um filme de Roman Polansky
A SEMENTE DO DIABO
c/ Mia Farrow - John Cassavetes

CONDES
Telefs. 32 25 23 32 67 10
(M 12 anos)
3.ª SEMANA
Às 15.15 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON CLINT EASTWOOD MARY URE
Um espectáculo que é um desafio à sua coragem!
O DESAFIO DAS AGUIAS
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

ESTUDIO 444
(Adultos) Tel 779095
Às 21.45
Um filme sádico e violento
FRANCO NERO
RESGATE HUMANO
EASTMANCOLOR
c/ Charlotte Rampling

MUNDIAL
(Adultos) Tel 538743
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
2.ª SEMANA
Carrol Baker, Jean Sorel e George Milton no empolgante filme em Scope colorido
O DOCE CORPO DE DEBORAH
Metro [illegible]

TIVOLI
(M. 17 anos) Tel. 56505
Às 3 e 6.15 da tarde e 9.30 da noite (p. red.)
2.ª SEMANA
A história de um homem estranho que joga com a vida e a morte dos outros
JOGO PERVERSO
com Anthony Quinn, Michael Caine e Candice Bergen

POLITEAMA
(M 12 anos) Tel. 326305
HOJE: Só à tarde
Às 15.15 e 18.15 (p. r.)
A COMEDIA DE GARGALHADA
O RANCHO DA INJUSTIÇA
com a incomparável DORIS DAY
Uma mulher revolucionou o Far West. Foi a primeira que bateu o pé aos homens
TECNICOLOR

ROMA
(M 12 anos) Tel 727778
Às 21.30
3.ª SEMANA
Um acontecimento memorável na história do Cinema!
O DESAFIO DAS AGUIAS
com Richard Burton, Clint Eastwood e Mary Ure
70 mm - Metrocolor
O filme de fundo começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

CASINO ESTORIL
(M 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
TODAS AS NOITES ÀS NOVE
Dirk Bogard, Margaret Books

LIZ
(Adultos) Tel. 48560
Às 21 horas
DOUTOR, VAMOS A ISTO
O CASO IPCRESS

IMPÉRIO
(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
5.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor...
TECHNICOLOR
ROMEU E JULIETA

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 48560
Às 15.30, 18.30 e 21.45
Um filme de Carl H. Dreyer
«A PALAVRA»
(Ordet)

IMPERIAL
(M 12 anos) Tel 45933
Às 21 horas
OS ESPIÕES DE HELICÓPTERO
MELODIA INTERROMPIDA

ODEON
(Adultos) Tel 326283
Às 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES
UM FILME DE SENSACIONAL FEROCIDADE com TERENCE HILL
VIVA DJANGO
Nunca o ódio teve mais alto preço na ponta de uma bala...
(Eastmancolor) Versão Inglesa

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
UM CERTO SORRISO
DOIS HOMENS, UMA MULHER

LUMIAR
(M. 17 anos) Tel. 791574
Às 21.30
Ar condicionado
Parque privativo
A NOIVA ESTAVA DE LUTO
com JEANNE MOREAU
A seguir:
O LADRÃO DE QUEM SE FALA

EUROPA
(M 12 anos) Tel 661016
Às 15.15 e 21.30
Cinema de grande espectáculo
A REVOLTA DOS COSSACOS
c/ Silvana Mangano, Van Heflyn e Vittorio Gassman

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e às 23: «A Preguiça» (17 anos)
TRINDADE — Às 21 e 45: «Sabina Freire» (17 anos)
ABC — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos)

CINEMAS
COLISEU (Cinema) — Às 21 e 15: «Superespectáculo no Mundo» (17 anos)
CINEARTE — Às 21: «Hondo, o destemido» (12 anos)
PARIS — Às 21: «Para além da montanha» (17 anos)
ROYAL — Às 21: «Os devassos» (17 anos)
ARCO ÍRIS — Às 21 e 30: «Marnie 7» (17 anos)
JARDIM — Às 21: «Flashman contra o homem invisível» (12 anos)
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «24 horas na vida de uma mulher» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «Por amor ou por magia» (12 anos)
PROMOTORA — Às 21: «Comissário X acção em Ceilão» (12 anos)
OLIMPIA — Às 21: «A justiça de Gringo» (12 anos)
SALÃO LISBOA — Às 19: «Grito de guerra dos comanches» (12 anos)
VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Matar para não morrer» (12 anos)
S. L. BENFICA — Às 21 e 15: «O filho do pistoleiro» (12 anos)
ENCARNAÇÃO — Às 21: «Os milionários de Filadélfia» (17 anos)

● Linha de Cascais
PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O Cossacos» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Todas as noites às nove» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Cinco anos depois» (17 anos)

● Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Armadilha Istambul» (12 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTISTICA — Às 21 e 15: «A guerra dos botões» (12 anos)

● Linha de Sintra
PONTINHA — CINE UNIÃO — Às 21: «O Homem que ri» (17 anos)
DAMAIA — D. JOÃO V — Às 21 e 30: «Por favor não me morda o pescoço» (17 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «A Dama de Beirute» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «O assalto ao comboio correio» e «Cuidado com as pessoas sérias» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «O Justiceiro de Rucova» (12 anos) CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «O profeta» (17 anos)

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B
AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro, 77 (633288) ☆ Boa Hora, R. dos Quartéis, 77 (637777)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637070)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (772070) ☆ Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ☆ Paris, R. Renaldo Ferreira, S.A.B. Mãe d'Água (7 0 3
AREEIRO — Vera Cruz, P. António Peixoto, 2-B (6 Av. S. João de Deus) (724941) ☆ Onilda, Av. João XXI, 3-A (726848) ☆ Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (770465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto à Av. Sacad. Cabral) (770776) ☆ Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ☆ Sagres, Aven. Luís Bivar, 69-7 (47213) ☆ Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 2 B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 58 (junto à Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Leber, R. Diário de Notícias, 8 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 22)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P. das Casas Novas, 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romena, Rua B 1, à R. Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Estácio, P. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) ☆ Morão, R. da Assunção, 7 9 (321289)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (702532) ☆ Sousa, Est. de Benfica 419-43 (780027)
CAMPO DE OURIQUE — Portirio, R. Franc. Metrass, 59 (663349)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 38 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 7 (680304) ☆ Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (78018
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342)
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44158)
ESTRELA — Paivas & Parente, R. de Santo António à Estrela, 96-93 (665196) ☆ Martins, Calçada da Estrela, 67 — (660823)
GRAÇA — Arnell, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ☆ Merão, L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — Intendente, L. Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av. dos Linhas de Torres, 201-B (790942) ☆ S. Tomé, Est. do Desvio lote 2-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fontoura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 2 (662075)
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (88 6 21) ☆ São Paulo, R. 2, Lote 823 à Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (3107) ☆ Higiene, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B n.º 4, L. 43 Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório, J. P. M. 3 (610256)
PICHELEIRA — Marilux, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
RATO — Soares, Av. Alvares Cabral (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (6 8 4) (à encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439) ☆ Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara — R. Francisco Marques Beato, 45-A (Tel. 251234)

● Linha de Cascais
ALGÉS — Combatentes, Av. Combatentes G. Guerra, 66 (Tel. 213953)
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (2432034)
OEIRAS — Godinho, Rua Cândido dos Reis, 98 (2430090)
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (2471204) Previdência (2472948)
ESTORIL — S. João, S. João do Estoril (261186)
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS — Marginal, Av. Marginal (280078) — A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (280214)

● Linha de Sintra
AMADORA — Melo, P. D. João I, lote 46 — Bairro Janeiro (932756) ☆ Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (932210) ☆ Igreja, P. da Igreja, lote 2 (937740) ☆ Jardim, Av. Conde de Oeiras, lote X-1 — Reboleira (938424)
DAMAIA — Damaia, P. Alexandre de Gusmão, 9-A (970528)
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ☆ Zeller, R. da República, 83 (950045)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285 (2910021).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, (980456
SINTRA — Marrazes (Vila), Lg.º Rainha D. Amélia, 20 (980 55)
VENDA NOVA — Nova, R. Elias Garcia, (933920)
COLARES — Colares, Abreia (Tel. 299088)

● Outra Banda
ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 5 — (234 00)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — Magalhães, R. Capitão Leitão, 0 (270242)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional, 74 (224302)
BARREIRO — Central — Av. Alfredo da Silva, 48 (2273207)
COVA DA PIEDADE — Atlântica, Quinta da Pomba (274365)
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 6 (239029)
MONTIJO — Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (230370)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (229028)
SETUBAL — Oliveira, L. da Misericórdia (22488)
SEIXAL — Godinho, L. da Igreja, 5 (22 8580

SERVIÇOS URGENTES

Telefones
ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361353 ☆ Companhias Reunidas, 537011 ☆ Gazcidla 538821 ☆ Gazcidla (dom. e feriados) 882069.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ☆ Voluntários 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ☆ Segurança Pública, 366141 ☆ Judiciária, 535380 ☆ Marítima, 326456 ☆ Internacional, 362721 ☆ Viação e Trânsito, 42205 ☆ G.N.R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ☆ Enfermagem permanente, 766161 ☆ Enfermagem de urgência, 43738 ☆ Hospital de Santa Maria, 775171 ☆ Hospital de S. José, 860131 ☆ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ☆ Transfusões, soros e oxigénio, 538524 ☆ Centro de Intoxicações (informativa), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ☆ Caminhos-de-ferro (C. P.), 869029 ☆ Caminhos-de-ferro (Estoril), 361121 ☆ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ☆ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ☆ Estação Marítima da Rocha, 672445 ☆ Estação fluvial (Belém), 638531.

BOM APETITE

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIARIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz CHAO CHAO

MINABELA
Restaurante Churrasqueira Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951611

VIRIATO
RESTAURANTE CERVEJARIA SNACK-BAR COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até às 2 h)
Telefone: 53 07 58

FREQUENTE
«O CONVÉS»
Av. Fontes Pereira de Melo, 45
Telf. 51232 - 51368
RESTAURANTE SNACK e PASTELARIA
E TODAS AS NOITES PARA M/ 17 ANOS VÁ AO
«PORÃO DA NAU»
AMBIENTE FAMILIAR
APRESENTES
OS ROCK'S com EDUARDO NASCIMENTO
Telf. 50529 - 5150

RESTAURANTE FRAMAR
RESTAURANTE, SALÃO DE CHÁ E CERVEJARIA
Esmerado serviço para casamentos, baptizados e festas, com salões próprios — Recebe Excursões
AVENIDA DA REPÚBLICA, 35 — TELEF. 95
VILA VIÇOSA

MONTE ALTO
Rua Filipe Folque, 10-B-C-D
Telef. 51005
TODOS OS DIAS PRATOS VARIADOS
SERVEM-SE BANQUETES E LANCHES DE CASAMENTO

TARANTELA
RESTAURANTE • SNACK-BAR
L. D. Estefânia, 23 e 27
Telef. 535208
ESPECIALIDADES DIARIAS
Sala no 1.º andar para Banquetes

APÓS AS REFEIÇÕES [illegible] CHAVE D'OURO [illegible] CAFÉ

Diário de Lisboa
DL
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor João C. de Sá
Sede Rua Luz Soriano, 44
Telefs 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Te. DIBOA. Telex 1363
Impresso em Portugal

AVARIA NO VEIO (OU NO LEME?)

IMPEDIU A LARGADA DOS NAVEGADORES QUE VÃO SEGUIR A ROTA DE CABRAL

A bordo do «Navaja» deviam partir hoje da Doca do Bom Sucesso para a sua viagem, que pretende repetir a de Pedro Alvares, Mário Fruttero, o «navegador solitário» que desta vez leva um companheiro e um descendente de Cabral: D. Vasco António Cabral Câmara Pereira. O outro descendente de Cabral, o conde de Belmonte, D. Vasco Maria Figueiredo Cabral da Câmara, que também era para seguir viagem, não o faz por, como noticiámos, lhe ter adoecido a esposa e dois dos nove filhos.

A partida estava marcada para domingo, 9 de Março — o dia em que partiu o descobridor do Brasil — mas teve de ser adiada, como esclarecemos na reportagem que publicámos, por falta de uma peça de 200$00 para o motor do «Navaja». Entretanto, nada se remediou.

Vasco Cabral Câmara e Mário Fruttero, que no domingo se mostravam muito aborrecidos com o adiamento forçado da viagem, mas confiantes no êxito da mesma, lá ficaram hoje, com as preocupações, mas também o entusiasmo que então nos revelaram.

Segundo Fruttero, «não partimos por se manter a avaria na ligação do veio do motor».

Contamos fazê-lo amanhã, cerca das 14 horas.

Mário Fruttero, no poço do seu iate, quando esta tarde ali procedia a arrumações, aguardando, com impaciência, a hora da largada

No entanto, ao que nos informaram dos Pilotos da Barra (Estação do Bom Sucesso), «o barco dos navegadores que querem seguir a rota de Cabral, ao sair da Doca do Bom Sucesso, raspou nas pedras do lado esquerdo e teve de regressar, com avaria no leme».

Inquirido sobre esta afirmação, Fruttero negou-a com veemência:

— Não houve qualquer avaria no leme. Tudo está bem a bordo, excepto a peça de ligação do veio do motor.

O jovem mostrou-se agastado com a nossa insistência, mas nada pôde adiantar que nos desse qualquer certeza, num sentido ou no outro.

Para já temos que a partida talvez se efectue amanhã.

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental o céu esteve muito nublado. Choveu e caíram aguaceiros em alguns locais do Norte e Centro do País. O vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Fonte Boa, 19°,5, mínima: Penhas da Saúde, 1°,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS — Coimbra e Faro, 14°; Funchal, 16°; Lisboa, 11°; Penhas Douradas, 5°; Portalegre, 11°; Porto 12°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — No almoxarifado 16°,2; na água do mar: 14°.

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado; períodos de chuva mais frequentes nas regiões do Norte e Centro; vento fraco a moderado, predominando de Sudoeste.

Amanhã
Nascer ás 7 e 54
Ocaso ás 19 e 40

Hoje	Dia 18	Dia 24	Dia 2

MARÉS:

PREIA MAR Dia 11 — 9 e 23 (3,3 m), 22 (3,3 m). Dia 12 — 10 e 57 (3,3 m), 23 e 32 (3,3 m). Dia 13 — 12 e 30 (3,2 m). MAIXA MAR Dia 11 — 2 e 43 (1,5 m), 15 e 17 (1,7 m). Dia 12 — 4 e 11 (1,7 m), 16 e 54 (1,8 m). Dia 13 — 5 e 52 (1,6 m), 18 e 23 (1,7 m).

RECOLHER OBRIGATÓRIO EM NAHLUSE (CISJORDÂNIA)

RAMALLAH, 11 — (F. P.) — As autoridades israelitas impuseram o recolher obrigatório, até nova ordem, no bairro árabe de Napluse, na Cisjordânia.

Esta medida foi decidida depois das manifestações estudantis que se registaram na cidade.

Por outro lado, os alunos de todas as escolas governamentais e das instaladas pelas Nações Unidas, para os refugiados «Unwra» em Ramallah, Bireh, e de outro campo próximo de Ramallah, entraram em greve hoje, de manhã.

Estas greves foram provocadas pelo facto de a Polícia israelita ter dispersado hoje, de manhã, uma manifestação de raparigas árabes.

Muitos rapazes dos liceus atacaram os carros da Polícia israelita, que acabou por ter de os dispersar também.

EXPLOSÃO

GAZA, 11 — (F. P.) — Uma carga explosiva foi lançada contra um veículo militar israelita, no meio de um campo de refugiados da zona de Gaza. A carga, lançada para a estrada principal que atravessa o campo de El-Chati, não fez feridos nem causou estragos.

Hoje, de manhã, os alunos do Liceu «Falastin», o maior da zona de Gaza, começaram manifestações violentas, mas foram dispersados pela Polícia.

Também, esta manhã, os habitantes da aldeia Beith-Lehia, perto de Gaza, mandaram parar um carro israelita que seguia para esta cidade, e preveniram os seus ocupantes de que um pouco mais longe havia outra mina.

Os sapadores do Exército israelita, enviados para o local, encontraram a mina e despoletaram-na.

É a primeira vez que os habitantes palestinianos avisam israelitas com a intenção de lhes salvarem as vidas.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Novo duelo de artilharia no Suez

CAIRO, 11 — (F. P.) — Está a travar-se novo duelo de artilharia nas linhas de cessa-fogo israelo-egípcias.

Um comunicado militar egípcio anuncia que as «Forças Armadas israelitas abriram, às 13 e 45 (T. M. G.) fogo de artilharia e de tanques contra as tropas egípcias estacionadas nas regiões de Suez, Port Tewfik e Chatto.

O comunicado precisa que as Forças Armadas egípcias ripostaram imediatamente ao fogo israelita. Acrescenta que o duelo prossegue, tendo as Forças Armadas egípcias abatido um helicóptero, que dirigia os tiros de artilharia israelita.

DESLUSTRAGEM A SECO

Garantia absoluta igualmente em limpeza a seco com acabamentos por alfaiate. Bastará ligar a 323422. Rua da Prata, 156, s/l. (único no género).

ALASTRA NA ITÁLIA A VAGA DE GREVES

ROMA, 11 — (F. P.) — Alastra a vaga de greves na Itália, tanto políticas, como económicas.

Em La Spezia há greve geral perante a crise de emprego que ameaça o porto.

Em Turim, o trabalho parou durante meia hora, e há comícios promovidos pelas organizações sindicais e pelos movimentos políticos da esquerda. Trata-se de um protesto que se prende ainda com o caso da actriz grega Melina Mercuri. Por outro lado, os médicos dos sanatórios e dos estabelecimentos termais dependentes de seguros sociais suspenderam o trabalho hoje, de manhã. Trata-se de exigir melhoria de condições.

Os trinta mil funcionários do Estado com lugares de chefia fazem greve de três dias, a partir de amanhã, reclamando, também, melhores condições de trabalho.

Prossegue a greve dos serviços sanitários da fronteiras, dos portos e dos aeroportos paralisando grandes importações de carne, ovos e frangos, que asseguram cerca de metade do consumo nacional.

Em Roma persiste a greve dos professores e dos assistentes universitários.

Finalmente, o tráfego ferroviário na fronteira franco-italiana, devido, neste caso, á greve geral em França, conhece uma diminuição sensível.

RODAPÉ CALORÍFERO — Na Feira Internacional de Lyon, que se realizará entre 22 e 31 do corrente, a indústria inglesa vai apresentar este modelo de «rodapé calorífero» que não ocupa espaço e aquece perfeitamente uma sala. É composto por secções caloríferas de um metro cada, podendo ser completadas com peças não caloríferas, à medida, para uniformizar todo o rodapé de uma sala. Os caloríferos são eléctricos e têm termóstato que permite ligar ou desligar a energia, a fim de se manter a temperatura constante desejada sem gastos inúteis.

O discurso do presidente durará cerca de 16 minutos

PARIS, 11 — (F. P.) — «Meus senhores, a gravação deve demorar uns 15 ou 16 minutos» — declarou o general de Gaulle ao dirigir-se aos técnicos que foram hoje de manhã ao Elíseu para gravar o discurso de presidente da República, que deve ser radiotelevisionado às 20 horas (de Lisboa).

De facto, o presidente da República não se enganou: o discurso demorou precisamente 15 minutos e 55 segundos. Como de costume, o general de Gaulle pronunciou a sua alocução de memória, sem deitar um único olhar para o papel.

O discurso de quinta-feira ao referendo sobre a regionalização e a situação económica e social actual do país.

AOS COMERCIANTES E PARTICULARES

ELECTRODOMÉSTICOS

IMPORTANTE

LEILÃO

HOJE E DIAS SEGUINTES, AS 15 HORAS

ESTRADA DE BENFICA, 705-B

(Mesmo no final, junto à Igreja)

Sem base de licitação — Pela maior oferta

De toda a existência, composta por GRANDES QUANTIDADES DE DIVERSAS MARCAS DE: Televisores, rádios de móvel c/ gira discos, frigoríficos, rádios, gravadores, aspiradores, enceradoras, máquinas de cozinha, candeeiros de tecto, de pé alto e de mesa, televisores ou móvel pés altos, fogões e caloríferos gás Cidla e C.ª, gira-discos, ventoinhas, caloríferos, panelas de pressão, secadores, máq. barbear, torradeiras, ferros, grelhadores, batedeiras, brinquedos, jogos, malhas e confecções para senhora e criança, em lã e fibras, loiças, televisão de projecção em écran, próprio para agremanação recreativa ou grande café, balanças de cozinha, fornos eléctricos, sistemas eléctricos para aquecimento de piscinas, salamandras e convectores para aquecimento e todos os restantes bens próprios do ramo. Igualmente serão vendidos frigoríficos, televisores e rádios usados, provenientes de trocas e ainda muitos artigos em mau estado, p.ª sucata ou recuperação.

Constituindo um importante leilão de muito interesse que recomendamos aos n/ clientes Comerciantes e Particulares.

SOC. DE LEILÕES
AV. DUQUE DE LOULÉ, 1
Telefs. P. P. C. (9 linhas)
532929 - 51498 - 532446

AFRA FILHOS, LDA.

Conta Universitária
BANCO DO ALENTEJO

Diário de Lisboa
juvenil
N.º 613
DOS JOVENS PARA TODOS

ROMEU E JULIETA

por Mário Gabriel Bonito

1) O FILME

Raramente teremos assistido a uma tão perfeita transposição de um texto literário como a que hoje se pode ver em «Romeu e Julieta» de Shakespeare por Franco Zeffirelli. Recordamos em apontamento, «Crónica familiar» ou «Dois irmãos, dois destinos», de Valerio Zurlini sobre o romance de Vasco Pratolini.

A obra de Shakespeare insere um conteúdo tão bem exposto que se torna fácil a qualquer apaixonar-se pela maneira como está urdida toda a trama.

Foi o que aconteceu com Zeffirelli, aqui bastante mais seguro do que na sua anterior «Fera amansada».

Preocupou-se o realizador em retirar do diálogo escrito, o que há de essencial para movimentar a acção, para justificar as reacções das personagens durante as sequências de bom acabamento.

Durante a primeira parte assistimos á exposição dos dois temas centrais do filme. O enquadramento social dos protagonistas, o amor que começa, desconhecendo as barreiras que o irão limitar.

Durante a segunda parte desenvolver-se-á a tragédia que surge da acção mútua entre a rivalidade Capuletos-Montéquios e o amor que os protagonistas pretendem levar além dela.

A primeira sequência é descritiva. Trata-se de mostrar o clima de vivência em Verona.

As duas sequências seguintes destinam-se a definir Romeu e Julieta, sendo, também, meramente descritivas.

A quarta sequência expõe já a defesa de um idealismo e de uma força criada pela amizade, aos quais se contrapõe a denuncia de uma perigosa inclinação para a violência. É nesta altura que se define a personagem de Mercúcio e a amizade que o liga a Romeu.

A quinta sequência é o baile. Numa ambiência extraordinàriamente conseguida de um colorido escuro e de uma iluminação baça, é descrito o início do amor entre Romeu e Julieta, perfeita integração de um quadro romântico. Enquanto uma bela ária é entoada por um ministrel, os rostos deles aproximam-se, acabarão por se descobrir. Repare-se na euforia que a câmara evidencia durante a dança, entrecortada por planos que nos mostram o ódio de Tebaldo. Repare-se nos grandes planos de Romeu e Julieta, na estupenda adequação imagem-diálogo, no jogo importante das mãos.

A sexta sequência conterá a clássica cena entre varanda e pátio. Aqui parece-nos estarmos bem longe de anteriores adaptações, pela comunicação estreita entre as duas personagens. Em lugar de nos integrar no diálogo de amor pelo afastamento das personagens, Zeffirelli dá-nos a união destas e distancia-nos pelas palavras que elas dizem.

A sequência seguinte descreverá a euforia de Romeu e o consequente encontro com Frei Lourenço. A cor e o cenário desempenham aqui grande importancia. Um ambiente verde dado pelas árvores frondosas, pela relva sobre a qual é filmada a corrida de Romeu.

Durante a oitava sequência são descritos o mundo fantasioso e irónico de Mercúcio, ironia que chega a uma pequena crítica de costumes quando da chegada da ama de Julieta para a entrevista com Romeu. Note-se a movimentação conseguida pela câmara a partir de uma descrição do trajo da ama que atingirá um limite durante a controvérsia entre ela e todo o grupo de Montéquios na praça.

A seguência seguinte será a de Romeu e a ama na igreja, na qual se contrapõe a tendência mística do primeiro com a religiosidade caricatural da segunda.

Depois, o regresso da ama com uma prévia descrição da impaciência de Julieta que dá a esta personagem uma imperfeita convicção da acção que irá desenvolver.

A primeira parte acabará no casamento. Os protagonistas afirmarão um desejo de amor que ultrapassa a mera formalidade que representa o acto religioso. De notável, a aproximação rápida da câmara no abraço.

A tragédia exposta na segunda parte será introduzida por Mercúcio, chegando á praça, coberta de uma poeira que salienta o calor exigido para as sequências dos duelos.

Chegamos aqui ao ponto mais importante sob o ponto de vista técnico, ao da utilização máxima de processos fílmicos.

A câmara mostrará uma mobilidade extenuante, mais visível no duelo entre Romeu e Tebaldo. Sublinhe-se entretanto o momento que segue a morte de Mercúcio e o trabalho de composição que prepara essa morte. A fraqueza súbita de Tebaldo perante a inconsciência do acto, a

(Continua na 4.ª página)

UM FILME SEM HISTÓRIA

por Gilberto Sancho

«Eu sou Bob Dylan» («Don't Look Back», cartaz do cinema Estudio) uma obra que se nos apresenta cinematográficamente muito mais como reportagem do que como filme em si.

E chamamos a atenção dos espectadores para os «desequilibrados» movimentos da camara ou para os ulanos rápidos e apenas informativos (nalguns casos) do filme.

Se perguntarmos se é uma obra válida como reportagem, diremos que sim. E dizemos que sim porque toda a reportagem vive da sua maior ou menor fidelidade em reproduzir a realidade. Neste caso parece-nos que Pennebaker foi bastante realista. E porquê? Pela simples razão de que é imparcial ao contar-nos a digressão do cantor pela Inglaterra. As entrevistas de Dylan; as sessões de ensaio, as sequências dos espectáculos, as referências a Donovan, etc., são um mostruário da realidade da obra. Essa mesma realidade, informa-nos de como uma propaganda comercializante pode mitificar um artista. Reparemos nessas raparigas que permanecem frente ao hotel onde se encontra o «ídolo», horas infindas e que se sentem satisfeitas só de o verem lá no alto, na janela.

Mas reparemos, ainda, como Dylan: luta contra essa mitificação, nas entrevistas que dá e chamando a atenção dos entrevistadores para a alienação em que vivem. Recordemos neste ambito a sua conversa com o repórter da «Times Magazine» em que Dylan chama a sua atenção para o sectarismo da revista, interessada apenas na exploração do sensacionalismo, oferecendo ao publico uma informação desonesta, pois nunca falam de verdades.

O filme poderá ser criticado como sendo uma obra pouco cinematográfica porque maçadora na sua monotonia técnica. E nesta crítica existem fundos de razão pois Pennebaker não se preocupou em demasia com o aspecto cinematográfico do seu filme. Preocupou-se, essencialmente, com a personagem central e limitou-se a ela. E dizemos, limitou-se a ela, pois dizer-se que Joan Baez e Donovan também fazem parte do elenco, não passa de puro golpe comercial. E é puro golpe comercial porque Baez e Donovan são apenas complementos de Dylan; emprestam os seus renomes musicais a um lançamento comercial da obra, apesar de se integrarem na mesma linha musical de Dylan.

Acentuemos aquilo que nos ficou de Dylan como pessoa. Um individuo excessivamente ambíguo, que nunca mostra aquilo que é na realidade, pois tenta a todo o momento esconder-se na habilidade da sua expressão social. Contudo a cena de copo em que Dylan se preocupa em saber quem tinha atirado o copo para a rua, talvez nos queira informar sobre o comportamento social do cantor. Essa preocupação existe porque Dylan põe a hipótese de o copo poder vir a atingir algum transeunte. Outra cena é a sua entrevista com o repórter da B. B. C. para os países africanos em que feita a pergunta de como tinha começado a sua carreira e de como tinha sido lançado, a resposta nos surge com um plano em que Dylan canta para um pequeno auditório negro, seguindo-se, depois, uma cena de Dylan actuando num teatro completamente repleto de publico. Ainda outra cena que marca a personalidade dylaniana é a entrevista com o estudante da Faculdade de Ciências em que Dylan diz preocupar-se com os seus amigos e basta.

Estas três passagens do filme são aquelas que poderemos adoptar para uma visão objectiva daquilo que, na realidade, Dylan é como pessoa. Mas um aspecto marca bem o comportamento social de Bob Dylan. Trata-se de um individuo que se limita a recolher uma série de dados do quotidiano e depois transpô-los para as suas canções, que apresentam um carácter descritivo bem vincado, no estilo interpretativo de Dylan. As frases surgem seguidas sendo as

(Continua na 2.ª página)

TERRAMOTO

por Francisco José Craveiro

às vezes lá vem no jornal
uma notícia lembram-se
daquela vez em agadir
uma cidade destruida
morreu muita gente
alguns ficaram soterrados
disseram dispensam funeral
não se preocuparam entre
eles e agadir está o mediterrâneo
ainda assim não é um
mar pequeno levará muito
tempo a sesar

POEMA

por Carlos Calado

mais perto é o sol:
vastos e em redor
os espaços pensados
progressivamente se conquistam

nos interstícios do tempo
é fértil a mão longa
que continuamente nos sufoca

silenciosamente
dispostos estamos
a outra oferta

Fotografia de ...

PANORAMA

EMIGRAÇÃO

O número de emigrantes que em 1967 saíram do distrito de Viana do Castelo elevou-se a 5117.

O contingente mais elevado foi absorvido pela França com 4336, seguindo-se o Canadá com 214. Para o Brasil não foram mais de 187 e sensivelmente o mesmo número para os E. U. A.

O AUMENTO DO CUSTO DE VIDA

Disse-se na Assembleia Nacional pela voz do sr. dr. Correia Barbosa, deputado por Aveiro, **que o aumento do custo de vida traz em permanente mal-estar toda a população, constantemente sobrecarregada com agravamentos ... sem que um poderoso dique a tal se oponha.**

Problema eterno, luta constante e persistente pelo desafogo económico, que se renova sempre e sempre sem se atingir a meta, pois que a uma vaga hipótese para encarar a paisagem de maneira mais desanuviada. O equilíbrio despesas/proventos vêem novas altas de preços **que vão desde a alimentação ao vestuário, desde as rendas de casa aos transportes,** a eternizar a luta do dia a dia e a apelar para novos esforços numa tentativa de subsistência digna.

Da ascensão do custo de vida que atinge normalmente os produtos de importância vital, os quais a nossa condição de seres humanos não pode recusar — **quantas vezes incontrolada e injustificada, sofrem por o rendimento do seu trabalho ou das suas actividades não poder acompanhar a vertigem dessa marcha** — criando-se assim — **uma situação que não pode continuar por incompatível com os recursos financeiros do povo, principalmente aos de mais modestos proventos.**

Precisamente estes são os mais afectados pelas altas de preços, que no dizer do deputado de Aveiro — encontra como vítimas do desequilíbrio entre despesas e proventos ... os pequenos funcionários públicos, os trabalhadores de fábrica, os funcionários de Justiça e muitos outros, vítimas de bandos de oportunistas que chamam a si a prática de alta de preços que nem sempre se alicerça em bases sérias e justas.

NÃO HÁ ECONOMIA SEM CULTURA, NEM PROGRESSO SEM INSTRUÇÃO. A INSTRUÇÃO E A CULTURA NÃO PODEM SER PRIVILÉGIO DE POUCOS, mas direito de todos, que é mister garantir através de um esforço em que o Estado e a Comunidade têm de empenhar-se a fundo com rapidez e em força, para serem recuperados, na medida do possível, atrasos deploráveis.

atrasos deploráveis. — Palavras do dr. Veiga de Macedo na Assembleia Nacional.

...sia, que já por duas vezes interrompeu a sua actividade didáctica no corrente ano lectivo, com manifesto prejuízo para as alunas, encontram-se privadas de aulas cerca de 30 crianças, que frequentam as 3.ª e 4.ª classes, correndo o risco da perda de ano.

O Século

(...) A sua (Vasco Morgado) concepção de que o público pretende teatro que o faça rir é algo que merecia polémica mais longa que não vem ao caso no momento — restará, sòmente, dizer que em minha opinião, não é esse o teatro que o público quer porque não é esse de que «ele necessita». Quando os produtores se convencerem desta afirmação tão verdadeira aqui como em qualquer ponto do mundo, talvez, pelo menos entre nós, qualquer coisa se modifique no meio teatral — para melhor, evidentemente no que respeita ao lucro do empresário e à satisfação do público. E não se pense que quando afirmo isto, quero dizer que o teatro para rir está fora de questão. De forma alguma — é possível fazer rir dando-se ao espectador o tal teatro que «ele necessita».

Não o entendem assim os nossos empresários e o caminho que seguem é outro. Oferecem ao espectador teatro para rir — sem qualquer outra finalidade, intenção ou significado. Nesta linha há ainda que fazer duas distinções: O teatro para rir construído de maneira que não ofende a maltratada inteligência e sensibilidade do espectador e aquele que baseia o riso exactamente nesse atentado.

— Orlando Neves, da crítica à peça de Claude Magnier «Quando Ela se Despiu».

HONRA AO MÉRITO!

«Apenas duas palavras, mas, mesmo modestas que elas sejam, julgo que o meu coração de português me obriga a ditá-las neste momento e neste lugar. E faço-o, gostosamente, como deputado pelo círculo eleitoral onde se encontra a sede do prestigioso clube português, o Sport Lisboa e Benfica (...) o calor das saudações que daqui quero dirigir a essa equipa portuguesa de classe única no desporto internacional e que, na noite de ontem, tão gloriosamente soube defender as cores do seu clube e a honra do desporto nacional. E fê-lo com a correcção e dignidade desportivas que constitui timbre dos bons filhos da nossa amada terra. Falo desta terra portuguesa de aquém-e-além mar, onde a variedade das etnias apenas tem o condão de criar a harmonia das almas. E a gloriosa equipa do S. L. B. bem exprime, na sua constituição, e no prestígio que goza além fronteiras, profundo significado hoje desafio português neste período tão conturbado no mundo das ideias e das acções, incluindo os desportistas, por ventos que nos vão atingindo soprados dos quadrantes mais díspares.

Eis porque termino dizendo aos desportistas do Benfica: «Bem hajam por Portugal».

— Eng.º André Navarro na Assembleia Nacional.

«Era jovem, e os jovens merecem que os adultos não lhes antecipem as amarguras. A vida se encarregará de lhes mostrar que toda a experiência é uma cicatriz onde a ferida continua a doer.»

— Miguel Torga, Diário Vol. X.

A PEÇA «TANGO» está a alcançar um agradável êxito num dos teatros de Lisboa.

O jornalista pergunta a Amélia Rey Colaço:

— Não previa, então, este êxito?

— Principalmente, não esperava uma exaltação desusada como esta da parte do público, assim como não esperava uma tal adesão da gente jovem. Tudo isto me deixa extremamente feliz

Acontece sempre assim quando se dá bom teatro ao público. E Amélia Rey Colaço poderá ficar com a certeza de que contará SEMPRE com a adesão dos jovens aos seus espectáculos, desde que, evidentemente, nos dê BOM TEATRO e não as pepineiras como «As 3 Perfeitas Casadas», «A Locomotiva» e quejandas.

As palavras são agora da actriz Mariana Rey Monteiro: «Começa a haver um público interessado pelas peças de discussão.»

«Começa» talvez seja um modo de falar. Público desse género sempre existiu e há-de continuar a existir. Esse público na sua grande maioria jaz adormecido. E o que ele precisa são baldes de água fria para acordar e não coceguinhas para que durma durante mais tempo.

E volta-se às palavras de Mariana Rey Monteiro que, segundo se depreende, talvez preferisse as gavetas com dinheiro aos montões do que o cultivo do BOM TEATRO:

«Com «Tango» prova-se que os espectadores portugueses também querem teatro de qualidade. Se eu soubesse a razão dos êxitos em teatro, estava rica, tal como teria acontecido a minha mãe e a meu pai...»

FOMENTAR O DESPORTO?

A Câmara Municipal de Lisboa concedeu m subsídio de 27 000 contos ao Benfica e ao Sporting:

«A iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa é demonstração clara e insofismável de como, nesta parte da Europa, se fomenta o desporto. Que o mesmo é dizer de como não se fomenta o desporto.»

OS AUMENTOS DE PREÇOS NÃO FORAM SENSIVEIS!

«Desde que entraram em vigor as novas tabelas relativas ao comércio de carnes frescas e congeladas vem-se verificando, também nas Caldas, uma diminuição sensível de vendas.

O retraimento não se compreende muito bem pois os aumentos de preços, referentes aos que eram praticados, não foram, como já frisámos, sensíveis.

Num caso o excesso é de 2$00: de 56$00 para 58$00 no lombo e na vazia. No outro foi de 4$00 na carne de 1.ª categoria que se vendia a 46$00 e está agora tabelada por 50$00.

Gazeta das Caldas

SOBRAL DA ADIÇA — Devido ao estado de saúde de uma professora da escola primária desta fregue...

UM FILME SEM HISTÓRIA

(continuação)

pausas, nalgumas vezes, preenchidas com sons de harmónica muito próximos da cadência entoante característica do cantor. Reparemos que Dylan se limita a essa recolha do quotidiano não se interessando nada com o que as pessoas pensam ou venham a pensar de suas canções.

O filme parece-nos válido para aquelas pessoas que se interessam por este género de musica, ou seja, o filme só poderá ter aceitação por parte de uma massa jovem informada sobre as características de uma «folk-music».

Não podemos esquecer que o aspecto social da obra de Dylan nunca nos chama a atenção no decorrer do filme, o que nos poderá levar a acentuar uma certa desumanização da personagem. Mas se essa desumanização existe é pura e simplesmente devido ao carácter descritivo que Pennebaker conferiu ao filme. Esse carácter descritivo rouba ao espectador a possibilidade de integrar-se na obra, pois limita-se a ver, sem nunca ter tempo de reflectir. Não esqueçamos que o filme se desenrola em grande parte, num ritmo bastante acelerado. Daqui podermos afirmar que «Eu sou Bob Dylan» é um filme que «não conquista adesões».

Reparemos na aceitação que um cantor norte-americano vem encontrar na Inglaterra. Mesmo sem compreender o poema de algumas musicas, o publico jovem sente-as e entusiasma-se com elas. Daqui verificarmos que Dylan é um cantor de e para a juventude.

Notemos ainda a cena em que a «mulher do xerife» é apresentada a Dylan. Aqueles três filhos e todo o diálogo que nessa altura se desenrola é uma hábil crítica à sociedade inglesa e seu formalismo.

É claro que se dissemos ao princípio que esta obra de Pennebaker é simples reportagem cinematográfica, daí querermos dizer, também, que toda a riqueza do filme, no seu conteúdo, poderá surgir a partir desse relato do real. Essa riqueza concentra-se na interpretação que vamos dando às variadas cenas do filme.

Dylan aparece-nos como símbolo de uma juventude que se sabe alienada e que deseja a todo o custo a sua desalienação. Esse desejo de desalienação simboliza-o o cantor não só no seu comportamento perante a série de reaccionários que enfrenta como também nos poemas da maioria das canções.

É claro que se trata de um filme com suas limitações. No entanto é uma experiência interessante contactarmos de mais perto com intérpretes da musica actual que conhecemos apenas de discos.

Quando atrás dissemos limitações queríamo-nos referir à facilidade da cinematografia de Pennebaker, que não passa de técnico, nunca interferindo como verdadeiro realizador nesta sua obra.

Para terminar, notamos um certo paralelo entre esta obra de Pennebaker e «Os quatro cabeleiras do após-calipso», de R. Lester, situando-se as duas obras num esquema cinematográfico idêntico; embora em Lester notássemos muito mais a interferência do realizador na direcção não apenas técnica do filme.

3 POEMAS DE AGOSTO

por José Cerejeira

I

Havia
rastos de luz
no ar apagado.
O último barco entrou no porto
e algo de novo se notou
na monotonia dos gestos;
os poemas em folhas amarrotadas
adquiriram uma nova expressão
e as mãos continuaram,
pacientemente, frenèticamente,
agarradas a uma vida inútil.

II

As últimas aves pousaram
no fio interminável dos dias,
e fizeram com que cada gesto fosse novo,
e cada palavra significasse algo mais;
descobri que em cada manhã havia um sol
diferente

III

Mas as bicas continuaram a ser iguais
no monótono ruído dos cafés.

RECEPÇÃO

crítica aos trabalhos recebidos

por Alice Vassalo Pereira

R. T. F. (Cadaval) — Só porque não queres ir parar à «vala comum» do Juvenil, como dizes, aqui vai uma referência à parte que, no entanto, serve apenas para te dizer que os teus poemas são muito fracos, sem salvação possível. Mas se queres continuar a escrever, por que não?

JOSÉ S. C. (Lisboa) — Na realidade os teus poemas trazem a marca nítida do principiante. Mas isso não é doença que mate ninguém — pelo menos no teu caso... Por exemplo, o teu poema **«Com o cantar do galo»** não nos diz nada porque tu falas de cor, de uma realidade que conheces superficialmente e em que não te integraste. Por isso resulta num acumulado de lugares-comuns, que toda a gente diz — especialmente no Natal, que é «quando todos temos muita pena de todos... «Mas os outros poemas já mostram qualquer coisa diferente. Vai lendo o mais que puderes, aproveita a tua própria experiência, e dá notícias. A **«Infância»** será publicada. Digamos que é um incitamento...

M.ª F. SILVA (Porto) — Com franqueza, diz-me lá se já não estamos todos mais que saturados de coisas como

«hoje choveu!
O dia despertou triste
a manhã nasceu descon-
[tente...»

ou

«Tenho as mãos vazias
o coração distante...»

E ainda por cima todas estas palavras tão... tão... complicadas e com tão forte cheiro a bafio: **«acérrima»**, **«fastidioso tédio»**, **«o vento da desdita»**, **«o mar da incerteza»**, **«carpir penas»**, **«horrenda ave»**, etc. Se queres escrever para os outros, para lhes dares qualquer coisa de ti, então estamos muito mal... Mas se é por pura diversão, já não tenho nada com isso.

J. A. M. ROSA (Lisboa) — Não há ninguém que, na tua idade, não tenha também sentido essa terrível necessidade de escrever poemas... (Somos um País de poetas, não há duvida...) Geralmente acabam por ficar por aí. Mas há quem continue. E até consiga qualquer coisa. Por isso é difícil dar-te uma opinião acerca dos teus poemas. Por enquanto são bastante fracos e a única coisa que tens a fazer é continuar a ler. Deixa passar mais uns tempos e depois logo se vê, está bem?

FRANCISCO S. (Braga) — [illegible]

J. A. B. (Funchal) — Se eu não conhecesse já sobejamente as tuas fúrias, os teus súbitos ataques, até era capaz de me zangar contigo desta vez. Mas eu sei como é. Daqui a dias vem uma carta a dizer o contrário e que não pensaste, e etc.... Ora então tu querias que os teus contos viessem no «Juvenil» todas as semanas? E os dos outros? Tu já és bem conhecido da casa (realmente custou um bocado, mas lá foi...), e agora teremos de dar a vez a muitos que também pretendem um lugarinho. Não houve quaisquer problemas; os contos estão prontos para aparecer e brevemente sairá um deles. Mas não queiras tudo ao mesmo tempo! O «Juvenil» também não é só feito por mim...

M.ª JOÃO O. R. P. (Lisboa) — Queres então que eu **«diga coisas»** .. Elas aí vão. O último conto que mandaste, **«O Mundo Dele»**, era realmente fraco, daí a razão da sua não publicação. Este também não me parece muito famoso. Muito vago, muito a atirar para o intelectual-à-pressa, dilui-se todo entre os nossos dedos. Repara que o teu conto que foi publicado era um conto vivo, autêntico, tratava de coisas e pessoas, pessoas com um nome, pessoas que todos nós conhecíamos mesmo com outros nomes, era um conto tirado do quotidiano. Não te metas agora num caminho que não é o teu, está bem? Tudo o que te digo é válido igualmente para os poemas.

J. A. B. (Funchal) — Se eu não conhecesse já sobejamente as tuas fúrias, os teus súbitos ataques, até era capaz de me zangar contigo desta vez. Mas eu sei como é. Daqui a dias vem uma carta a dizer o contrário e que não pensaste, e etc.... Ora então tu querias que os teus contos viessem no «Juvenil» todas as semanas? E os dos outros? Tu já és bem conhecido da casa (realmente custou um bocado, mas lá foi...), e agora teremos de dar a vez a muitos que também pretendem um lugarinho. Não houve quaisquer problemas; os contos estão prontos para aparecer e brevemente sairá um deles. Mas não queiras tudo ao mesmo tempo! O «Juvenil» também não é só feito por mim...

A. MADEIRA (Lisboa) — Realmente o teu último conto mostra um pouco a tua desorientação. Prefiro esperar por mais trabalhos teus.

A. M. S. T. (Covilhã) — Não percebo muito bem o que pretendes ao pedires-me que faça uma crítica ao teu poema «Só para ti». De qualquer modo ela aí vai. O teu poema é muito fraco. Digamos que é um poema bastante atrasado no tempo...

«A vida é uma fuga
cada passo seu é um cemi-
[tério...

(...)

Porque ele é o amor e o ódio
[juntos
ele é o demónio.»

Isto estaria bem (estaria mesmo?) lá para os tempos do nosso ultra-romantismo. Mas é preciso não esquecer que tudo evolui. Tudo. Menos o teu poema.

FLORENTINA (Ponte de Frielas) — Bom, tu insistes e eu faço-te a vontade. Pelos poemas que anteriormente mandaste, eu incluí-te no grupo dos que (...por enquanto não têm qualidade..., etc., etc.»... Com esta nova remessa estou quase tentada a tirar o «por enquanto» que, como o teu pai muito bem descobriu, era uma espécie de esperança...

A poesia é uma coisa muito séria para se poder brincar com ela. Não se pode alinhavar meia dúzia de palavras e depois dizer «isto é um poema». Ora os teus poemas não têm o mínimo interesse, são uma choradinho pegado, tenho impressão de que já nem sequer os cêguinhos os aceitavam para o seu repertório. Diz-me só, com a máxima franqueza, que poesia poderá alguém encontrar naquele poema-diálogo entre a Maria e o Rui que estava cego:

«Maria.
Não posso mais
quero olhar-te
conhecer o nosso filho

E a Maria diz que não lhe tira a venda dos olhos porque o médico proibiu. Mas ele quer que ela tire a venda. Tira, não tiro, acaba ela por tirar (está fraqueza feminina...)

«Um grito
rompe o silêncio
— Não os vejo!
E o menino exclama
assustado:
O Paizinho
tem dois buracos!»

Não, minha amiga, assim não nos entendemos. Brincar com coisas sérias é muito feio. O teu pai nunca te disse isso?

J. CEREJEIRA (Lisboa) — Os teus poemas têm momentos bons e maus. Quando tomas um tom mais coloquial, como sucede, por exemplo, no **«só isto, mãe»**, o poema consegue prender a nossa atenção. Digamos que a tua poesia está a começar a descobrir-se. Espero mais poemas teus, que estes parecem-me um bom começo.

A. M. PINTO (Porto) — Dos teus poemas apenas um me parece ter **algumas** possibilidades: **«com direitos iguais»**, embora ainda num tom um tanto demagógico. Dos outros não falamos, está bem? Pelo menos até nova colaboração. Evita as grandes exclamações, as comparações - mais-que-batidas como, por exemplo, **«Livre como passarinhos»**, **«lábios como brasa de carvão»**, e quando quiseres dá notícias.

R. H. VASCONCELOS (Almada) — Eu não disse que os poetas não podem ser tristes. As pessoas podem ser o que quiserem, não tenho nada com isso. O que eu quero dizer é que de nada vale um poema cheio de lamúrias do princípio ao fim porque isso não convence ninguém. Nestes teus últimos poemas — como fugiste a essa pieguice que afinal talvez em ti nem seja natural — resultaram melhor. O poema **«Exaltação»** por exemplo, apesar dos vários lugares - comuns que abriga lá pelo meio, promete já qualquer coisinha... Vamos a ver o que a nova formada nos traz.

H. FERREIRA ROSA (Lisboa) — Os teus poemas vão progredindo de carta para carta. Por minha vontade todos os teus poemas já teriam sido publicados mas deves compreender que a minha vontade, muitas vezes, fica-se na vontade porque não pode ir mais além... O teu conto também me agradou, está bem construído, soubeste tirar efeitos novos de um tema perigoso porque se corre sempre o risco de cair na demagogia, além de já ser muito batido. No entanto tu puseste algodão nos ouvidos, não ouviste a voz das sereias e conseguiste ultrapassar tão isso. Tanto em poesia como em prosa, o «Juvenil» está à tua disposição. (Gostava que me mandasses a tua morada, fazia favor?)

ADRIANA (Coimbra) — É muito má táctica, esta de «explicares» prèviamente o sentido do teu poema para que as pessoas o entendam. Um poema tem de comunicar por si próprio e não por quaisquer explicações anteriores. Ora é essa comunicação que tu não consegues dar aos teus trabalhos. Acredito e compreendo o que pode significar para ti, **pessoalmente**, o facto que pretendes relatar. Mas a poesia não é panaceia para os nossos males. Espero que não vejas nisto qualquer má vontade ou aborrecimento em relação à tua carta. Podes escrever quando quiseres, mas receio que os teus trabalhos não melhorem muito. Pelo menos por estes tempos mais próximos. (Já agora um reparo: o título que deste a um dos teus poemas — **«Título qualquer serve»** — pertence a uma obra da grande escritora que foi Irene Lisboa).

GILBERTO SANCHO (Lisboa) — O teu trabalho sobre os poemas de Sainz-Trueva tem certo interesse — embora eu, pessoalmente, discorde da tua definição de surrealismo que por lá aparece. Mas isto daria motivo para uma longa discussão... E se essa discussão vier, ela será bem-vinda se ajudar à compreensão da questão. Se quiseres podes mandar mais trabalhos deste género. Cá os espero. Quanto à entrevista pareceu-me de menos interesse — e já era muita coisa sobre uma pessoa só, não achas? Vamos guardá-la para daqui a mais uns tempos. No que respeita à crítica de cinema, essa parece-me um bom começo embora também possa ser ponto de discórdias... Prepara-te para possíveis ataques...

A. P. SANTOS — O teu poema **«Bruscamente»**, além de ser todo ele um conjunto de frases herméticamente vedadas à inteligência e compreensão dos pobres mortais que somos nós

(por ex.:

«amálgama de graves em
[traços
perpendiculares e difusos
clareiras de filantropia ar-
[rancada
na luz fugida do solo»)

está mais do que sobrecarregado de adjectivos. Os substantivos, as palavras bem escolhidas, não precisam de muletas para se apoiarem. O essencial tem de estar nelas próprias.

J. SEQUEIRA (Lisboa) — O teu **«realmente»** é muito débil, coitadinho. Quanto ao conto, embora tenha ainda bastantes falhas (por vezes cai um pouco no lirismo piegas, num insólito forçado), consegue ter um certo interesse e por isso vamos publicá-lo. Mas sem o «post-scriptum». E trata de melhorares, está bem?

CASANOVA VENTURA (Póvoa de Varzim —

«silêncio no redor acólito
[das almas vagueantes
que nas noites de desespero
[e de nória ânsia
descem os montículos espes-
[sos dos ossos carbonizados
para docemente diluirem as
[inflicções angustiadas.
Um brilho difuso na vulgari-
[dade imagente da lousa
... etc.»

Palavra? Palavra que não sabes a diferença entre um bom e um mau poema? Palavra que pensas que isto é um bom poema? O que é que tu tens lido até agora? Em que mundo vagueias?

J. F. ALMEIDA (Viseu) — Não percebo o que pretendes com a tua carta. Com certeza que não pensas que a vamos publicar. E com certeza também que não pensas que me estás a dar novidades... Portanto o máximo que posso fazer é — como se diz em linguagem comercial — acusar a recepção da tua carta...

A. CASTRO (Almada) — Estes dois últimos poemas não estão muito famosos... Derrapam nas rasteiras da demagogia, uma coisa a que tu, até agora, tinhas conseguido evitar. Mas isto deve ser do mau tempo, com certeza. Esperemos melhores dias.

MARGARIDIO E. (Lisboa) — Não sei se sabes que o Carnaval já passou. Além disso, se te interessa a minha opinião (do que duvido...), não me diverti nada com as piadas...

H. PERFEITO (Lisboa); **A. JORGE** (Amadora); **M.ª ISABEL G. M.** (Alcobaça); **CARLOS A. B. P.** (Mondim de Basto); **J. M. CASIMIRO** (Lisboa); **M.ª PAULA R. R. SILVA** (Lisboa); **SÉRGIO B.** (Coimbra); **ALFREDO** (Montijo); **NINETTE** (Coimbra); **P. ALBUQUERQUE** (Lisboa); **J. J. NUNES** (Lisboa); **ÓSCAR JOSÉ A. L.** (Lisboa); **M.ª AMÉLIA S. e J. M. S.** (Lisboa); **LUÍS J. L.** (Coimbra); **JOÃO CARLOS B. P.** (Lisboa); **C. POMBO** (Sacavém); **A. E. S.** (Lisboa); **JOSÉ A. Q. L.** (Coimbra); **RUI P. S.** (Porto); **JOSÉ V. DIAS** (Lisboa); **JOSÉ L. D.** (Pinheiro de Loures); **D. ALFREDO G.** (Silves); **M.ª MANUELA S. R.** (Queluz); **M. V. H.** (Vila Real); **J. SIMÕES** (Lisboa); **JOAQUIM S. S.** (Paço de Sousa); **MOISÉS** (Lisboa); **C. M. C. GUERREIRO** (Lisboa); **M.ª MANUELA F. G.** (Barcarena); **A. TROPA** (V. V. Ródão); **L. M.** (S. Mamede de Infesta); — As vossas produções não têm, por enquanto, qualidades que justifiquem a sua publicação no «Juvenil».

A TERRA POR ROER

por António Sena

Os homens trabalham sobre a terra e sob a terra os homens trabalham no arado por andar no corredor por correr no amor por aparecer com a força dos baços e a largura do riso a esconder as lágrimas assim se cresce — com a força da terra por roer, um dedal por dentro de dentro do corpo uma tesoura sem cortar o que de dentro do corpo sai sem se roer.

INFÂNCIA

por José Vaz S. Carvalho

Um vácuo invencivel
como um cheiro a bafio
vindo de eras remotas
a saudade da infancia
estranha museu
de corredores escuros
uma madeixa loira
um triciclo sem rodas
fotografias esquecidas.

AMANHÃ AINDA HÁ MOSCAS

por João Manuel R. Martins

havia vento. na encruzilhada está uma cruz de pedra branca aborrecida parece que ali morreu alguém. o rapaz puxou pelo burro que gingava com os canecos nas albardas e o burro escorregou nas lajes polidas. jòòò. o surdo-mudo tentava abrir a porta da adega depois de ter subido os altos degraus de pedra enegrecida, sob o carvalho duas mulheres conversavam na encrusilhada ao vento. no caminho poeirento da fonte o burro escolheu o seu caminho por entre as pedras gastas e cruzou-se com uma mulher de bilha á cabeça que olhou o rapaz. boas tardes. no tanque estavam três mulheres a lavar. uma era nova e outra era velha e a outra teria uns quarenta anos. as mulheres daqui são muito queimadas. as mulheres daqui são castanhas. boas tardes. o rapaz encheu um caneco. as moscas afligiam o burro e o burro inquieto afligia-o a ele. as moscas sempre são uma chatice. tentou encher depressa o outro caneco. entornou água. o burro sentiu que tinha sede mas o rapaz não deu por isso. do caminho de cima apareceu um caçador que disse boas tardes mas as perdizes só olharam melancòlicamente. o rapaz acabou de encher o caneco e pegou na arreata do burro depois de ter atado os panos que fechavam as bocas dos canecos. a rapariga nova que tinha estado á espera foi dar á bomba para encher o tanque. ainda há moscas. amanhã é muito provável que ainda continue a haver água e o burro não apanhe uma pneumonia e as comadres a gostarem de dar á língua. é mais que certo que amanhã ainda há moscas. quando o rapaz se afastou a puxar pelo burro o caneco da direita ia deixando cair pingue-pingos no caminho de pó e as mulheres que lavavam olharam o rapaz e o burro e os pingos com o olhar de ver as pessoas afastarem-se.

a mulher que subira o caminho passou para baixo com a bilha já sem água. na encruzilhada as comadres conversavam ao vento. a cruz tinha um ar abatido. o surdo-mudo estava a sair da adega e levantou o braço. o rapaz levantou o braço. ao burro custou subir carregado as pedras gastas da curva. um cão ladrou-lhe mas o burro não ligou absolutamente nenhuma. quando chegaram a casa o rapaz despejou os canecos e enxotou as moscas do burro. as moscas sempre são uma chatice. e voltou á fonte com o burro.

na encruzilhada as comadres ainda tagarelavam e o burro escorregou nas pedras lisas e a cruz com a sua cara de poucos amigos. uma mulher com uma bilha á cabeça cruzou-se com eles. boas tardes. no tanque estavam quatro mulheres a lavar. o burro agitava a cauda e arrepiava o pêlo para enxotar as moscas. as moscas sempre são uma chatice. amanhã

ROMEU E JULIETA

(continuação da 1.ª página)

(Continuação da 1.ª página)

máscara de fúria de Romeu que o levará a uma opção violenta justificada na morte de um amigo.

Segue-se o pedaço de obra-prima contido no filme: o duelo Romeu-Tebaldo. Toda a equipa técnica expõe um trabalho profundamente estudado. A montagem que nos lega uma continuidade de acção (sublinhe-se a queda da espada em perspectiva longitudinal que sucede uma perspectiva lateral com as personagens num plano superior, como num palco). A mudança de posição da câmara que dentro do recinto filmado, sucede os planos obtidos de diversos ângulos, circulando em volta das personagens, em aproximações e distanciamentos. Depois a corrida de Romeu dada com uma verdade genial, a entrada na praça, a luta corpo a corpo. A violência está ali evidenciada e a mistura de efeitos tais como a poeira que invade o écran toma lugar de relevo.

A exposição da ideia que esta sequência inclui terminará com o monólogo do príncipe perante os cadáveres de Mercúcio e Tebaldo.

Seguidamente vemos os protagonistas integrados, isoladamente, no ambiente da tragédia.

O que prossegue será a aproximação última do amor em vida de Romeu e Julieta e o afastamento pela introdução de uma nefasta realidade. A beleza formal da cena de amor vive grandemente do ambiente escuro em que se desenvolve e da juventude que se desprende dos corpos e rostos dos protagonistas.

É a altura de se mostrar a reacção dos pais de Julieta perante os acontecimentos. Aparece a incapacidade daquela na resolução que siga a sua sinceridade, uma vez cortada a estima pela ama que lhe aponta uma solução de compromisso.

Repare-se, na sequência seguinte, durante o diálogo entre Frei Laurence e Julieta, na redução, do rosto da última pela expressão do receio, medo esse também estampado em Frei Laurence na pouca convicção da sua atitude.

Inicia-se o culminar da tragédia durante o enterro de Julieta e na notícia que levará Baltasar a Romeu.

A penúltima sequência conterá os monólogos de Romeu e Julieta antes da morte. Funciona novamente a distanciação pelas frases dos personagens, o espectador perante a estreita relação delas. A tragédia está levada ao fim com a força necessária dos últimos grandes planos de rostos.

O discurso do príncipe diante dos corpos liga o acontecimento morte com a sua inutilidade perante os dois jovens alheios à também inútil rivalidade que é causa primeira dessa morte.

Consideramos importantes as imagens que servem de fundo ao genérico apresentado no final do filme. São bastante significativas e denunciam a tese de Zeffirelli.

2) A INTERPRETAÇÃO

A interpretação de «Romeu e Julieta» situa-se a um nível superior. Criações autênticas as de Olivia Hussey, Leonard Whiting, John McEnery.

A primeira com momentos francamente notáveis: cenas da varanda, último diálogo com a ama, monólogo junto do cadáver de Romeu. O belo rosto de Olivia Hussey desempenha um papel importante na sua actuação. O seu jogo fisionómico desdobra-se para atribuir a cada sentimento uma verdadeira entrega, ao espectador. O comportamento saltitante da sua personagem está expresso na frescura com que movimenta o seu corpo, na adolescência que se desprende dos seus gestos.

Quanto a Leonard Whiting prossegue uma actuação bastante mais homogénea no sentido da verdadeira criação de um temperamento conturbado, repartindo-se entre um idealismo positivo e a frustrada adequação do seu amor ao enquadramento em que nasceu. O seu rosto exemplifica sempre todas as justificações dos seus actos, durante a sucessão dos acontecimentos. Ele espelha a convicção de certos momentos (v.g. duelo) e a dúvida perante a inconsistência dos problemas que enfrenta (v.g. baile, desorientação que sucede a morte de Tebaldo).

A terceira personagem importante (Mercúcio) conhece outro dos momentos altos da película: a actuação a nível excepcional de John McEnery. Ele dá-nos o temperamento viscoso da personagem, dividida entre uma argucidade e uma insegurança.

Bons trabalhos de composição por parte de Pat Heywood na ama e de Milo O'Shea em Frei Laurence.

3) A FICHA TÉCNICA

Resta-nos o estupendo trabalho da ficha técnica para nos transmitir Shakespeare, através da fotografia (Pasquale de Santis), guarda-roupa e cenários (Danilo Donati e Christiane Edzard), e para exprimir o pensamento de Zeffirelli, bem ajudado por Franco Busati na extracção do argumento cinematográfico, aliado ao bom trabalho de montagem (Reginauld Mills) e à adequada banda sonora tão magnificamente criada por Nino Rota que aprenderemos a conhecer em «Rocco e seus irmãos».

4) COMENTARIO

Zeffirelli enfileira, assim, na lista dos grandes nomes do cinema mundial. É importante salientá-lo uma vez que, infelizmente, as obras que nos visitam raramente têm o mínimo de qualidade indispensável para justificar uma visão.

Casos como o de «Romeu e Julieta» são pouco frequentes e não queremos deixar de indicar que durante o ano de 1968 e princípios do que corre, há apenas um filme que poderá situar-se ao elevado nível que este atinge, no rol das estreias verificadas. Ele é «Petulia» de Richard Lester.

Aguardemos, no entanto, a reposição de «Rocco e seus irmãos» de Visconti que foi anunciada como provável para este ano. Vale a pena rever trabalhos que, longe de se cobrirem com a poeira dos anos, são, para nós, tremendamente oportunas. Já foi o caso, nesta época, da reposição do «Grito» de Antonioni.

OS MENINOS DO MAR

por José Agostinho Baptista

Na praia continuam a cantar a cantar e estão de mãos dadas e olhos brilhantes e os cabelos são louros louros e eles são minusculos; a musica desses meninos nus perpassa o vento frio que sobe das ondas e se expande e uiva e uiva; mas acima de tudo as vozes frescas que não calam não cansam e só continuam sua melancolia pela tarde; na praia estão sós estão sós eles os meninos sem pais eles os filhos das ondas eles os restos em crescimento de uma região longinqua; do mar vem sua voz e parece descer do céu e parece cair do sol e afinal é a voz dos meninos do mar; talvez a tarde seja eterna talvez nada morra mas há um lamento a perder-se no ar; mais além mais além depois das árvores muito altas muito despidas que se abanam sem pressas mas como num estertor da morte aí os homens vivem onde se vê um relevo escondendo a planície vivem aí aonde nunca chega a musica; porém os meninos continuam a cantar e mexem o corpo suavemente num ritmo inalterável e os olhos oh os olhos são ainda perdidos e remotos e tristes com a memória dos pais mortos; abrem-se as bocas e fecham-se e abrem-se como o vai vém das ondas morrendo em espuma sobre a areia; agora os meninos sentaram-se e batem palmas num movimento compassado e leve enquanto as árvores ainda se abanam como que numa dança grotesca perdida no tempo; e tempo tanto poderá ser feito de horas como de anos como de séculos ou até menos ou até mais e não se sabe desde quando eles existem na praia nus e a cantar; e vento uiva sempre sempre e os meninos cantam cantam mas o vento teima e uiva e faz espuma no mar; a tarde segue igual e o tempo sem medida e o eco das vozes a ir pelas ondas pela areia até bater no relevo da planicie que não deixa os homens escutar; anoiteceu bruscamente anoiteceu e os cabelos tornaram-se prateados pelo reflexo da Lua anoiteceu e os meninos deixaram de cantar; sombras crescem e diminuem movem-se e param conforme os passos dos meninos que se dirigem devagar devagar para o mar; são vultos negros as árvores são vultos negros cumprimentando-se sem descanso e lembram fantasmas de uma história qualquer; os meninos já entraram no mar e o vento calou-se e o mar calou-se; agora só o silêncio das trevas é um silêncio de praia remota onde apenas se amava a musica dos meninos do mar; um a um eles vão descendo nas ondas: primeiro os pés depois o ventre enfim os cabelos; foi assim que tudo permaneceu imóvel e nem as árvores esboçaram brevemente um gesto e nem o mar mexeu e nem o vento arrastou areia; mas agora de novo o vento se move e uiva e traz frio do mar que lamenta e as árvores abanam-se como antigamente e tudo se repete; só que não se ouve a musica dos meninos do mar.